



**FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA-UNIFOR
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS**

Maria Helena Botelho Moreira de Deus

**FORMAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADE DE
BAIXA RENDA**

Fortaleza
2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

MARIA HELENA BOTELHO MOREIRA DE DEUS

**FORMAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADE DE
BAIXA RENDA**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Administração de Empresas da Universidade de Fortaleza, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre (a) em Administração.

Orientadora Profa. Dra. Danielle M. de O. Arruda

Fortaleza
2008

MARIA HELENA BOTELHO MOREIRA DE DEUS

**FORMAÇÃO DE CAPITAL SOCIAL EM COMUNIDADE DE
BAIXA RENDA**

Dissertação julgada e aprovada para obtenção do título de Mestre em Administração de Empresas da Universidade de Fortaleza.

Área de Concentração:

Linha de Pesquisa:

Data de Aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Professora Dr^a. Danielle M de O. Arruda
Orientadora e Presidente da Banca

Professor Dr. Tarcisio Leite
Membro da Universidade de Fortaleza – UNIFOR

Prof. Dr. Luiz Carlos Murakami
Membro da Universidade Federal do Ceará – UFC

Dedico este trabalho aos meus pais Rômulo e Fátima, pela incansável tarefa de educar e amar os seus filhos. As minhas irmãs Carolina e Mônica e as lindas sobrinhas Isabela e Luiza por todo o apoio. A minha avó Maria Helena, pelas inspirações e ao meu namorado Felipe por todo seu amor, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, a vontade de crescer e conquistar, a Deus, por haver me proporcionado esse crescimento na passagem de uma etapa em minha vida, dando-me forças para prosseguir nas realizações de meus sonhos.

A meus pais, Romulo e Fatima, que em todos os momentos me apoiaram e acreditaram, poder eu vir a dizer: “Painho e Mainha, sou mestra, obrigada!!!”

A meu namorado Felipe, pela compreensão integral.

Às minhas irmãs, Carolina e Mônica, às sobrinhas Isabela e Luiza, os cunhados Henrique e Rodrigo, por serem pessoas interessadas em fazer melhor nossa convivência diária.

Em especial, meu agradecimento a todos os moradores da comunidade do Sítio Mocotó, por me acolherem durante alguns dias, mesmo não pertencendo aquela comunidade. E por disponibilizarem seu precioso tempo na resposta a meus questionamentos.

À professora Danielle Arruda, grande orientadora, a melhor, permanecendo uma referencia de notória competência, no meu modo de julgar seu trabalho.

Ao componentes da banca examinadora, Professores Murakami e Tarcisio Leite, pelas sugestões e críticas construtivas, que em muito enriqueceram esta pesquisa.

Às grandes amigas, Joana , Manú e Faffa, pela lealdade demonstrada nos momentos de alegria, ansiedade, tristeza, angustia e o que mais possamos ter passado juntas.

Aos também amigos, Gustavo (mestre em Atlas T.I.), Lili (PhD em associações), Aroldo (meu conselheiro de plantão) Jarbas, Jaime, Silvana, Josie, os

meninos do Piauí, Alves e a Rosângela, por ter me emprestado todo seu acervo referente aos temas.

À amiga Ana Paula, que me abriu a primeira oportunidade de lecionar, e ao professor Sérgio Forte pela primeira experiência acadêmica realizada.

Aos professores: Marco Sena, (através de quem descobri o “porco que fala”); Eduardo Fontenele, Edmilson e Luciano Barim que voluntariamente se disponibilizaram a contribuir; e Heber Moura (pela dedicação transposta em suas aulas).

Agradeço, por fim, a Capes (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da Bolsa de estudos, que me possibilitou realizar este trabalho com afinco e dedicação.

A toda a equipe que compõe o Mestrado, em especial a Socorro, pelo calor humano e oferta da amizade.

Aos “Sonhos” que me implicam a ter fome de aprender.

Neste trabalho tem um pouco de cada um de vocês, muito obrigada!

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo geral: analisar a dinâmica de formação do capital social, à luz do modelo de Neto e Froes (2002). Para os objetivos específicos, investigou-se os fatores determinantes identificados por Neto e Froes (2002) no processo de formação do Capital Social em comunidade de baixa renda, avaliando-se a atuação destes fatores na formação do capital social da referida comunidade. A dissertação apresenta no primeiro capítulo a discussão teórica referente ao conceito de desenvolvimento local. No segundo tem-se a definição dimensões e modelos aplicativos sobre capital social. No terceiro capítulo por sua vez aponta o conceito de arranjos produtivos locais. Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa de natureza qualitativa, através de estudo de caso único. Foi utilizada, na coleta de dados, a pesquisa bibliográfica e documental, por meio da consulta de atas de reuniões e entrevistas semi estruturadas e de profundidade. Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo com o suporte do ATLAS TI. A dinâmica de desenvolvimento do Capital Social, na comunidade em estudo, não adota o modelo desenhado por Neto e Froes (2002). No caso investigado, constatou-se que seis fatores contribuem para a formação do capital social em uma dinâmica linear com assimetria.

ABSTRACT

The present dissertação has for general objective: to analyze the dynamics of formation of the capital stock, to the light of the model of Neto and Froes (2002). For the specific objectives, one investigated the determinative factors identified by Neto and Froes (2002) in the process of formation of the Capital stock in low income community, evaluating itself it performance of these factors in the formation of the capital stock of the related community. The dissertação presents in the first chapter the referring theoretical quarrel to the concept of local development. In as it is had definition applicatory dimensions and models on capital stock. In third I capitulate in turn points the concept of local productive arrangements. After that, the adopted metodológicos procedures in this research of qualitative nature are presented, through study of only case. It was used, in the collection of data, documentary the bibliographical research and, by means of the act consultation of meetings and structuralized half interviews and depth. For the analysis of the data, it was used analysis of content with the support of ATLASES YOU. The dynamics of development of the Capital stock, in the community in study, does not adopt the model drawn for Neto and Froes (2002). In the investigated case, one evidenced that six factors contribute for the formation of the capital stock in a linear dynamics with asymmetry.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

| | |
|--|----|
| 1 – Esquema gráfico desenvolvido a partir do modelo de capital social..... | 32 |
| 2 – Modelando uma teoria do capital social..... | 34 |
| 3 – Fatores determinantes do capital social | 44 |
| 4 – Os elementos formadores do capital social | 45 |
| 5 – Arranjo produtivo local, dimensões..... | 54 |
| 6 – Procedimento de coleta de dados | 60 |
| 7 – Fatores determinantes (1984/1985)..... | 79 |
| 8 – Fatores determinantes (1986/1987)..... | 82 |
| 9 – Fatores determinantes (1988/1989)..... | 86 |
| 10 – Fatores determinantes (1984/1989)..... | 89 |

| | |
|--|-----|
| 11 – Fatores determinantes do capital social | 104 |
| 12 – Dinâmica de formação do capital social | 105 |

Quadros

| | |
|--|-----|
| 1 – Características semelhantes em aglomerados produtivos locais | 50 |
| 2 – Etapas de análise de conteúdo | 67 |
| 3 – Transcrições e categorias (84/85) | 79 |
| 4 – Transcrição e categorias (85/86) | 82 |
| 5 – Transcrições e categorias (87/88) | 86 |
| 6 – Que motivo o levou a se associar..... | 95 |
| 7 – Quem fundou a associação? | |
| 8 – Dificuldades encontradas no período inicial | |
| 9 – Confiança entre os membros..... | |
| 10 – Preferência em trabalhar individualmente ou em grupo | |
| 11 – Disponibilidade em cooperar | |
| 12 – Solidariedade social..... | 99 |
| 13 – Benefícios em fazer parte do grupo..... | 100 |
| 14 – Formas de tomada de decisão | 101 |
| 15 – Participação nas reuniões | 101 |
| 16 – Importância da opinião para os outros membros..... | 102 |
| 17 – Ações elaboradas por membros externos | 105 |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 13 |
| 1 DESENVOLVIMENTO LOCAL | 17 |
| 2 CAPITAL SOCIAL..... | 26 |
| 2.1 Conceitos e definições | 26 |
| 2.2 Dimensões do capital social..... | 31 |
| 2.3 Modelos..... | 33 |
| 2.4 Mensuração de capital social: Fatores determinantes | 35 |
| 2.4.1 Fatores determinantes: Visão do Banco Mundial | 35 |
| 2.4.1.1 Grupos e redes..... | 36 |
| 2.4.1.2 Confiança e solidariedade | 36 |
| 2.4.1.3 Ação coletiva e cooperação | 37 |
| 2.4.1.4 Informação e comunicação | 38 |
| 2.4.1.5 Coesão e inclusão social | 38 |
| 2.4.1.6 Autoridade ou capacitação e ação política..... | 38 |
| 2.4.2 Fatores determinantes: Visão de Neto e Froes | 39 |
| 2.4.2.1 Confiança | 39 |
| 2.4.2.2 Cooperação..... | 40 |
| 2.4.2.3 Organização | 41 |
| 2.4.2.4 Iniciativa | 41 |
| 2.4.2.5 Solidariedade social | 42 |
| 2.4.2.6 Participação | 42 |
| 2.4.3 Condições antecedentes aos fatores determinantes | 43 |
| 2.4.4 Capital social: Modelo conceitual de Neto e Froes | 44 |
| 3 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL..... | |
| 4 METODOLOGIA..... | -- |
| 4.1 Natureza da pesquisa | 58 |

| | |
|---|-----|
| 4.2 Tipo da pesquisa | 59 |
| 4.3 Sujeitos da pesquisa | 60 |
| 4.4 Coleta de dados | 60 |
| 4.4.1 Pesquisa bibliográfica | 61 |
| 4.4.2 Pesquisa documental..... | 61 |
| 4.5 Entrevistas | 63 |
| 4.5.1 Entrevistas em profundidade | 63 |
| 4.5.2 Entrevista semi-estruturada | 65 |
| 4.6 Análise dos dados | 65 |
| 4.7 Estratégias gerais..... | 65 |
| 4.8 Análise de conteúdo..... | 66 |
| 4.9 Categorias..... | 68 |
| 4.10 Triangulação de dados..... | 68 |
| 5 RESULTADOS | 70 |
| 5.1 Pesquisa documental | 70 |
| 5.1.1 História da associação..... | 70 |
| 5.1.2 Análise de conteúdo | 78 |
| 5.1.2.1 Análise de conteúdo (1984/1985) | 79 |
| 5.1.2.2 Análise de conteúdo (1986/1987) | 82 |
| 5.1.2.3 Análise de conteúdo (1988/1989) | 86 |
| 5.1.2.4 Análise de conteúdo (três períodos) | 89 |
| 5.2 Entrevista em profundidade | 90 |
| 5.2.1 Iniciativa | 91 |
| 5.2.2 Confiança..... | 91 |
| 5.2.3 Cooperação | 92 |
| 5.2.4 Organização | 93 |
| 5.2.5 Solidariedade social..... | 94 |
| 5.2.6 Participação | 95 |
| 5.3 Entrevistas semi-estruturadas..... | 95 |
| 6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS..... | |
| CONCLUSÃO | 107 |

| | |
|-------------------|-----|
| REFERÊNCIAS | 110 |
| APÊNDICE | 117 |
| ANEXOS..... | 126 |

INTRODUÇÃO

O capital social é de notório conhecimento, com permanente inserção no cotidiano, mesmo que de forma intuitiva. As pessoas, geralmente, dedicam-se à formação de suas redes sociais, buscando a manutenção das relações entre amigos, familiares e vizinhos. Desta forma, constrói-se uma rede em torno de cada indivíduo. Estas redes podem ser ativadas caso haja situações conflitantes e ou crises. Podem, também, consagrar-se no entretenimento e para ajudar na busca de oportunidades. A falta de indivíduos, quando da composição de uma rede, pode trazer efeitos negativos, como, não conquistar a sonhada promoção no trabalho por não conseguir o contato certo (WOOLCOCK, 2001).

A expansão do conceito de capital social remonta à década de 1990, retratando o reconhecimento e a valorização dos recursos envolvidos em redes sociais, partindo-se dos princípios de que os atores sociais não se encontram isolados, mas envolvidos em estrutura mais ampla.

A discussão sobre o conceito de capital social vem sendo redimensionada no contexto atual das Ciências Sociais. Apresenta-se como uma nova maneira de promover o desenvolvimento das comunidades, associações profissionais e de bairros, ONGs, entidades filantrópicas, religiosas, cooperativas de produção entre outros.

Segundo Vergara (2004), mesmo sendo difícil de mensurar, o capital social embasa o êxito de crescimento e desenvolvimento de muitas regiões, enquanto que, sua ausência é responsável por muitos fracassos. Na comunidade do sítio Mocotó, localizado no município de Várzea Alegre, o capital social parece ser a tônica de uma rede de relações coletivas, inicialmente articuladas por Dona Rosinha e suas duas irmãs, Antônia e Francisca, três deficientes físicas que, através de seu trabalho de mobilização em parceria com a comunidade, conseguiram a ampliação de um incipiente Arranjo Produtivo Local (APL), beneficiando toda a comunidade e seu

entorno, gerando ocupação e renda em um cenário que, antes, não apresentava grandes perspectivas de qualidade de vida para seus moradores.

As estratégias adotadas na promoção dos Arranjos Produtivos Locais (APLs) ou Sistemas Produtivos Locais (SPLs) têm despertado com significativo interesse da parte de governos e instituições, com o intuito de promover o desenvolvimento de negócios.

O termo Arranjo Produtivo Local (APL) é a expressão usada para definir um aglomerado de empresas que se instalam em determinadas regiões, por razões análogas, formando uma organização industrial, geralmente constituída por pequenas e médias empresas, com fito de explorar e produzir segmentos industriais interligados.

Os objetivos desses pólos são, geralmente, determinados pelos recursos ou pelos mercados oferecidos em uma região específica, como por exemplo por determinada ramificação comercial, insumos específicos ou mão de obra especializada. A partir desse sistema, são abertas várias canalizações para o desenvolvimento técnico, proliferação de capital e aparecimento de novidades inerentes ao mercado.

O termo capital social desperta grande interesse em meio ao ambiente político e acadêmico internacionalmente, os estudiosos buscam soluções que permitam o aproveitamento do potencial de cada território, individualmente, de uma forma tal que não interfira no desenvolvimento de gerações futuras. Um dos principais pontos é a relação que o capital social mantém com o desenvolvimento de uma comunidade. Desta forma, pode-se analisar, paralelamente, a diversidade entre o grau de desenvolvimento das regiões, não com base nos indivíduos, isoladamente, mas sim em decorrência da conexão destes em redes de relacionamentos e estruturas sociais mais amplas (SCIPIÃO e AMORIM, 2007).

Diversos pesquisadores apontam o capital social como elemento fundamental para o fortalecimento da Democracia, ao transmitirem aos indivíduos a responsabilidade pelo desenvolvimento social, resolvendo problemas comuns e possibilitando o controle dos resultados (FERRAREZI, 2003).

Esta pesquisa pretende, pois, contribuir com os recentes estudos levados a efeito sobre os fatores que determinam a formação do capital social. Para tanto, analisou-se um estudo de caso único: a comunidade do Sítio mocotó, Localizada na Sede Rural do município de Várzea Alegre, a 351 Km da capital, no Sul do Ceará, contendo uma população de 36.367, ocupando o exagesimo nono lugar estadual no Rankig de renda per capita, com o valor anual de R\$ 325,00 por habitante (IBGE, 2007). Esta comunidade enfrenta dificuldades comuns das regiões nordestinas.

Durante décadas , a agricultura, foi a base da economia da comunidade, em tempo de colheita os agricultores trabalhavam em multidão, pagando a maior parte de seus lucro no aluguel de tratores. As famílias viviam em dificuldades, e cada vez mais critica por conta das secas. Os homens passaram a procurar emprego nas cidades próximas, gerando uma consistente evasão das famílias na comunidade.

Este trabalho se fundamenta na teoria abordada por Neto e Froes (2002), que apresentam os seis fatores determinantes do capital social, avaliando que uma *"comunidade que dispõe de capital social possui altos níveis de participação, organização, confiança entre seus membros, cooperação, solidariedade e pessoas dotadas de iniciativa"*.

Nesse contexto, desenha-se o objetivo geral do presente estudo: analisar a dinâmica de formação do capital social, à luz do modelo de Neto e Froes (2002).

Para os objetivos específicos, investigou-se os fatores determinantes identificados por Neto e Froes (2002) no processo de formação do Capital Social em comunidade de baixa renda, avaliando-se a atuação destes fatores na formação do capital social da referida comunidade.

A dissertação apresenta no primeiro capítulo a discussão teórica referente ao conceito de desenvolvimento local. No segundo tem-se a definição dimensões e modelos aplicativos sobre capital social. No terceiro capitulo por sua vez aponta o conceito de arranjos produtivos locais.

Em seguida, são apresentados os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa de natureza qualitativa, através de estudo de caso único. Foi utilizada, na coleta de dados, a pesquisa bibliográfica e documental, por meio da

consulta de atas de reuniões e entrevistas semi estruturadas e de profundidade. Para a análise dos dados, utilizou-se a análise de conteúdo com o suporte do ATLAS TI.

1 DESENVOLVIMENTO LOCAL

O conceito de desenvolvimento surgiu em meados da década de sessenta, ao ser publicado um artigo do pesquisador Dudley Seer sobre o seu significado. Nas décadas anteriores o desenvolvimento era medido apenas pelo Produto Interno Bruto (PIB), enfatizando principalmente o PIB *per capita*. Em seus estudos Sen (2000) ressaltou que o emprego, alimentação e igualdade são necessários para o desenvolvimento do ser humano (AROCENA, 1995).

Nas décadas de 80, as Nações Unidas estabeleceram uma nova forma de avaliar o desenvolvimento, com critérios centralizados nos indivíduo e na coletividade, envolvendo a socialização do poder, acesso a tecnologia e serviços públicos e a qualidade de vida (BOISIER, 2000).

A partir deste modelo, diversos pesquisadores apresentaram outras dimensões a serem analisadas e que influenciam o processo de desenvolvimento. Franco (2000) elencou como principais: a Físico territorial e ambiental, a econômica, a científico tecnológica, a político institucional, a sócio cultural.

Rufini, *et al.* (2003) destacaram cinco ações necessárias para que um processo de desenvolvimento logre sucesso. Neste sentido preconizam que seja observada: Criação de oportunidades de capitalização, sendo um processo de “oportunização” de acúmulo de valores pelas das comunidades; criação de benefícios sociais, objetivando influências sociais positivas na comunidade; igualdade na distribuição dos benefícios distribuído igualmente os bens gerados (financeiros, econômicos e sociais); eliminação da discriminação, conscientizando a comunidade visando acabar com preconceitos e discriminação; geração de mecanismos de participação da comunidade (cidadania), elaborando ferramentas que proponham efetiva participação dos membros da comunidade no desenvolvimento do projeto

Franco (2000) afirma que a totalidade do desenvolvimento acontece em âmbito local, podendo ser este local um município, distrito ou país. A definição de local ganha ares de alvo socioterritorial das atividades e passa, desta forma, a ser retrodefinido como uma espécie de âmbito atingido por um processo de desenvolvimento em andamento, geralmente quando o processo é planejado, pensado, promovido e ou induzido.

Benko (1999, *apud* Brito, 2006) adiciona os conceitos de local como a noção de um espaço onde ocorre a possibilidade da comunidade produzir e trabalhar de forma flexível, procurando adaptar-se aos avanços tecnológicos e aos novos padrões de consumo e de produtos. Os autores consideram o local como estratégia diversificadora dentro do processo de enriquecimento das atividades realizadas por um território, baseada na mobilização de recursos humanos, recursos naturais e econômicos. Tal processo de desenvolvimento atravessa uma descentralização nos níveis de decisões econômicas e políticas, procurando, em novas instituições e parcerias, os melhores meios de fazer a localidade crescer de maneira homogênea.

Uma referência pouco reconhecida do conceito de local constitui a idéia de comunidade. Nesta conceituação, o desenvolvimento local “troca a generalidade abstrata de uma sociedade global, configurada à semelhança e ou como suporte do Estado pelas particularidades concretas das múltiplas minorias sociais orgânicas que podem projetar [...] um futuro alternativo para a coletividade e, sobretudo, antecipar esse futuro em experiências presentes” (FRANCO, 1994, p. 17 *apud* FRANCO, 2000).

Em muitas situações, os espaços territoriais não nascem assim, de forma espontânea, como seria o ideal. Muitas vezes isso se opera pela falta de liderança, de instrução, de mentalidade do trabalho em grupo ou em virtude da ausência de todos esses fatores conjugados.

Neste contexto, Oliveira (2000) entende por território, não apenas o simples quadro físico, como também: o ambiente onde se estabelecem as relações econômicas e sociais; o contexto onde a cultura e diferentes valores locais não transferíveis se sedimentaram e se afirmaram ao longo do tempo; o quadro em que os homens e as empresas mantêm relações; o meio no qual as instituições privadas

e publicas interagem regulando a sociedade; o elemento estratégico de oportunidades para o desenvolvimento.

O conceito de desenvolvimento local se apóia na idéia de que as localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escalas não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento. Sen (2000, p.29) argumenta que:

O desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo com a melhoria da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo.

Nesse sentido, a noção de desenvolvimento local encerra, em si mesma, um conjunto de valores, princípios e métodos, profundamente inovadores, através da utilização de práticas radicalmente diferentes das tradicionalmente utilizadas, abrangendo todas as potencialidades, fragilidades e necessidades de um determinado espaço territorial, integrando todas as práticas setoriais e temáticas, antes utilizadas de forma dispersa, interligando e ponderando, da base para o topo, em busca de objetivos consensuais, capazes de dar coerência a uma estratégia comum para o desenvolvimento interno de um território e de suas relações com outros solidariamente articulados (HERMET, 2001; MARTINHO, 2001; MOLYNEUX, 2002).

Ora, sabe-se, há muito, que o desenvolvimento local envolve fatores sociais, culturais e políticos, que não se regulam exclusivamente pelo sistema de mercado. O crescimento econômico é uma variável essencial, porém não suficiente para ensejar o desenvolvimento local. Considerado como *projeto* (François Perroux, 1961), *caminho histórico* (IGNACY SACHS, 1993), *pluridimensional* (HENRI BARTOLI, 1999), o desenvolvimento local é sabidamente marcado pela cultura do contexto em que se situa. Buarque (1999, *apud* Ringo e Oliveira, 2004) define desenvolvimento local como sendo:

Um processo endógeno registrado em pequenas unidades territoriais e agrupamentos humanos capaz de promover o dinamismo econômico e melhoria da qualidade de vida da população. Representa uma considerável transformação nas bases econômicas e na organização social em nível local, resultante da mobilização das energias das sociedades, explorando suas capacidades e potencialidades específicas [...].

O desenvolvimento local pode ser considerado como um conjunto de atividades culturais, econômicas, políticas e sociais – vistas sob a ótica interssetorial e trans-escalar – que participam de um projeto de transformação consciente da realidade local. Neste projeto de transformação social, há significativo grau de interdependência entre os diversos segmentos que compõem a sociedade (em âmbito político, legal, educacional, econômico, ambiental, tecnológico e cultural) e os agentes presentes, em diferentes escalas econômicas e políticas (do local ao global). É fundamental pensar o desenvolvimento local enquanto projeto integrado ao mercado, mas não somente: o desenvolvimento local é também fruto de relações de conflito, competição, cooperação e reciprocidade entre atores, interesses e projetos de natureza social, política e cultural (MILANI, 2008).

Milano (2005) acentua o Desenvolvimento local como um processo e não um fim em si mesmo. É um esforço contínuo por parte dos residentes organizados de uma localidade no sentido de identificar problemas e aspirações, criar e formular estratégias para abordá-los, implementar esses planos e avaliar os resultados, numa lógica de participação, onde a mudança e a renovação são o âmago, o êxito dessa comunidade. Para Boisier (2000, p.166), o desenvolvimento local é:

Um processo de crescimento econômico e de câmbio estrutural que conduz a uma melhora no nível da qualidade de vida da população local, no qual se pode identificar três dimensões: uma econômica, em que os empresários locais usam sua capacidade para organizar os fatores produtivos locais com níveis de produtividade suficientes para ser competitivos nos mercados; outra, sociocultural, em que os valores e as instituições servem de base ao processo de desenvolvimento; e, finalmente, uma dimensão político administrativa em que as políticas territoriais permitem criar um entorno econômico local favorável, protegendo de interferências externas e impulsionar o desenvolvimento local.

O conceito de desenvolvimento local se apóia na idéia de que as localidades e territórios dispõem de recursos econômicos, humanos, institucionais, ambientais e culturais, além de economias de escalas não exploradas, que constituem seu potencial de desenvolvimento.

Seria, esta, portanto, uma prática viável que funcionaria como um exercício dinâmico de cooperação para a aquisição da capacidade de gerir interesses, algumas vezes conflitantes, como resultado de uma consciência sóciopolítica, prova da evolução democrática das lideranças locais que alavancam o desenvolvimento da base para o topo (MOURA, 2001; PUTNAM, 1995).

Foca-se no trabalho em parceria, a partir de definição de ações conjuntas, a cooperação, a negociação dos conflitos e das solidariedades locais. O impacto por toda a comunidade, isto é, exerce um efeito de exemplificação para toda a comunidade. E atua segundo uma diversidade de caminhos. O Desenvolvimento local tem uma diversidade enorme de caminhos, protagonismos e respostas.

Apesar de ser considerado instrumento valioso, alavancador do desenvolvimento, muitas vezes não se consegue distinguir, de forma clara, qual a diferença entre desenvolvimento local e outras designações de desenvolvimento, como o regional, rural, integrado, etc. Na verdade, existem percepções diferentes quanto à visão acerca do desenvolvimento local, mas a maioria dos autores defende que ele deve ser entendido como um processo de desenvolvimento sócioeconômico multiforme, de natureza empírica e “voluntarista”, determinado apenas pela conjugação das potencialidades, competências e capacidades de cada grupo em cada local (SIRVEN, 2001).

As estratégias e as iniciativas de desenvolvimento local propõem-se a estimular a diversificação da base econômica local, favorecendo o surgimento e a expansão de empresas. As economias locais e regionais crescem quando se difundem as inovações e o conhecimento entre as empresas e os territórios. Compreendemos território como um ator inteligente, que pode provocar transformações e não apenas um suporte dos recursos e atividades econômicas.

Costa (2007) compreende que Para que o Desenvolvimento Local amplie, é necessário que a sociedade se integre, que sejam criadas parcerias entre os atores do mercado, do estado e da sociedade, objetivando (a) convergir os investimentos dirigidos às potencialidades locais; (b) estabelecer as potencialidades para a criação do desenvolvimento; (c) capacitar os líderes locais para a gestão compartilhada do

desenvolvimento e o planejamento participativo; e (d) articular, com a geração d desenvolvimento, as instituições envolvidas.

Desta forma, encontra-se no desenvolvimento local uma estratégia que procura apresentar respostas para os problemas urgentes e a possíveis aspirações de cada comunidade em superar seus limites e maximizar recursos ociosos e potenciais, canalizando, assim, suas energias, de forma unidirecional rumo ao desenvolvimento, além do simples crescimento econômico local, por meio do fomento de atividades produtivas e das políticas para inclusão social, participativas e democráticas.

No que tange as políticas para o desenvolvimento local podem ser estudadas sob três óticas: Liberal, por meio da operacionalidade dos mecanismos que mercado oferece (empresas privadas), deixando, o Estado, que as empresas coloquem os recursos da forma que acharem mais adequada; Centralizadora (de cima), o Estado estabelece os programas e projetos sem consultar a comunidade e com nenhuma preocupação em se articular com a Iniciativa Privada ou o Terceiro Setor; e, Localizada (de baixo), existindo uma articulação local, além de uma pró-atividade da comunidade engajada e implicada no processo (FRANCO, et al. 1999). Neste contexto de articulação local e de pró-atividade da comunidade, se leva ao estado da prática participativa, que, por sua vez, termina no desenvolvimento da localidade.

Assim, o desenvolvimento local pode tornar-se ferramenta de análise mais dinâmica quando posto em relação com as lógicas de desigualdade, ou seja, quando associado à hipótese de que as dinâmicas geradoras de desigualdade e exclusão não podem ser desconstruídas exclusivamente pelo alto (SILVEIRA, 2001, p. 31). Por isso, pensar o desenvolvimento local implica extravasar o local limitado por espaços geográficos e pensar sua identificação a partir da desconstrução da falsa antinomia entre o micro e o macro. O local constitui-se em território (levando a que alguns pensem mais bem em termos de desenvolvimento territorial) e conduz-nos a analisar a endogenia (o desenvolvimento local torna efetivas e dinamiza potencialidades locais próprias) e a particularidade (fatores locais) do contexto em que se situa. O local é, nesse sentido, construído social e territorialmente; é delimitado pela permanência de um campo estável de interação entre atores sociais, econômicos e políticos.

As soluções de hoje podem transformar-se nos problemas de amanhã, exigindo esforço constante para encontrar novas formas de atender às necessidades dos cidadãos. O processo de desenvolvimento local é um diálogo constante entre os residentes de um local — as autoridades, as organizações cívicas, os grupos comunitários, os dirigentes empresariais e outras pessoas — visando procurar sistematicamente uma melhor qualidade de vida para todos.

As estratégias e as iniciativas de desenvolvimento local propõem-se a estimular a diversificação da base econômica local, favorecendo o surgimento e a expansão de empresas. As economias locais e regionais crescem quando se difundem as inovações e o conhecimento entre as empresas e os territórios. Compreendemos território como um ator inteligente, que pode provocar transformações e não apenas um suporte dos recursos e atividades econômicas. O desenvolvimento local/endógeno é um processo de crescimento econômico e de mudanças de paradigmas, liderado pela comunidade local ao utilizar seus ativos e suas potencialidades, buscando a melhoria da qualidade de vida da população. O conceito de empoderamento e fortalecimento da comunidade é essencial para a compreensão do desenvolvimento local endógeno. Assim, contempla valores como autonomia, democracia, dignidade da pessoa humana, solidariedade, equidade e respeito ao meio-ambiente.

A estratégia de apoio ao desenvolvimento local/territorial tem como eixos a construção de capital social, o fomento adequado aos micro e pequenos empreendimentos e o fortalecimento da governança local, através da cooperação, da construção de parcerias e da pactuação de atores por um projeto coletivo de desenvolvimento com mais equidade.

Neste sentido, destaca-se no estado do Ceará a comunidade do Sitio Mocotó, objeto deste estudo. A região na década de 80, apresentava um pouco ou tímido processo de desenvolvimento, neste contexto um grupo de jovens constituíram uma associação de fabricantes de redes.

Em 2008 contava com uma média mensal de vendas de 120 unidades de redes de dormir, que garante uma renda em torno de dois salários mínimos para cada uma

das 37 famílias que participam do projeto, além de 2000 pessoas que se beneficiam indiretamente do negócio prestando serviços terceirizados.

Os benefícios alcançados com a mobilização do capital social não se restringiu apenas a fábrica de redes mas também ao desenvolvimento local da comunidade, que hoje possui, energia, água encanada, e um trator para as utilização dos agricultores da comunidade, permitindo o aumento do lucro na agricultura local. Esses lucros foram obtidos por meio da atuação da associação.

Outros benefícios adquiridos na comunidade foram alfabetização dos moradores, acesso a serviços de saúde tais como consultas médicas, construção de uma capela, reforma e aumento de maquinário na fabrica de redes. Os moradores relatam, ainda, que a qualidade da moradia melhorou passando de casas de barro a casas de alvenaria.

A estratégia de apoio ao desenvolvimento local/territorial tem como eixos a construção de capital social, o fomento adequado aos micro e pequenos empreendimentos e o fortalecimento da governança local, através da cooperação, da construção de parcerias e da pactuação de atores por um projeto coletivo de desenvolvimento com mais equidade.

A literatura acadêmica e os relatórios de agências internacionais que tratam do tema do capital social partem, de modo quase generalizado, da constatação de que as variáveis econômicas não são suficientes para produzir um desenvolvimento socialmente justo e ambientalmente sustentável. Afirmam que o crescimento econômico não produz, necessária e diretamente, o desenvolvimento social; relembram que as instituições e o sistema social são elementos-chaves na resolução do problema do acesso aos benefícios econômicos produzidos e de sua repartição.

De acordo com Milani (2008) autores como Robert Putnam, James Coleman, Michael Woolcock, Henrique Rattner, Ricardo Abramovay, entre outros estudiosos do tema, tratam, em seus respectivos campos de estudo, das redes de compromisso cívico, normas de confiança mútua e da riqueza do tecido associativo, enquanto fatores fundamentais do desenvolvimento local (rural e urbano). Os fatores de ordem social, institucional e cultural, são, assim, reconhecidos por terem impacto direto no

incremento qualitativo da comunicação entre indivíduos e atores sociais, na produção de melhores formas de interação social e na redução dos dilemas da ação coletiva.

Esta dinâmica que compõe o capital social e que se relacionam com desenvolvimento local constitui-se em base fundamental deste estudo e é tratada no capítulo que se segue.

2 CAPITAL SOCIAL

2.1 Conceitos e Definições

Em meio à vasta literatura referente ao tema, não há consenso, entre os estudiosos, sobre o conceito de Capital Social, por se tratar de temática empírica e de complexa mensuração, em que cada caso evidencia uma experiência única e cada pesquisador mobiliza sua própria percepção e forma de análise.

Este capítulo trata das abordagens teóricas da dinâmica de formação do capital social. iniciando-se por conceitos e definições, contemplando caracterização de suas dimensões, dos fatores determinantes com as respectivas condições antecedentes e culminando com o modelo de análise desenvolvido por Neto e Froe, que se contitue no marco teórico deste estudo.

Em 1916, o autor Hanifan conceituou o termo capital social, com o intuito de enfatizar a importância da integração e participação da comunidade na melhoria da qualidade de aprendizagem de uma escola localizada em sua comunidade. Suas definições foram posteriormente revisadas por Jacobs (1961, p.67). Senão Vejamos:

Para ser possível realizar a auto-gestão em um determinado lugar deve haver, acima de qualquer flutuação da população, uma certa permanência das pessoas que forjaram a rede de relações do bairro. Essas redes são o capital social urbano insubstituível. Quando se perde esse capital [...] a renda por ele gerada desaparece e não volta, senão quando se acumular, lenta e ocasionalmente, um outro capital.

Questionavam-se os economistas sobre o fato de algumas regiões se desenvolverem mais que outras, mesmo apresentando condições similares, no que tange à mão de obra, tecnologia, capital físico, dentre outros. Concluíram, então, que fatores intangíveis, como o capital social da região, deveriam ser também avaliados.

Woolcock (1998) evidenciou, nas regiões que mantinham relações horizontais de reciprocidade e cooperação, criando redes de confiança, solidariedade e participação nas associações, maior possibilidade de desenvolvimento. Nesse aspecto, tornou-se evidente a inconsistência de se analisar o crescimento e o desenvolvimento de uma região apenas avaliando os aspectos tangíveis, passando-se a mencionar, também, os aspectos intangíveis.

De acordo com Coleman (1988, p.96), o capital social é determinado pelo conjunto de

[...] normas, confiança interpessoal, redes sociais e organização social [...], importantes no funcionamento, não apenas da sociedade, mas também da economia, configurando-se uma coligação de relações sociais e de recursos acessíveis.

Assim, prosseguindo neste raciocínio, o citado autor determinou as relações sociais como sendo a inserção dos indivíduos que, interagindo entre si, contribuem para a consecução de objetivos, tornando estas interações necessárias para que metas sejam alcançadas, a baixo custo. Em seguida, quanto a definir recursos acessíveis, considerou ele tratarem-se estes de um ou de vários indivíduos pertencentes a um grupo de intercâmbio, obtendo relações mutuamente proveitosas. (COLEMAN, 1994; ROBINSON, 2002).

Aspectos desta estrutura social (relações, normas e confiança social) podem ajudar a desenvolver a coordenação de atividades e a cooperação em torno de projetos de que resultem benefícios comuns. Tais elementos se referem a fatores como atenção, conhecimento, oportunidades de participação, não se referindo simplesmente a conexões que dão acesso a recursos físicos e de informação; Uma cultura de bens intangíveis passa a ser disseminada.

O Banco Mundial (2008) associa o capital social a uma instituição envolvida com as relações e normas de uma sociedade, nas quais é definida a intensidade de sua interação social, afirmando a referida entidade que o capital social é imprescindível para o desenvolvimento das sociedades que atuam de forma sustentável.

Ainda sobre a referência acima, afirma que o capital social interfere, de maneira positiva, na comunidade, podendo seus integrantes trabalhar com o fim de

interesses comuns promovendo uma maior inclusão e coesão, aumentando a transparência e a responsabilidade dos partícipes.

As fontes mais importantes de capital social, são: 1) as famílias, consideradas a forma maior importância para a geração do capital social; 2) As comunidades, integrando vizinhos, grupos e amigos, gerando importante contribuição, se trabalharem juntos para o bem comum. Acredita-se cheguem a substituir o capital humano e físico; 3) Empresas: essa fonte de capital social pode ser útil, caso existam confiança e normas em comum; 4) Sociedade Civil: considerada importante por sua capacidade de unir forças para buscar melhorias concretas; 5) Setor público: imprescindível para trazer bem-estar a toda a sociedade; 6) Gênero: Tomando-se como exemplo o fato de que, no Brasil, o segmento feminino (BANCO MUNDIAL, 2008).

Ao buscar relações entre o capital financeiro e o capital social, Coleman (2000) exemplificou de que forma o capital social pode gerar perspectivas e obrigações.

[...] se A faz alguma coisa para B, confia que B responderá reciprocamente no futuro; isto estabelece uma expectativa em A e uma obrigação por parte de B. Esta obrigação pode ser entendida como um crédito potencial mantido por A em relação ao desempenho de B. Se A mantém uma grande quantidade desses créditos potenciais, para um número de pessoas que se relacionem com A, então a analogia com o capital financeiro é direta. Estes créditos passam a construir um ativo ao qual A pode recorrer se necessário – a menos, é claro, se a aposta na confiança tenha sido imprudente, e esses sejam débitos ruins que não poderão ser reembolsados.

Nesse contexto, percebe-se que o grau de confiança é fundamental para o desenvolvimento do capital social. O autor também enfatiza a importância da troca de informações entre indivíduos, tendo como a consequência da junção desses dois fatores a mútua confiança, quando um indivíduo se sente seguro ao transmitir informações ao outro.

Em contrapartida, Uphoff (2000) defende não haver dúvidas de que o conceito de capital social e o de participação guardam similaridade. Porém, o termo capital social tem abrangência bem maior do que a simples definição de participação, uma vez que, por capital social entende-se uma acumulação de vários tipos de bens, como por exemplo, os de natureza social, psicológica, cultural, cognitiva, institucional e ainda bens relacionados à quantidade (ou probabilidade) do comportamento cooperativo, em prol de benefícios mútuos.

Putnam (2005) foi o responsável pela popularização do termo “capital social”, defendendo que esta terminologia é um modo facilitador de cooperação e que se dá de forma espontânea, multiplicando-se de forma diferenciada. É, também, um elemento que visa a promover regras de reciprocidade e redes mais estruturadas, como relações sociais, participação e confiança, facilitando a coordenação em favor de benefícios mútuos.

O autor em questão identifica, em suas pesquisas, que comparam as regiões Norte e Sul da Itália, as associações horizontais constituídas por pessoas com o mesmo poder e *status*, denominadas de relações interpessoais, diferentemente das organizações verticais que fazem uso do poder e da hierarquia para prevalecer.

Ressalta, ainda, que muitas associações são constituídas pelo conjunto de suas relações horizontais e verticais. O autor exemplifica que um time de futebol necessita de um treinador e do capitão, e que um coral precisa do maestro para orientar os integrantes em como cantar. Putman (2005) afirma a importância dessa integração horizontal e vertical, desconsiderando as associações entre relações verticalizadas explicitamente, como por exemplo a relação patrão empregado.

Franco (2001) aponta quatro características importantes em uma comunidade, para que nela se possa estabelecer o Capital Social. Observando a capacidade do grupo, são elas: a) Estabelecer o foco nos trabalhos conjuntos, buscando o alcance de metas comuns à comunidade, sem se concentrar apenas nas metas individuais; b) organizar-se e se associar; c) focar os interesses coletivos, ao invés dos individuais; d) compartilhar normas e valores homogêneos no grupo.

O autor supracitado afirma que essas características são essenciais para que relações se solidifiquem de forma duradoura e estável dentro do grupo, proporcionando um elevado nível de desenvolvimento social para a comunidade.

Tonine e Mack (1997) complementam que, para um grupo ter condições de se manter unido, não basta apenas compartilhar dos mesmos valores e crenças e buscar um objetivo comum, pois acredita que existem outras relações mais complexas, como por exemplo, a confiança. Uma característica deste elemento diz respeito à propensão do indivíduo à vulnerabilidade, transparecendo sua

necessidade de confiar em outra pessoa, decorrente de uma deficiência ou fraqueza pessoal.

Outra importante característica é a expectativa positiva que determinados indivíduos têm em relação ao outro. Para que o sentimento de confiança se desenvolva, uma pessoa pressupõe determinadas atitudes e pensamentos em relação ao outro, baseada em uma relação preexistente (como é o caso de familiares) ou em aspectos culturais comuns, identificados a partir de hábitos étnicos e culturais regionais.

Os valores constituem a base que norteia as escolhas do ser humano, impulsionando-o à ação. O indivíduo capta valores fundamentais, utilizados para dar sentido a sua razão de existir, com variados graus de relevância.

Para Maia e Oliveira (2007), a Teoria dos Valores elenca as principais características: a) crenças relacionadas à emoção. Ativados os valores, dotados ou não de consciência, deles brotam sentimentos negativos ou positivos; b) os valores formam um conjunto motivacional, relacionado a metas desejáveis que as pessoas procuram obter; c) valores superam situações e ações específicas, tendo por característica o fato de apresentarem objetivos de cunho abstrato; d) valores norteiam a escolha e avaliação das ações, indivíduos e eventos, sendo considerados uma espécie de padrão e ou critério; e) valores são classificados pelo grau de relevância, comparados aos demais, caracterizando-se como um sistema ordenado pelas prioridades axiológicas do ser humano individualmente.

Portes (1998) adverte sobre a existência de um viés entre os autores que utilizam o pensamento sociológico, no que se refere às consequências do capital social, já que esses autores apresentam somente os benefícios.

O autor afirma que o excesso de normas e crenças, em um grupo, pode dar azo a preconceitos e ou rejeição para com os que nelas não se enquadram totalmente, gerando restrição à liberdade individual, podendo levar a consequências maiores, como a evasão do indivíduo da comunidade. Esse impacto negativo também é referenciado por Power e Smith-Doer (1994, p.393); “os vínculos que unem podem se transformar, também, nos vínculos que cegam”.

Percebe-se que a definição referente ao tema apresenta-se diversificada na literatura sobre o assunto. Apesar dessas diferenças, é possível identificar dois elementos comuns ligados ao termo capital social, compostos pela rede de relacionamento e pela confiança. O primeiro elemento é o mais utilizado nos estudos e pressupõe tal capital como algo inerente à esfera das interações entre indivíduos, uma vez que costuma definir capital social como a posse e utilização da rede de relacionamento (HELAL e NEVES, 2006).

2.2 Dimensões do Capital Social

Nahapiet e Ghoshal (1998) apresentam duas dimensões do capital social, inicialmente proposto por Granovetter (1992); a estrutural e a relacional. A dimensão estrutural relaciona-se ao nível de interação existente entre os atores e a soma do relacionamento dentro de uma estrutura social, seja ela interna ou externa.

A dimensão estrutural é formada pelos papéis, informais e formais, e pelas regras explícitas e implícitas, que servem de base para as funções promovidas pela ação coletiva: a mobilização de gestão e recursos, a coordenação e a comunicação, a tomada de decisões e a resolução de conflitos (UPHOFF, 2000).

A dimensão relacional está ligada diretamente às relações entre os atores da rede social que compartilham de idéias comuns sobre assuntos que envolvam a rede, originando comportamentos e decisões. Esta dimensão pode ser analisada de duas formas: Laços de network, que medem a frequência e a duração dos laços e a configuração da network determinante do padrão a que os membros estão ligados. É caracterizada pela troca de informações, amizade, confiança, respeito, identificação, normas e sanções (KUIPERRS, 1999; NAPHIET e GHOSHAL, 1998).

Granovetter (1985) afirma que a amizade ou parentesco, denominados “laços fortes” tem uma menor relevância que os conhecidos ou colegas de uma associação comunitária, denominados “laços fracos”, no sentido de promover a ação coletiva, facilitando a busca por recursos.

A confiança é uma questão fundamental nas duas dimensões, sendo considerada uma espécie de resultado bem sucedido dos atores coletivos. Desta

forma, uma importante característica da confiança é a associabilidade, que inclui a sociabilização, fazendo uso das habilidades dos atores entre si. O desejo de um indivíduo passa a ser coletivamente envolvido e se transforma em um grupo de sucesso (VAN BUREN, 1999).

Nahapiet e Ghoshal (1998), em seus estudos, propõem uma terceira dimensão para o conceito de capital social: a cognitiva. Esta se refere ao valor compartilhado e aos paradigmas daqueles que reservam uma maneira comum de atuar. Os autores denominaram-na, então, de “valor injetado”, considerando que esta dimensão cognitiva fornece um jogo de normas aceitáveis para o convívio do grupo.

Regis *et al.* (2006) apresentam um esquema desenvolvido a partir das dimensões de Naphiet e Ghoshal, (1998), exemplificando 5 (cinco) integrantes de uma network, para melhor entendimento das interligações, segundo explicita a figura a seguir:

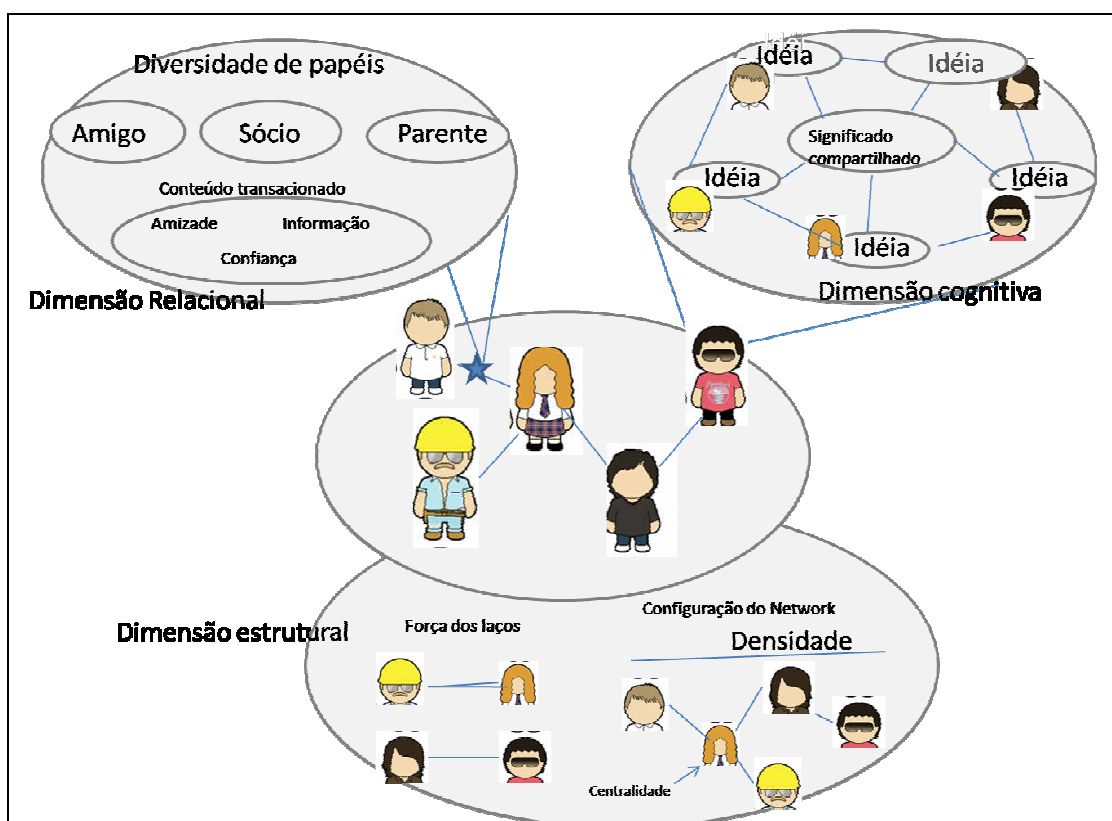


Figura 1 – Esquema gráfico desenvolvido a partir do modelo de capital social.
Fonte: Nahapiet e Goshal, Adaptado por Regis (2006).

O Capital Social não se localiza nos indivíduos; está sim, presente, nas relações de envolvimento destes, gerando uma integração sólida, determinante à ocorrência do aumento dos recursos à disposição dos que se encontram no raio de ação deste processo.

O que há, na verdade, é um acúmulo de bens, muitos deles intangíveis, como cooperação e confiança. Tudo isso dá a possibilidade de se chegar a um comportamento cooperativo de benefícios e ganhos, para os atores pertencentes à determinada sociedade (COLEMAN, 1999).

Woolcock (1999), por sua vez, considera que a terceira dimensão do capital social é a “conexão”, enfatizando a importância das relações entre comunidades e instituições públicas e ou privadas, a fim de promover o bem-estar futuro e ou imediato, principalmente em regiões subdesenvolvidas, onde os Bancos cobram juros e taxas exorbitantes, os professores não são qualificados e a polícia muitas vezes é corrupta e venal.

Ressalta, ainda, que não é apenas a presença dessas instituições (Bancos, Agências de Seguro, Escolas) que promovem o capital social e sim as relações que elas mantêm entre si. Desta forma, os representantes e líderes exercem um papel importante, para que ocorra a conexão entre comunidades e instituições.

Dos conceitos aqui propostos, pode-se deduzir que o capital social é um elemento facilitador do desenvolvimento de processos endógenos, a partir do processo da confiança estabelecido entre as partes, buscando a resolução de conflitos entre os membros de uma associação ou de uma comunidade, promovendo a mobilização dos atores locais, na busca de implementar ações que contemplem a coletividade.

2.3 Modelos

Lin (1999) afirma que para elaborar um modelo de capital social é preciso seguir três processos. O primeiro se refere a mobilização e o acesso ao capital social, o segundo o investimento e por fim o retorno do capital social. O retorno

econômico, por exemplo, é mais fácil de averiguar. No que se refere ao retorno social é menos tangível, podendo ser interpretado de diversas formas.

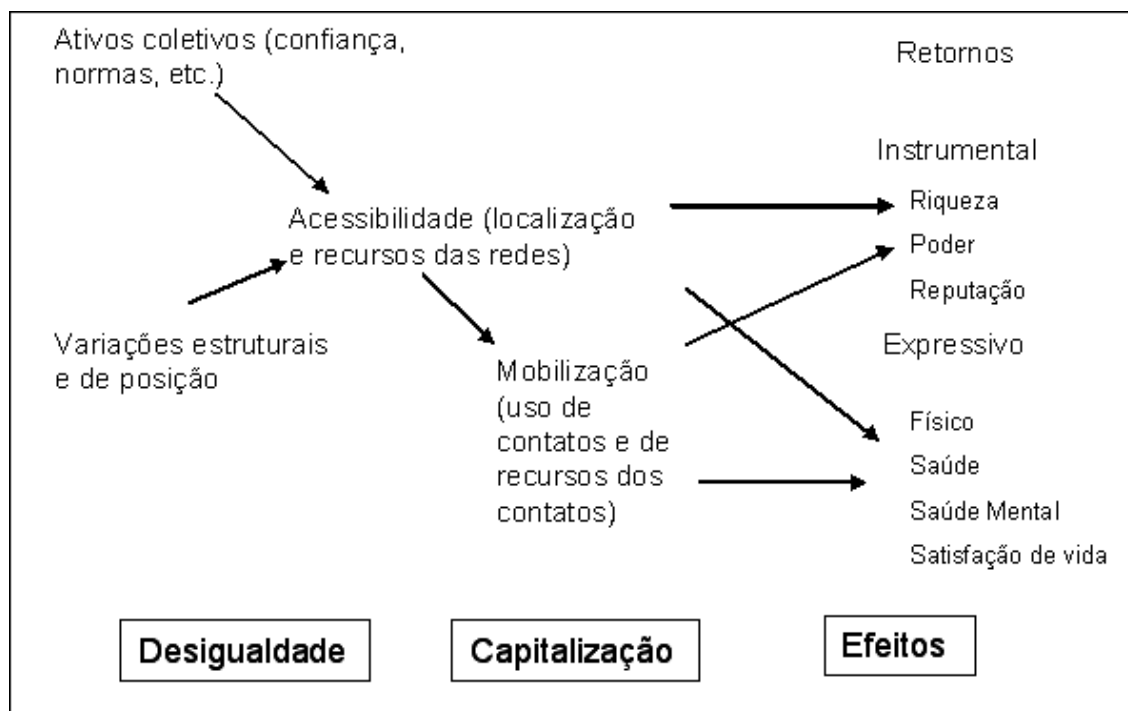


Figura 2 – Modelando uma teoria do capital social. Fonte: Lin (1999).

A transição do primeiro para o segundo bloco demonstra a desigualdade do capital social. esta desigualdade é afetada pelos elementos posicionais e estruturais que interferem a construção das oportunidades que constroem e mantêm o capital social.

Na seqüência, a economia, caracterizando a promoção do capital social e ao usufruto dele, estes caracterizando a mobilização. O autor interpreta que um único indivíduo é capaz de utilizar o capital se beneficiar sozinho.

O ultimo bloco é consequência da mobilização deste recursos, representa o efeito permitido a partir do processo. O maior questionamento entre os pesquisadores é como uns indivíduos conseguem maiores ganhos que outros utilizando os mesmo recursos. O autor justifica que alguns indivíduos se encontram melhor integrados a rede.

2.4 Mensuração do capital social: Fatores determinantes

Será analisado, a seguir, os fatores considerados determinantes para mensurar o capital social, na ótica do Banco mundial e por Neto e Froes.

2.4.1 Fatores Determinantes: Visão do Banco Mundial

Em meados da década de 1990, o Banco Mundial classificou o capital de quatro formas, passando a utilizá-las como critério de avaliação dos projetos de desenvolvimento. São elas, a saber:

- Capital Natural: recursos naturais de que é dotado um país;
- Capital financeiro: produzido pela sociedade e que se expressa em infraestrutura, capital financeiro e bens de capital;
- Capital Humano: Grau de saúde, educação e nutrição da população;
- Capital social: seria algo próprio da comunidade e não do indivíduo; impacta na redução da pobreza e se dá por meio da construção e consolidação de um arcabouço institucional favorável ao crescimento econômico. Com base nesta perspectiva, a redução da pobreza ocorreria a partir de um esforço público, eminentemente estatal, na concepção de políticas públicas estimuladoras da existência de associações, favorecendo, assim, a integração social.

Coleman (1994) enfatiza a intangibilidade do capital social ao compará-lo com outras formas de capital. Assim como o Capital humano se encontra na cabeça das pessoas e o capital econômico nas contas bancárias, o capital social se localiza na estrutura das relações. O indivíduo que busca o capital social necessita se relacionar com outros indivíduos, constituindo-se nesta união, o fator gerador das verdadeiras fontes de seus benefícios.

Com o intuito de aplicar o conceito de capital social numa perspectiva prática e operacional o Banco mundial (2009) o categorizou em 5 itens chaves: grupos e redes, relacionados ao conjunto de indivíduos que promovem as relações de bem-estar; confiança e solidariedade; habilidade dos indivíduos para a busca de interesses coletivos (ação coletiva e cooperação); habilidade para o trabalho em conjunto (coesão e inclusão social); diminuição do nível de conflitos; (informação e

comunicação), permitindo melhorias no acesso à informação. Estes itens estão relacionados às dimensões estruturais e cognitivas do capital social.

As definições apresentadas a seguir foram constituídas por quatro consultores do Banco Mundial, Cristian Grootaert, Deepa Narayan, Verônica Nyhan Jone e Michael Woolcock.

2.4.1.1 Grupos e redes

Considerada pelos autores que discorrem sobre esse tema a dimensão mais associada ao termo capital social, Woolcock e Narayan (2000) explicam que comunidades providas por ele têm maior facilidade de comunicação, assim como uma melhor abrangência das informações e maior probabilidade de redução de comportamentos individualistas e oportunistas.

Esse conjunto de fatores facilita ao grupo tomar decisões estratégicas. Assim, a força com que o capital social, representado por redes e associações, desempenha essas vantagens, é consequência das características do grupo, refletindo sua associatividade, funcionalidade e estrutura.

O autor completa que as organizações podem ser analisadas através de quatro dimensões essenciais: a diversidade de associações vinculadas, a extensão da conexão com outros grupos, a densidade da associação e a maneira em como se constitui a democracia.

Uma característica importante desta dimensão é o nível de participação dos membros dos grupos em diferentes tipos de redes, (ONGs e governos) ou, ainda se o grupo se relaciona apenas entre os membros da comunidade. Geralmente, as organizações que utilizam padrões democráticos são mais eficazes.

2.4.1.2 Confiança e solidariedade

A confiança é um conceito bastante complexo de ser mensurado, encontrando-se grandes dificuldades em medi-lo, comunitariamente falando. Para que haja

confiança entre membros, sejam eles internos ou externos, o indivíduo leva em consideração características intrinsecamente pessoais.

Continuando este entendimento, quanto mais arriscada é a relação maior deve ser o nível de confiança, como por exemplo emprestar dinheiro a um vizinho; precisa-se de um nível elevado de confiança, enquanto que pedir uma informação demanda um baixo nível. Desta forma, ocorre que, com a falta de confiança, o capital social é menor, pois a chance de mobilização coletiva diminui (WOOLCOOCK e NARAUAN, 2000).

Nessa dimensão, é importante averiguar o nível de confiança entre provedores de serviços sociais, vizinhos e estranhos, além de analisar a forma com que essa confiança se modifica, com o tempo.

No que se refere à solidariedade, pesquisas do Banco Mundial (2009) apontam que algumas comunidades apresentam um maior nível de solidariedade quando os membros que as integram estão em crise. Em outras comunidades, o grau de solidariedade se constitui de acordo com o grau de parentescos entre membros da comunidade.

2.4.1.3 Ação coletiva e cooperação

Somente é possível obter a ação coletiva quando há elevado índice de capital social na comunidade. Com isso, a ação coletiva é considerada de extrema importância para o desenvolvimento da comunidade.

É importante observar três aspectos sobre o nível de ação coletiva do grupo: 1) quais atividades são desenvolvidas pelo grupo, de forma coletiva; 2) o grau de interação do grupo; 3) a disponibilidade dos membros para participar e cooperar em ações coletivas (BANCO MUNDIAL, 2000). Aqui, os autores consideram que a ação coletiva é consequência da cooperação, não distinguindo definições.

2.4.1.4 Informação e comunicação

Cada vez mais os pesquisadores levam em consideração a importância que a Comunicação exerce no desenvolvimento de uma comunidade, principalmente quando esta é empobrecida. Tal fato se deve ao isolamento que as barreiras sociais exercem sobre estes atores. A consequência disso é a falta de intercâmbio informativo entre as comunidades e os agentes provedores de bem estar.

Faz-se necessário, no entanto, distinguir a comunicação referente a atividades do governo e as informações sobre o mercado, na busca pela informação individual, para que possa ser feita uma avaliação dos reais interesses da comunidade (BANCO MUNDIAL, 2000).

2.4.1.5 Coesão e Inclusão social

O autor aborda a relação existente entre sociabilidade, conflito, violência e inclusão, colocando que uma determinante positiva para o capital social se perfaz quando os membros da comunidade frequentemente interagem entre si.

Assim, conclui afirmando que essa rede de relacionamentos pode acontecer mediante visitas de amigos a sua própria residência, encontros em locais públicos ou participações em eventos sociais, tais como festas e reuniões comunitárias (BANCO MUNDIAL, 2000).

As contínuas relações de conflitos nas comunidades são atribuídas à falta de confiança ou de capital social estrutural adequados para a resolução dos impasses. Nesta dimensão, é importante observar o tipo e o grau de violência existente na comunidade, bem como o nível de segurança provocado pelo medo da violência e do crime.

2.4.1.6 Autoridade ou capacitação e ação política

Capacitação e autoridade estão relacionadas ao grau de competência dos membros em influenciar, negociar, controlar, tomar parte e fiscalizar instituições que

afetam o bem-estar. Esses fatores contribuem para elaborar ações como pressionar instituições públicas a dar mais assistência aos menos providos, criar e ou remover barreiras sociais.

A autoridade e capacitação atuam em consequência de ações políticas, sendo estas consideradas apenas atitudes a serem tomadas para estabelecer a capacitação e autoridade. Nesta dimensão, todavia, como um todo, tornam-se mais amplas que o próprio capital social.

Capacitação e autoridade caracterizam a propriedade que um indivíduo demonstra na tomada de determinadas decisões que venham a gerar consequências ao bem-estar, coletivo e ou individual, em termos do cotidiano (BANCO MUNDIAL, 2002).

Além dos fatores elencados pelo banco mundial, descritos neste tópico, existem outros, destacados por autores que se dedicam a estudos do capital social. No próximo tópico, apresentam-se fatores determinantes para mensurar o capital social nas perspectiva de Neto e Froes (2002).

2.4.2 Fatores Determinantes: Visão de Neto e Froes

De acordo com Neto e Froes (2002), são identificados 06 (seis) fatores considerados determinantes para a formação do capital social: Organização, Confiança, Cooperação, Iniciativa, Solidariedade Social e Participação.

A seguir, cada um desses fatores é elencado, juntamente com seus respectivos conceitos:

2.4.2.1 Confiança

Rousseau et al. (1998, p. 395) definem a palavra confiança como “um estado psicológico que compreende a intenção de aceitar certas vulnerabilidades, baseado em expectativas positivas das intenções ou do comportamento de outros”.

Segundo Harper (2001), existe uma relação direta entre a confiança e a palavra fé, entendendo-se que essas subjetividades são originárias da crença pessoal e do fator “acreditar em algo”.

Putnam (2005) afirma que a confiança é um elemento promotor da cooperação, constituindo-se em uma espécie de contexto de relacionamento. Este fator é determinante na facilitação da ação social humana, fortalecendo as regras de reciprocidade.

Franco (2000) afirma que a confiança é o fato gerador da cooperação e, quanto mais elevado for o nível de confiança entre os atores da comunidade, maior será a possibilidade de ocorrer a cooperação. É uma relação em que a confiança gera a cooperação.

O elemento confiança é algo subjetivo, por isso, de complexa mensuração. Entretanto, percebe-se a presença deste elemento em processos coletivos, quando, por exemplo, as pessoas se sentem encorajadas a realizar algo de forma colaborativa, ao serem encorajadas por uma liderança que aglutina forças e esforços no sentido de desenvolver a comunidade a que todos pertencem.

2.4.2.2 Cooperação

Para Coleman (1999), existe, nos elementos formadores do capital social, o que ele denomina de “capacidade de associação”. Esta terminologia é conceituada como uma aptidão que está presente nos grupos humanos e que os possibilita a trabalharem juntos.

O autor acredita que tudo isso tem como objetivo conquistas mútuas, resultantes de fatores como normas e valores compartilhados, conhecimentos e aptidões comuns e complementares, objetivos comuns, disponibilidade de recursos sociais, e subordinação dos interesses individuais aos coletivos.

Muitos são os modelos de gestão cooperativa nos negócios. Porém, dentro dessa diversidade, a cooperação tem merecido lugar de destaque, no dizer de

alguns autores. Tal entendimento é compartilhado por Jesus e Tiriba (2003), que reforçam a tendência ao coletivismo.

Parece-nos que o movimento do individualismo agora se inverte e se esgota, uma vez que as formas individuais estão sendo superadas pelo trabalho conjunto. As pessoas começam a entender que, juntas, somam forças, conhecimentos e outras habilidades facilitadoras do trabalho cooperativo.

Para os autores acima, no mercado de trabalho atual, a cooperação se mostra pela fusão de muitas forças numa resultante maior, originando-se disso uma força social comum, que produz um resultado maior do que o resultado da força individual dos trabalhadores, isoladamente. Dessa forma, a cooperação acaba por fortalecer aqueles que não conseguem, sozinhos, ter acesso à renda e à inclusão social.

2.4.2.3 Organização

Recorrendo ao conceito clássico da determinante **organização** pode-se defini-lo como um conjunto de duas ou mais pessoas que realizam tarefas, seja em grupo, e ou individualmente, mas de forma coordenada e controlada, atuando num determinado contexto ou ambiente, com vistas a atingir um objetivo pré-determinado, através da realização eficaz de diversos meios e recursos disponíveis, liderados ou não por alguém com as funções de planejar, organizar, liderar e controlar (DOLABELA, 1999).

2.4.2.4 Iniciativa

Um indivíduo provido de iniciativa tem a capacidade de criar novas oportunidades se antecipando aos fatos, desenvolver novos serviços e produtos e propor soluções criativas e inovadoras (SEBRAE, 2009).

Crant (2000) defende que pró-atividade e iniciativa partem do mesmo domínio comportamental, já que ambas congregam a mudança. Ter iniciativa significa ser o pioneiro em uma determinada ação, sem a presença de alguém que dê ordem para

fazer. A iniciativa se constitui das seguintes características: a) visão de longo prazo; b) posse de ações orientadas e metas condicionadas; c) objetivação de conquistas utilizando ações orientadas e metas direcionadas.

2.4.2.5 Solidariedade social

Para o autor BILGRIEN, (1999), a solidariedade acontece quando os indivíduos se ajudam na solução de problemas e ou quando um indivíduo se coloca no lugar de outro. Dessa forma, solidariedade é sinônimo de engajamento politicocultural e comprometimento, evitando o surgimento de eventuais problemas na sociedade. Por exemplo, um funcionário de uma fábrica, que pode se integrar em uma greve para apoiar companheiros que vivem em uma situação de vida semelhante. os (COLEMAN, 1990; PORTES e SENSENBRENNER, 1993).

A identidade cultural comunitária é muito complexa em sua definição, porque não se trata de uma questão de conceito e sim de vivência, o que gera uma coesão social, e uma envolvimento solidária (DEMO,1987).

2.4.2.6 Participação

Demo (1987) preceitua que: “participação é o processo histórico de conquista da autopromoção. É a melhor obra de arte do Homem em sua História, porque a História que vale a pena é a participativa, ou seja, com o teor menor possível de desigualdade, de exploração, de mercantilização, de opressão”.

A participação associativa é um processo de construção conjunto, em que se busca a melhor decisão, o respeito às diferenças, as visões político-sociais de seus integrantes e a procura do consenso em meio a diversidade.

Segundo os pesquisadores Araújo e Moreira, (2000), os integrantes de uma associação têm direitos que devem ser respeitados e deveres a serem cumpridos enquanto associados.

Dentre esses direitos frisa-se o da participação nos processos decisórios, em que se deve conhecer as questões que serão deliberadas nas assembléias e ter habilidades comportamentais para manifestar opiniões, nesses momentos. A razão disso é impedir que não se instale um clima de conflito desnecessário, prejudicando o andamento da tomada de decisão.

A forma de gestão mais utilizada por cooperativas e associações é a participativa, pois é de extrema importância que todos os integrantes do grupo se sintam contemplados nos processos decisórios. Com tal prática, todos desenvolvem sua cidadania e participação social, além de se envolverem em uma atmosfera de sentimento de pertença a associação ao grupo do qual fazem parte.

Diante disso, o nível de comprometimento tende, inclusive, a aumentar, tendo em vista que todos os membros se sentem valorizados quanto as suas opiniões e com o que decorre a partir delas (SINGER, 2000).

2.4.3 Condições Antecedentes aos Fatores Determinantes

Para os autores Neto e Froes (2002, p 58) existe um entendimento de que “a fórmula do desenvolvimento social, em tese, é simples. Constitui-se de capital social + capital humano + Sustentabilidade”.

Para que o capital social verdadeiramente ocorra, os autores apresentam algumas condições antecedentes aos fatores determinantes e que devem ser atendidas, elencando-as da seguinte forma:

1 - A ampliação social da cooperação: ocorre de duas maneiras distintas, a formação de comportamentos e atitudes altruístas, estimulando a solidariedade; e com a criação de cooperativas institucionais, dando prioridade às formas horizontais de gestão.

2 - O fomento de novas parcerias: este fator visa a buscar o envolvimento entre empresas, Governo e entidades do terceiro setor, tendo como objetivo a abertura de várias entradas para o desenvolvimento técnico, proliferação de capital e para as novidades inerentes ao mercado.

3 - Criação de redes: ao destacar a importância das redes o autor em referência as define como “arranjos institucionais inovadores”, classificados em diversos tipos, como, as redes de informação, sociais, tecnologia, de ações, educação e as que se mobilizam em prol do desenvolvimento local.

2.4.4 Capital Social: Modelo Conceitual de Neto e Froes

Capital social são os níveis de participação que uma sociedade possui, se a sociedade não está tramado, na sua base, por miríades de organizações, se ela não tem iniciativa, se a confiança social entre os grupos sociais não existe ou é pequena, você também não pode ter desenvolvido, nem mesmo crescimento econômico sustentando” (Franco, 2002, p. *apud* Neto e Froes, 2002).

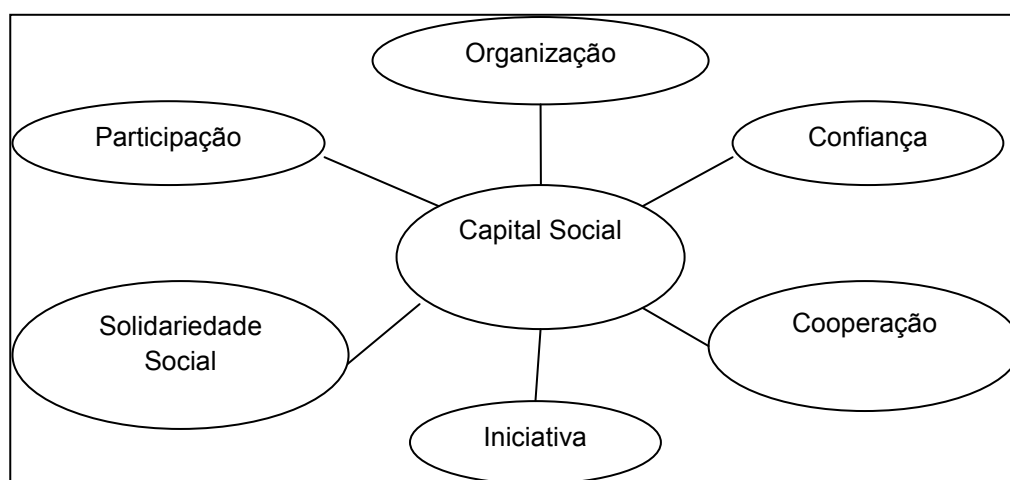


Figura 3 – Fatores determinantes do capital social.
Fonte: Neto e Froes (2002).

Neto e Froes (2002, p.58) consideram que a existência do capital social é condicionada à atuação conjunta dos fatores determinantes, conceituados no tópico 2.2, por meio de projetos sociais ou programas. Os autores avaliam que uma “comunidade que dispõe de capital social possui altos níveis de participação, organização, confiança entre seus membros, cooperação, solidariedade e pessoas dotadas de iniciativa”. A dinâmica desses fatores foi desenhada por Neto e Froe (2002), conforme a elucida figura 3.

Percebe-se o protagonismo local de comunidades que se desenvolvem com êxito, quando implementam todos ou alguns destes fatores, a seguir analisados à luz dos parâmetros criados por estudiosos da temática.

James Coleman (ano2000, *apud* Neto e Froes 2002), renomado sociólogo, define capital social como “a capacidade disponível em grupos humanos para trabalhar juntos, visando a objetivos comuns”.

Continuando suas considerações, o autor define os fatores formadores do que nomeia “capacidade de associação; capacidade disponibilizada em grupos humanos com fins de trabalharem juntos

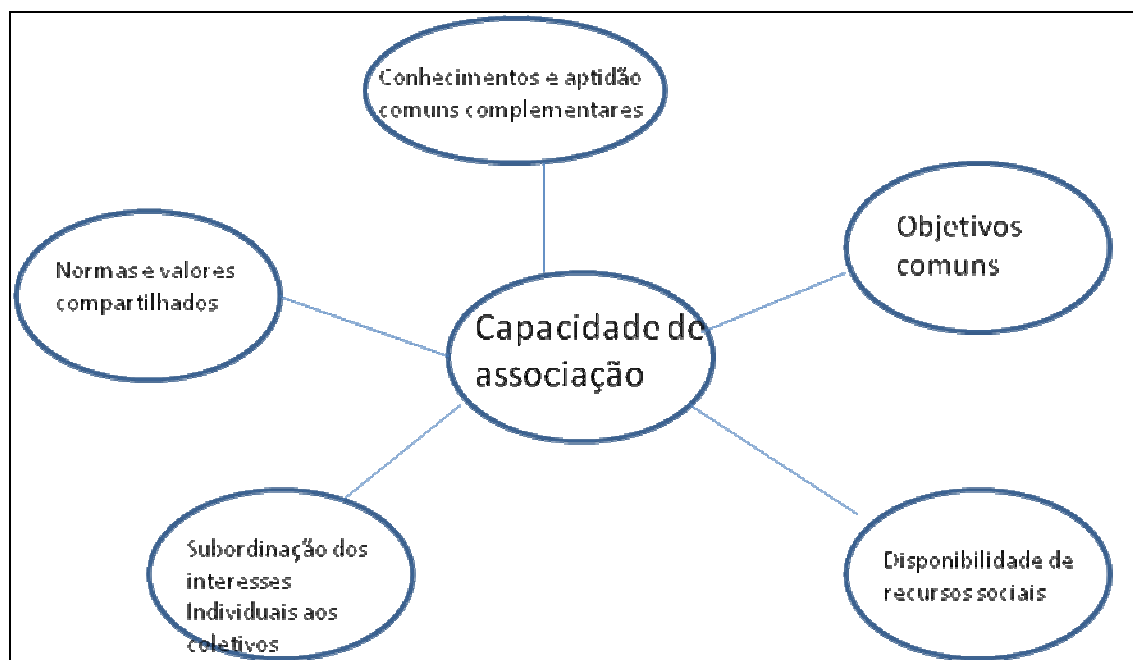


Figura 4 – Os elementos formadores do capital social.
Fonte: (JAMES COLEMAN). Adaptação de Neto e Froes (2002).

O autor entende que a capacidade de associação, ou seja, fundação do desenvolvimento do capital social, é produto de diversos fatores: valores e normas compartilhadas, aptidões e conhecimentos complementares e comuns, objetivos em comum, recursos sociais disponíveis, e interesses individuais subordinados aos coletivos.

Valores e normas compartilhadas determinam comportamentos e atitudes comuns aos integrantes de uma comunidade, sociedade, coletividade e ou grupo. Cada indivíduo pensando e agindo em benefício de todos.

Dotadas de habilidades e conhecimentos comuns e complementares, estas pessoas dão força ao capital social, disponibilizado pela busca de alcançar objetivos comuns.

Quanto mais disponíveis os recursos sociais (mobilização, associações, grupos), maior a capacidade de se associarem. A consequência disso é um capital social ainda mais disponível. Os dois florescem num ambiente em que os interesses individuais se encontram subordinados à coletividade. Aqui, o espírito de grupo, o coletivo e a comunidade, devem predominar.

3 ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

As organizações vêm buscando trabalhar de forma cooperativa, instigadas pelas pressões advindas da competitividade, em busca de angariar eficiência coletiva capaz de ser transformada em eficiência interna, para que se tornassem organizações mais competitiva. Frente a este contexto, as empresas brasileiras têm sido estimuladas a fazer uma opção estratégica pela formação de Arranjos Produtivos Locais (APLs), que passaram a ser um dos principais instrumentos da política de desenvolvimento industrial e regional do País (ARRUDA, 2005).

Passos e Cruz (2004) definem os APLs como sendo uma concentração setorial e espacial de firmas. Mas, este conceito vem sendo ampliado, na tentativa de incorporar outros elementos, como por exemplo as relações de cooperação, o grau de especialização e um ambiente institucional voltado para dar suporte ao desenvolvimento do *cluster*.

Os Arranjos Produtivos Locais (APLs) são definidos, ainda, como grupos de pessoas/empresas situados em um determinado território, relacionando-se com agentes sociais, econômicos e políticos, focando um trabalho voltado para atividade de natureza econômica, com vínculos mesmo que incipientes (ALBAGLI, BRITO, 2002).

Arruda (2005) e Milani (2008) afirmam que os APLs integram aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas que apresentam vínculos, mesmo que incipientes.

Para Meyer e Altenburg (1991) o arranjo produtivo local é um aglomerado de empresas limitadas territorialmente, focadas em atividades com o mesmo fim econômico visível perfil de especialização.

Esses arranjos produtivos locais, em sua maioria, acontecem de forma espontânea, aproveitando características locais como capacitação da mão-de-obra, mercado e organização social, envolvendo a participação e a interação de empresas, que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais a fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadoras, clientes, entre outros. Incluem, também, diversas outras instituições públicas e ou privadas, voltadas para a formação e capacitação de recursos humanos, como escolas técnicas e universidades, institutos de pesquisa, desenvolvimento e engenharia, política, promoção e financiamento (LASTRES, 2003).

Alfred Marshall, ao final do século XIX, observou as questões relacionadas à possibilidade de as empresas tirarem proveito dessas aglomerações (PORTER, 1999).

Marshall também percebeu que, para as pessoas de uma mesma profissão especializada, em vizinhança próxima, há certa vantagem, desde que uma indústria escolha aquela localidade para ali se fixar e permanecer por longo espaço de tempo. Os segredos da profissão deixam então de ser segredos e, por assim dizer, acabam por ser do conhecimento de todos, de modo que as crianças absorvem, inconscientemente, grande parte deles (MARSHALL, 1982).

Na percepção de Porter (1999), os aglomerados são sistemas de empresas e instituições interrelacionadas, cujo todo é maior do que a soma das partes.

Os aglomerados desempenham papel bastante significativo no que se refere à competição e trazem implicações relevantes para as empresas, governos, universidades e outras instituições da Economia. Representam uma forma nova e complementar de compreendê-la, através da promoção do desenvolvimento e do estabelecimento de políticas governamentais.

Essas aglomerações tiveram seu maior grau de efetividade e amplitude por conta da evolução do espírito competitivo e do aumento da complexidade das modernas economias. A globalização, juntamente com a crescente mobilização do conhecimento, exerceu enorme impacto sobre o papel dos aglomerados na competição (PORTER, 1999).

De acordo com Schimtz e Nadvi (2000), existe consenso em afirmar que a produção dos Arranjos Produtivos Locais tem maior chance de êxito se aplicada a um arranjo já existente. Esse aspecto leva em conta a vocação dos produtores locais, com vínculos familiares ou valores comuns, que, baseados em conhecimento empírico, já seriam possuidores de uma “predisposição” para a formação de um arranjo produtivo.

Dando continuidade a esta explicação, diz-se que os arranjos produtivos locais são entendidos como grandes empreendedores sociais, uma vez que seus atores buscam como motivação principal não apenas o alcance de lucros e sucesso, mas principalmente a melhoria de vida das pessoas envolvidas em tais relações.

Observa-se, também, que os indivíduos envolvidos com esses arranjos se caracterizam por ser visionários, detectando oportunidades onde outros não conseguem enxergá-las, combinando risco e valor com critério e sabedoria.

Cassiolato e Lastres (2003) citam algumas vantagens para as empresas que atuam em Arranjos Produtivos Locais. São elas: diferentes atores focados em um grupo com atividades conexas; fortalecimento entre atividade econômica e território; formação da capacidade produtiva e inovativa, e a articulação para implementação de políticas públicas.

Estrategicamente, os arranjos produtivos locais propiciam maiores benefícios para as pequenas empresas, conciliando flexibilidade e economia de escala, além de atuarem estimulando o empreendedorismo e a inovação.

Os arranjos produtivos podem se agrupar de diversas formas: i) empresas especializadas em um único setor; ii) empresas que produzem insumos diferentes para um único setor; iii) empresas que necessitam da mesma tecnologia; iv) pequenas empresas em volta de uma empresa âncora, mantendo vínculos técnicos, financeiros e comerciais.

Estas formas de organização têm auxiliado empresas dos mais variados portes, particularmente pequenas e médias empresas, levando-as a superar barreiras durante seu crescimento. Isto se dá pela articulação entre economias externas, resultado imediato da aglomeração espacial, e pela ação conjunta dentro

do próprio *cluster*, resultado do desenvolvimento de redes de cooperação, levando a ganhos de eficiência coletiva (CROCCO *et al.* 2003).

Lemos (1997) apresenta uma tabela, pontuando as características comuns dos aglomerados produtivos locais:

| | |
|------------------------|---|
| Localização | Concentração ou proximidade geográfica |
| Atores | Grupos de pequenas empresas; Pequenas empresas nucleadas por grandes empresas; Associações, instruções de suporte, serviços, ensino e pesquisa, fomento, financeiras, etc.; |
| Características | Intensa divisão de trabalho entre as firmas; Flexibilidade de produção e de organização; Especialização; Mão-de-obra qualificada; Competição entre firmas baseada em inovação; Estreita colaboração entre as firmas e demais agentes; Fluxo intenso de informações; Identidade cultural entre os agentes; Complementaridades e sinergias. |

Quadro 1 – Características semelhantes em aglomerados produtivos locais.
Fonte: Lemos, C. (1997).

Nas últimas décadas, diversos tipos diferenciados de arranjos surgiram, segundo Kliemann (apud OLIVEIRA; PORTO, 2004), destacando-se entre eles os *Clusters* (aglomerado empresarial, território), o *Filière* (fluxo de transformação, análise global), o *Supply Chain* (competição, racionalização) e as redes flexíveis (cooperação, organização).

Os arranjos produtivos locais podem ser analisados considerando três formas, as quais, juntas, são consideradas positivas para o desenvolvimento da competitividade e da sustentabilidade, são elas: A) o fortalecimento da governança e do capital social; b) o desenvolvimento da capacidade inovadora e da capacidade produtiva; c) o desenvolvimento das competências territoriais e dos seus agentes.

Para obter o desenvolvimento do arranjo produtivo local é fundamental a participação do governo. Assim, Locke (2004) aponta ações conduzidas pela administração pública e que beneficiam os arranjos produtivos locais: a) Captação de mão de obra e qualidade no ensino; b) investimento em centros de desenvolvimento e pesquisa; c) infraestrutura que permita condições para o crescimento do arranjo; d) financiamentos para que as associações/cooperativas promovam desenvolvimento.

O autor afirma, ainda, que mesmo em regiões onde não são apresentadas características do capital social, como desenvolvimento, cooperação e confiança, as irregularidades podem ser sanadas, caso agentes governamentais apóiem a busca de alternativas e promovam incentivos para os avanços dos Apls. O grande desafio é não se focar em apenas algumas empresa.

Geralmente, os arranjos produtivos carecem de suportes gerenciais, de processo e de tecnologia para a fomentação dos produtos. Acredita-se que, em determinadas situações, os arranjos necessitam redefinir as características das empresas locais, o agrupamento, definindo as melhorias necessárias. Dessa forma, considera-se importante a colaboração de entidades que disponham de suportes técnicos, como centros de pesquisas e universidades, para fins de acompanhamento técnicos.

De acordo com Altenburg e Meyer Stamer (1999) há que se desenvolver uma política de desenvolvimento para cada arranjo, mas que tenha, contudo, um ponto em comum: “facilitar as parcerias entre os atores que, normalmente, não têm nenhuma interação” (UNCTAD, 1998, p. 13).

Observa-se que cada região apresenta características distintas; a impossibilidade de criar ou reproduzir experiências históricas requer processos únicos para cada arranjo.

Pesquisas apresentam vantagens referentes a arranjos produtivos locais que possibilitem a ascensão do desenvolvimento regional e tecnológico de um país. Empresas integradas em APLs podem adquirir benefícios da aglomeração, através das denominadas economias externas. Essas economias, criadas naturalmente e ou

planejadas, contribuem para o fortalecimento das instituições que se encontram inseridas, tornando-as mais competitivas no mercado.

Desta forma, as economias externas surgem naturalmente, através das seguintes formas: a) aglomerado de empresas fornecedoras de matérias-primas específicas; b) acúmulo de mão de obra especializada em uma determinada região ou c) grande disseminação de informações, conhecimentos e habilidades, em determinada atividade específica (SANTOS, 2003).

No intuito de que os arranjos representem vantagens e oportunidades, é necessário que as empresas estabeleçam relacionamentos em torno de seus interesses comuns. Os vínculos sociais mantêm a coesão dos aglomerados, contribuindo para o processo de criação de valor. A simples presença de empresas, fornecedores e instituições, numa localidade, cria potencial para o valor econômico, mas não assegura, necessariamente, sua realização. Entre os fatores determinantes para o estabelecimento de vantagem competitiva encontra-se o livre fluxo de informações, a descoberta de intercâmbios e de transações que agreguem valor, a disposição em alinhar agendas e atuar além das fronteiras empresariais, além da forte motivação para aprimoramentos. Os relacionamentos, as redes e o senso de interesse comum são os pilares de sustentação dessas circunstâncias. Assim, a estrutura social dos aglomerados assume uma importância fundamental (PORTER, 1999).

Nalebuff, Brandenburger (1996) definiram a dinâmica de competir e cooperar, simultaneamente, usando o termo coopetição, cuja característica é marcante no relacionamento entre as empresas nos aglomerados desenvolvidos:

Os aglomerados representam, nitidamente, uma combinação de competição e cooperação. A competição vigorosa se trava na conquista e na preservação dos clientes.

A presença de muitos rivais e de fortes incentivos geralmente acirra a intensidade da competição nos aglomerados. No entanto, a cooperação também se desenvolve nas muitas áreas já identificadas acima. Boa parte dessa cooperação é vertical, envolve setores correlatos e ocorre entre as instituições locais. A competição e a cooperação coexistem porque se verificam em diferentes dimensões

e entre diferentes participantes; a cooperação, em algumas dimensões, contribui para o êxito da competição. (PORTER, 1999).

De acordo com Paiva (2003), a primeira etapa é a da aglomeração. Uma vez constituída, tende a se desenvolver, deixando de ser uma mera aglomeração e passando a ser um arranjo produtivo. E quando o arranjo produtivo toma consciência de si e coordena racionalmente seu desenvolvimento, ele se transforma em sistema local de produção.

De acordo com Albagli e Brito (2002) *apud* AMORIM; MOREIRA, 2004), os APLs são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais, com foco em um conjunto específico de atividades econômicas que apresentam vínculos e interdependência, enquanto os sistemas produtivos locais apresentam níveis mais elevados de organização interna e são definidos como arranjos produtivos, cuja interdependência, articulação e vínculos consistentes, resultam em interação, cooperação e aprendizagem, possibilitando inovações de produtos, processos e formatos organizacionais gerando mais competitividade empresarial e capacitação social .

Moura, Ipiranga e Amorim (2004) analisam os arranjos produtivos locais em três dimensões: Institucional, produtiva e comunitária, de uma território. A dimensão institucional reúne todas as instituições, sejam elas, privadas, públicas, não governamentais ou governamentais. A dimensão comunitária engloba as entidades que se encontram dentro do território, enquanto que a produtiva envolve todos os agentes do arranjo se que encontram inseridos na cadeia produtiva.

Essas dimensões “podem ser potencializadas, integradas e operacionalizadas, através do processo de desenvolvimento do Arranjo produtivo local”, apresentadas na figura 5 a seguir (MOURA; IPIRANGA; AMORIM, 2004, p. 10).

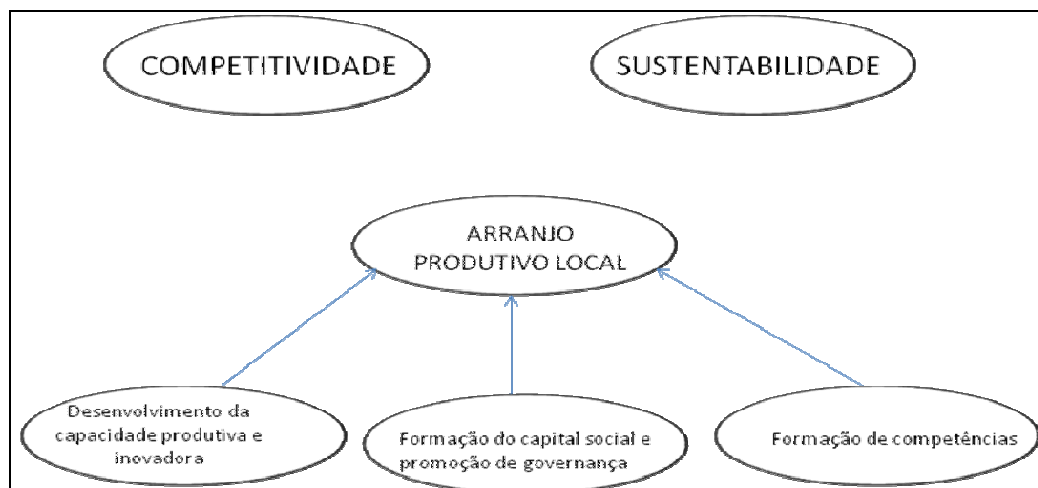


Figura 5 – Arranjo produtivo local, dimensões
 Fonte: Moura, Ipiranga e Amorim (2004).

Observando na figura 5, vê-se que o APL tem como eixos de análise as seguintes categorias:

- a) O desenvolvimento da capacidade produtiva e inovativa;
- b) A formação do capital social e a promoção da governança;
- c) O desenvolvimento de competências e o aprendizado dos seus agentes.

Esses eixos são essenciais para a produção da capacidade social. Influenciam na formação do capital social, além de promoverem a governança e incrementarem a sustentabilidade e competitividade ao APL:

- Capacidade produtiva e inovativa: Tais fatores mostram-se estratégicos para o posicionamento do APL em um mercado marcado pela concorrência bastante acirrada, como na verdade ele se apresenta, atualmente.

- Capital social e governança: O aumento da integração entre essas partes e a coordenação dessas relações favorece a boa governança.

- Formação de competências: Deve haver um trabalho de crescimento das habilidades dos agentes produtivos, para que se capacitem para responder bem aos desafios colocados pelo mercado.

Carreando a idéia dos APLs para a realidade brasileira, sabe-se que os mesmos passaram a receber foco de atenção, por parte do governo brasileiro, a partir de 1992, por meio de iniciativas do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT). Com o apoio do Banco Mundial, foi contratado um consórcio de 13 instituições, lideradas pela UNICAMP e pela UFRJ, para realizar estudo sobre o teor de competitividade da indústria brasileira. A partir de 1999, com incentivo do FINEP e por intermédio do BNDES, em diversas universidades, foi promovida uma série de estudos técnicos, sob o título Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico.

Esse esforço culminou no estabelecimento de parâmetros para uma nova política industrial, em agosto de 2004, com a 1ª Conferência Brasileira sobre Arranjos Produtivos Locais, que reuniu diversas entidades envolvidas com questões econômicas e industriais. Dentre os 35 diversos temas abordados, vale destacar o 5º painel da Conferência, dedicado, especificamente, à questão do acesso ao crédito e a serviços financeiros (MDIC, 2004).

No tocante ao desenvolvimento regional e à adoção de políticas públicas voltadas para micro, pequenas e médias empresas, o governo demonstra, claramente, que está priorizando estratégias em torno de APLs. O interesse do Estado no mapeamento das diferentes potencialidades, na identificação e localização dos APLs, foi posto em evidência no seminário Arranjos Produtivos Locais como Instrumento de Desenvolvimento, promovido pelo BNDES, entre 26 e 27 de outubro de 2004. O BNDES deixou explícita, ali, sua visão sobre os APLs e as potencialidades existentes. Segundo economistas da instituição, a crise econômica que o Brasil vem atravessando ao longo dos últimos 25 anos, resulta da falta de acreditar na capacidade de compreender e equacionar os problemas a partir de soluções domésticas, diferentes da receita de desenvolvimento padronizada e desenvolvida pelos organismos financeiros multilaterais (FMI e BANCO MUNDIAL).

Mesmo que as políticas para os APLs venham a ser uma questão marginal para o problema de desenvolvimento do Brasil, elas podem ter um efeito colateral muito positivo, por serem focadas na cooperação entre os agentes locais e no conhecimento criado dentro do APL. No Brasil conforme Fafchamps (2004) o

desenvolvimento sustentável está fortemente interligado à capacidade de criação do capital social em um arranjo produtivo.

Segundo Santos *et al* (2004, p.12-13) a percepção das áreas de planejamento e desenvolvimento de produtos do BNDES sobre o tema APLs e respectivas políticas constam de uma série de três artigos, cujos principais objetivos são:

Defender que a política para APL pode ser muito eficiente como política industrial e, portanto, geradora de empregos diretos e indiretos; (2) mostrar que os APLs brasileiros, mesmo quando em nível de desenvolvimento muito inferior aos seus congêneres no primeiro mundo, podem dar uma resposta muito rápida a políticas públicas de apoio, cooperar tanto quanto os APLs de outros países e crescer competindo internacionalmente; (3) mostrar que o APL pode contribuir para o desenvolvimento regional da região em que se situa, fazendo assim com que as políticas para APL sejam também políticas regionais e até sociais (4); defender que a política para APL é, na sua maior parte, uma política econômica que tem mais importância para a política industrial do país do que para a política regional ou social, ainda que possa ter um enorme impacto de desenvolvimento regional e social.

Assim, os APLs, além de contribuírem para a competitividade, também fortalecem o desenvolvimento do país, considerando que o capital social está diretamente interligado com esta questão.

A difusão do arranjo produtivo local, nos mercados mundiais, é fator essencial no que tange à descentralização das indústrias, por estarem estas aglomeradas em regiões específicas e passíveis à gerações de novos pólos que possam oferecer oportunidades a outros indivíduos.

São destacados, a título de exemplo, alguns arranjos produtivos internacionais: o Vale do Silício, importante aglomerado de instituições especializadas no setor de Informática e o da Terceira Itália, envolvendo empresas de médio e pequeno porte, especializadas nas áreas têxtil e mecânica.

O Arranjo produtivo local, objeto deste estudo, foi desenvolvido de forma espontânea na década de 80 já que todas as mulheres da comunidade exerciam a atividade de *crochet*. Em 1984 foi fundado o grupo de jovens da comunidade que inicialmente tinha caráter apenas religioso, entre as discussões sobre os problemas da comunidade os jovens criaram uma fabrica de redes, que inicialmente tinha caráter informal. Com o amadurecimento e desenvolvimento da fabrica surgiu a necessidade de formalizá-la. Assim criou-se a associação comunitária do sítio

Mocotó atuando desde então no mercado de artesanato em tecido de algodão com atividades desenvolvidas também na área social.

O principal produto confeccionado é a rede de dormir. Neste trabalho estão envolvidas comunidades próximas, cuja as crocheteiras desenvolvem as varandas que dão acabamento fino ao produto e consomem cerca de um mês de trabalho artesanal.

Analisando as definições e peculiaridades de um arranjo produtivo local, apresentado neste capítulo, nota-se a conexão entre os conceitos de capital social e arranjo produtivo local. Isto é resultado da interação social, interseção institucional e a quantidade de integração entre os atores que solidificam a formação do agrupamento.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, é descrita a forma metodológica utilizada nesta pesquisa, possibilitando um melhor desenvolvimento no que se refere à análise do objeto de estudo, com a finalidade de obter melhor interpretação dos resultados. São apresentados, então, os tipos de pesquisas, métodos utilizados e o procedimento de análise dos dados.

4.1 Natureza da Pesquisa

O trabalho em referência utilizou-se da pesquisa **qualitativa**, em função de sua grande aplicabilidade, na investigação de temas que requerem uma compreensão mais aprofundada. Neste tipo de investigação, os pesquisadores estudam objetos em seus cenários naturais, tentando criar um sentido ou interpretar os fenômenos em torno dos significados que as pessoas atribuem a eles (DENZIN e LINCOLN, 1994; GODOY, 1995), havendo preocupação com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto (TRIVIÑOS, 1987).

Viera e Zouain (2006, p. 17) definem a pesquisa qualitativa como “a que se fundamenta principalmente em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de instrumentos estatísticos na análise de dados”.

Os autores acrescentam que, por ser uma pesquisa de natureza qualitativa, em que não se utiliza dados estatísticos, isto não significa que os resultados apresentados sejam meras especulações subjetivas.

Uma importante característica da pesquisa qualitativa “é que ela geralmente oferece descrições ricas e bem fundamentadas, além de explicações sobre o processo de contextos locais e identificáveis.” Além disso, “ela ajuda o pesquisador

a avançar nas relações com as concepções iniciais ou ainda a revisar sua estrutura teórica.” (VIERA e ZOUAIN, 2006, p. 18).

4.2 Tipo da Pesquisa

Optou-se pelo **estudo de caso**, por representar uma estratégia de investigação que permite estudar e compreender, em detalhes, determinados aspectos organizacionais, a partir de uma análise intensa de uma dada unidade social (GODOY, 1995). O Método do Estudo de Caso “[...] não é uma técnica específica. É um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado” (GOODE e HATT, 1969, p. 422). De outra forma, Tull (1976, p. 323) afirma que “um estudo de caso refere-se a uma análise intensiva de uma situação particular” e Bonoma (1985, p. 203) coloca que o “estudo de caso é a descrição de uma situação gerencial”. Yin (1989, p. 23) afirma que:

[...] o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenômeno contemporâneo, dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenômeno e o contexto não é claramente nítida e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas.

A Pesquisa buscou trabalhar respeitando os princípios da validade e da fidedignidade das informações exigidos para a aplicação do método de estudo de caso. De acordo com Sykes (1990), o termo validade é usado em uma grande variedade de sentidos, nos debates sobre a pesquisa quantitativa. Sua mais importante distinção está em seu uso, referindo-se ao tipo e precisão da informação obtida das amostras individuais, sejam elas indivíduos isolados ou grupos e a avaliação da validade deve ser feita à luz do propósito do trabalho de investigação.

A fidedignidade refere-se à consistência dos dados (SYKES, 1990) e à repetibilidade dos resultados, em se repetindo os mesmos procedimentos em situação semelhante, ou seja, se outro investigador seguir exatamente os mesmos procedimentos descritos pelo primeiro e conduzir o mesmo estudo de caso, chegará as mesmas descobertas e conclusões (YIN, 1989).

4.3 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida junto à Associação Comunitária do Sítio Mocotó, localizada no município de Várzea Alegre, distante 800 km da capital, dado ao fato de que este objeto tem sido alvo de interesse da população e dos estudiosos, por seu alto grau de estruturabilidade, comprometimento e organização.

A autora optou por entrevistar os associados veteranos, que presenciaram o início dos trabalhos da associação, por terem eles maior informações a respeito da formação do grupo. Assim, apenas os que assinaram a Ata de reunião número 1, do grupo de jovens Unidos em Cristos, do Sítio Mocotó, em 1984, participaram das onze entrevistas.

Entendeu-se que este grupo possui maior volume de informações, já que todos estavam direta e fortemente ligados ao surgimento da associação. As colocações dos entrevistados foram classificadas em categorias definidas, a partir da revisão da literatura.

Optou-se por estudar esta associação pelo conhecimento prévio, por si constituir caso de grande interesse e repercussão no Estado.

4.4 Coleta de Dados

O período de coleta deu-se entre setembro e novembro de 2008. Como procedimento da coleta de dados, foram utilizados três recursos distintos, na busca de uma melhor compreensão e análise do estudo de caso, como se observa na figura a seguir.

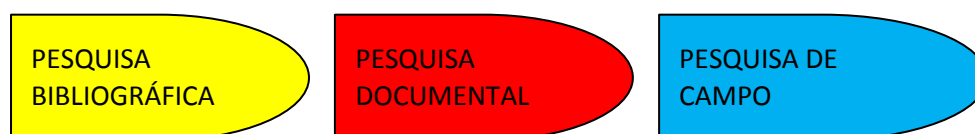


Figura 6 – Procedimento da coleta de dados
Fonte: Elaborada pela autora (2009).

O primeiro inseriu o exercício analítico bibliográfico, na busca de fortalecer a teoria utilizada e estudada no trabalho, para que os dados não sejam distribuídos erradamente, frente ao acervo bibliográfico utilizado;

O segundo lançou mão da análise documental para obtenção dos dados referentes ao histórico, produtos e serviços, número de funcionários, dentre outras informações do caso pesquisado. Este recurso foi utilizado para ajudar a identificação de características objetivas.

O terceiro método de coleta de dados elegeu a pesquisa de campo, sendo utilizados dois tipos de entrevistas: a individual, em profundidade, tendo em seu roteiro questões abertas e a entrevista semiestruturadas. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas.

4.4.1 Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é o passo inicial na construção efetiva de um protocolo de investigação, quer dizer, após a escolha de um assunto, é necessário fazer uma revisão bibliográfica do tema apontado. Essa pesquisa auxilia na escolha de um método mais apropriado, assim como num conhecimento das variáveis e da autenticidade da pesquisa.

Ressaltada a importância da pesquisa bibliográfica na edificação de um projeto de pesquisa, fica claro a pertinência de um trabalho voltado a esse primeiro passo. Assim como as demais etapas do processo investigativo possuem critérios, a pesquisa bibliográfica também os possui. Neste aspecto, o momento relacionado à pesquisa bibliográfica, neste estudo, aborda questões relacionadas ao capital social, ao desenvolvimento local e ao arranjo produtivo local.

4.4.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental é uma das técnicas decisivas para a pesquisa em ciências sociais e humanas. Torna-se indispensável porque a maior parte das fontes

escritas – ou não escritas – funciona quase sempre à base do trabalho de investigação. Saint-Georges (1997: 30) considera que a *pesquisa documental* se apresenta como um método de recolha e de verificação de dados, visando ao acesso às fontes pertinentes, escritas ou não, e sob esse título, é parte integrante da heurística da investigação.

A propósito das fontes documentais, existe grande aproximação na definição de conceitos, até mesmo uma certa unanimidade em considerá-las integradas à tipologia de fontes primárias e fontes secundárias. As primeiras, enquanto fontes de época, e as segundas como fontes interpretativas, baseadas nas primeiras (BELL et al. 1997). Adequando esta perspectiva às questões da Educação, outros autores preferem designar as fontes documentais [oficiais] como *documentos internos* e como *comunicações externas*, considerando todos estes dados como muito importantes para os investigadores qualitativos (BOGDAN & BIKLEN, 1999). Também Burgess (1997:135-6) partilha desta idéia, quando diz que «a grande variedade de materiais escritos e audiovisuais disponíveis não pode deixar de chamar a atenção dos investigadores...». Semelhantemente a esta perspectiva, Bell (1997: 91-92) considera ainda, dentro das fontes primárias, as *fontes deliberadas* e as *fontes inadvertidas*, referindo que estas últimas são as «mais comuns e constituem, geralmente, a fonte primária mais valiosa».

Os documento que embasam este estudo foram coletados no acervo da associação, totalizando 500 laudas, de Atas de reuniões, registradas semanalmente e assinadas pelos integrantes. As atas foram registradas desde dezembro de 1984, ainda sob o rótulo de “grupo de jovens Unidos em Cristo, do sítio Mocotó” e apresentam, na verdade, toda uma riqueza de dados referentes à fundação da associação do Sítio Mocotó, apenas formalizada em 1989. As Atas foram lidas três vezes, pela pesquisadora, na primeira leitura preocupou-se ela em entender o contexto geral. Na segunda, foram sublinhadas todas as falas consideradas importantes e, na terceira, uma leitura minuciosa, para se certificar de que nenhuma informação importante deixou de ser interpretada.

É importante ressaltar que as Atas se referem a reuniões semanais, registradas detalhadamente, sendo considerada a reunião o encontro oficial do grupo, o que não

impede que os membros se reúnam informalmente, diversas vezes, no decorrer da semana.

4.5 Entrevistas

Esta é uma das fontes de dados mais importantes para a estratégia do estudo de caso, apesar de haver uma associação usual entre a entrevista e a metodologia de pesquisa (YIN, 1989).

De uma forma geral, as entrevistas são fontes essenciais de evidências para o estudo de Caso (YIN, 1989), uma vez que o estudo de caso, na pesquisa social, lida geralmente com atividades de pessoas e grupos. O problema é que isto pode sofrer a influência e a interferência dos observadores e entrevistadores e, por isto, podem ser reportadas e interpretadas de acordo com as idiosincrasias de quem faz e relata a entrevista. Por outro lado, os respondentes bem informados podem fornecer importantes *insights* sobre a situação. Ao considerar o uso da entrevista na pesquisa, deve-se cuidar para que problemas outros não interfiram nos resultados, provendo o treinamento e a habilitação dos investigadores envolvidos.

Foram utilizados, na presente pesquisa, dois tipos de entrevistas: entrevista em profundidade e entrevista não estrutural

4.5.1 *Entrevista em profundidade*

Malhotra (2006, 162) explica que a entrevista em profundidade é “uma entrevista não estruturada, direta, pessoal, em que um único respondente é testado por um entrevistado (...)”. Foi dada importância a esta entrevista como primeira fonte de informação sobre a associação, objetivando colher dados suficientes para elaborar a entrevista semi estruturada.

Segundo Fontana e Frey (1994), a entrevista em profundidade propicia uma amplitude maior (entrevista em aberto e em profundidade), dado a sua natureza qualitativa. Este método permitiu a compreensão do complexo comportamento dos

líderes da associação objeto desta pesquisa, sem imposição de categorias que limitassem o campo da investigação.

Foram elaboradas duas entrevistas em profundidade: a primeira com Francisca Reinaldo, a atual presidente da associação, com duração de 2 horas, seguida pela conversa com Rosa, antiga presidente, considerada a fundadora da associação.

As perguntas-chaves, apresentadas a seguir, impulsionaram toda a entrevista:

- 1- Conte a história da associação. Como ela surgiu.
- 2- Quem fundou a associação.
- 3- Que argumento motivou a grupo a formar a associação
- 4- Como funciona a associação, hoje.
- 5- Houve alguma melhora, na comunidade, em função do trabalho da associação. De que maneira?

A primeira entrevista em profundidade aconteceu em agosto de 2008, com a atual presidente da associação, Francisca Reinaldo, vindo ela em visita a Fortaleza, com a finalidade de representar a associação na feira do empreendedor, elaborada pelo SEBRAE. A entrevista teve a duração de 2 horas, havendo permissão da entrevistada para ser gravada.

A segunda entrevista em profundidade foi elaborada com Rosa, a primeira presidente da associação, e atual Relações Públicas. A entrevista teve a duração de 3 horas e também foi permitida a utilização do gravador.

Para o acontecimento desta entrevista, em outubro de 2008, a pesquisadora, se deslocou até Várzea Alegre. Passou dois dias hospedada na casa da entrevistada, podendo assim conhecer um pouco da vida da comunidade e da própria associação. Vale ressaltar que a comunidade não dispõe de meio de transporte apropriado para se chegar ao local, e que não existe ainda nenhuma forma de comunicação eletrônica, como telefone e ou internet.

4.5.2 Entrevista semi-estruturada

Após realização das duas entrevistas em profundidade, foram elaboradas as entrevistas semiestruturadas, utilizando as seis categorias do modelo conceitual de Neto e Froe (2002).

Foram entrevistados os oito associados que assinaram a Ata da primeira reunião da associação, à época nomeada Grupo de Jovens Unidos em Cristo, do Sítio Mocotó, no intuito de garantir que todos os entrevistados tivessem realmente vivenciado a fundação da associação. Dentre esses associados está Dona Rosinha, considerada pelos outros associados figura de prova para a fundação e existência da associação.

O questionário foi dividido em seis partes, totalizando 40 perguntas. As divisões do questionário foram feitas a partir dos fatores determinantes apresentados pelos autores Neto e Froe (2002).

4.6 Análise dos dados

A análise de evidências, no Estudo de Caso, é um método não muito adotado e um dos mais difíceis passos na condução do Estudo de Caso (YIN, 1989.) Muitas vezes, o investigador inicia um estudo de caso sem uma visão muito clara das evidências a serem analisadas podendo então sentir dificuldades na realização deste passo.

Yin (1989) aponta ser necessário, para a feitura desta análise, ter-se uma estratégia geral para a análise. "*O objetivo final da análise é o de tratar as evidências de forma adequada, para se obter conclusões analíticas convincentes e eliminar interpretações alternativas*". (YIN, 1989, p. 106).

4.7 Estratégias gerais

YIN (1989) apresenta duas estratégias para a análise das evidências:

- Confiança nas Proposições Teóricas - Seguir as proposições teóricas estabelecidas no início do Estudo de Caso é, segundo YIN (1989), a melhor estratégia para a análise das evidências, uma vez que os objetivos originais e o projeto da pesquisa foram estabelecidos com base nas proposições que refletem as questões da pesquisa, a revisão da literatura e os novos *insights*.

As proposições ajudam o investigador a manter o foco e a estabelecer critérios para selecionar os dados. Ajudam, também, a organizar o caso e a analisar as explicações alternativas.

- Desenvolvimento da Descrição do Caso - Constitui-se na elaboração de um esquema descritivo para organizar o Estudo de Caso e pode ser usado como ajuda para identificar os tipos de eventos que podem ser quantificados e em como usar um padrão geral de complexidade para ajudar a explicar.

4.8 Análise de conteúdo

A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo. Esta é considerada apropriada quando o fenômeno a ser observado é a comunicação, e não o comportamento ou objeto físico” (MALHOTRA, 2006).

Bardin (1977) conceitua a análise de conteúdo como “um conjunto de técnicas de análise de comunicação, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. A autora complementa que não é raro perceber que o que está escrito não significa verdadeiramente o que o locutor pretende dizer, não devendo assim, ser cem por cento vinculada à técnica ou ao texto, em um formalismo abrasador, prejudicando a intuição e a criatividade do observador, mas aplicada com cautela, para não expor suas próprias idéias e valores, construindo o texto de forma a ser este meramente uma confirmação.

Campos (2004) apresenta três fases a serem observadas na elaboração de uma análise de conteúdo. São elas: I) “fase de exploração do material”: efetuar diversas leituras de todo o material coletado, com a finalidade de tentar compreender as idéias gerais; II) “seleção da unidade de análise”: freqüentemente

são utilizados parágrafos, textos e ou frases para delinear, com transparência, os motivos da escolha dos fragmentos. É comum se utilizar dos objetivos da pesquisa e dos estudos secundários, a fim de se firmar naquilo que se refere ao tema; III) “processo de categorização”, sendo isto os enunciados abrangendo o número de temas a serem comentados.

Vergara (2006, p. 18) explica que “categorizar implica isolar elementos, para em seguida agrupá-los”, A autora apresenta três características essenciais para a categorização. São elas: I) Exaustivas, devendo incluir todos os elementos; II) exclusiva, em que cada elemento poderá estar em apenas uma categoria; III) objetiva, precisamente definidas, para que não se tenha dúvida na distribuição de cada elemento; IV) pertinente, adaptada ao objetivo da pesquisa.

Vergara (2005) apresenta quatorze passos que indicam como se deve utilizar a análise de conteúdo. O autor deixa claro que a ordem não deve ser rígida, podendo ser alterada conforme a situação.

| ETAPAS DA PESQUISA | COMO UTILIZAR |
|---------------------------|---|
| 1 ETAPA | Definir tema e problema de pesquisa. |
| 2 ETAPA | Efetuar revisão literária e escolher orientação teórica. |
| 3 ETAPA | Definir problema da pesquisa. |
| 4 ETAPA | Definir a forma de coleta de dados: de campo ou documental. |
| 5 ETAPA | Coletar os dados. |
| 6 ETAPA | Definir o tipo de grade para a análise: Mista, fechada ou aberta |
| 7 ETAPA | Efetuar a leitura do material selecionado. |
| 8 ETAPA | Definir a unidade de análise: parágrafo, expressão, frase ou palavra. |
| 9 ETAPA | Definir as categorias, conforme escolha da grade. |
| 10 ETAPA | Efetuar análise de conteúdo. |
| 11 ETAPA | Resgatar o problema que suscitou a investigação. |
| 12 ETAPA | Confrontar resultados e teorias. |
| 13 ETAPA | Efetuar a conclusão. |
| 14 ETAPA | Elaborar um relatório de pesquisa. |

Quadro 2 – Etapas da análise de conteúdo
Fonte: Vergara (2005). Adaptado pela autora.

Para a análise de conteúdo desta pesquisa buscou-se seguir criteriosamente as etapas propostas por Vergara (2005) conforme o quadro 2.

Como suporte na análise de conteúdo utilizou-se o software Atlas TI “desenvolvido pela *Scientific Software Development*, foi criado, principalmente, visando à construção de teorias. O software permite a auditoria, pelos leitores, necessária para verificar a validade e confiabilidade dos resultados” (MELO e CUNHA, 2008)

4.9 Categorias

Em complemento à etapa número seis, pode ser definida, pelo pesquisador, para a definição da categoria, mediante três grades distintas. São elas: grade fechada; seguindo criteriosamente a literatura em discussão, geralmente utilizada para localizar a falta de determinados elementos; aberta, definindo as categorias no decorrer da pesquisa, podendo-se modificá-las até obter o conjunto final; por fim a grade escolhida para esta pesquisa, a grade mista, utilizando-se de base teórica para formular as categorias, que podem ser mutáveis, caso isto seja necessário.

A pesquisadora optou pela grade Mista. As categorias iniciais foram embasadas nos autores Neto e Froes (2002), que apresentam seis fatores determinantes para a formação do capital social. São elas: Iniciativa, solidariedade social, cooperação, participação, confiança e organização.

4.10 Triangulação dos dados

A triangulação é considerada uma estratégia de pesquisa, fundamentada na utilização de diferentes métodos, com a finalidade de investigar o mesmo fenômeno. Vergara (2006) apresenta quatro tipos de triangulação:

- triangulação de dados: “refere-se ao uso de diferentes fontes de dados. Nesse contexto, é sugerido o estudo de um fenômeno a partir de diferentes momentos: hora (tempo), local (espaços) e pessoas (informantes).

- Triangulação de pesquisadores: utiliza-se a pessoa de diferentes pesquisadores, a fim de avaliar o mesmo fenômeno.
- triangulação teórica: baseada em diversas perspectivas teóricas.
- triangulação de métodos: constitui-se na utilização de diversas técnicas de análise de dados diferentes.

A autora optou pela triangulação de dados, por apresentar diversas fontes diferentes, como entrevista semi estruturada, ata das reuniões e entrevista em profundidade, bem como a diversidade de seus informantes.

5 RESULTADOS

Neste capítulo, é apresentada a análise dos dados obtidos através do exame das atas de reuniões do grupo de jovens “Unidos em Cristo do Sítio Mocotó”. Logo em seguida, são estudadas as atas dos “fabricantes de redes São Pedro do Sítio Mocotó”. Tais subsídios são abordados de forma cronológica, visando a um melhor entendimento da formação do capital social inserido na conjuntura pesquisada.

5.1 Pesquisa documental

Trata-se, neste tópico, do histórico da associação do Sítio Mocotó, e dos resultados obtidos através das análises no atlas T.I., segundo informes colhidos das atas de reunião.

5.1.1 Historia da Associação

Em dezembro de 1984, foi realizada, à sombra de uma velha mangueira, a primeira reunião do grupo de jovens Unidos em Cristo do Sítio Mocotó, presidida por Maria Miguel (Rosa).

Aos quatorze de dezembro do ano de 1984, realizou-se a primeira reunião do grupo de jovens Unidos em Cristo no Sítio Mocotó, debaixo de um pé de mangueira. (ata da primeira reunião, 14 de dezembro de 1984).

Pode-se observar, de pronto, a **iniciativa** dos integrantes em participar de uma reunião de grupo de jovens, dando-se continuidade ao movimento sob a liderança de Rosa, mesmo sem o apoio de uma estrutura física adequada.

Com a evolução do grupo de jovens, as reuniões passaram a ser realizadas nas casas de seus integrantes, havendo rodízio semanal. Somente em julho de 1985, fixou-se a residência do senhor Simplício Miguel, pai de Rosa, como a sede dos encontros.

Percebe-se a forma criteriosa em como ocupante do cargo de secretária descreve as reuniões, sejam elas sobre leituras de Salmos, estratégias para arrecadar dinheiro para construção da capela, prestações de contas ou discussões sobre os problemas da comunidade. Fazendo uso de uma escritura oral e gráfica de ortografia muitas vezes falha e de difícil decodificação o dia a dia da comunidade foi todo documentado. Senão vejamos:

Esta reunião foi só pra falar qual os problemas de nossa comunidade. (ata da vigésima reunião do grupo de jovens, 01 de dezembro de 1985).

A tesoureira perguntou como ia ficar a rifa do rádio. (ata da sétima reunião do grupo de jovens, 30 de março de 1986).

A tesoureira falou que a gincana rendeu 600,89 mil cruzeiros, a presidente perguntou ao grupo se todos concordavam e comprar um jogo de cordas de vilão para a vice presidente. (ata da vigésima segunda reunião do grupo de jovens, 06 de outubro de 1985).

È visível o teor de organização do grupo, no que se refere à arrecadação de dinheiro, prestação de contas e à constante preocupação em registrar todas as ações. O que se buscava, ali, era uma total transparência nos atos administrativos da associação.

Em julho de 1985, o grupo de jovens já se destacava perante os demais da região, pela intensa e constante movimentação, diversificada entre encontros com o fim de estudar a Bíblia, discutir os problemas da comunidade, organização de leilões, rifas, gincanas, festas e caminhadas religiosas, mediante a participação de todos os integrantes, com a finalidade de arrecadar dinheiro para a construção de uma capela, que, meses depois, pôde ser inaugurada.

Esteve presente nessa reunião o seminarista Antônio Afonso (...) o mesmo falava que Padre mota falava muito de nosso grupo. (ata da décima oitava reunião do grupo de jovens, 11 de agosto de 1985).

A presidente tomou a palavra e pediu para que todos participassem das reuniões, porque o nosso grupo é o mais bem falado da região de Varzea Alegre. (Ata da décima terceira reunião do grupo de jovens, 20 de outubro de 1985).

Este momento é marcado pelo cumprimento da primeira meta estabelecida pelo grupo. Seus membros constantemente enfatizavam a importância da construção de uma capela para abrigar a comunidade e também congregar os membros do grupo de jovens.

Em maio de 1987, discutia-se a criação da EMATER-CE (Empresa de Assistência Técnica de Extensão Rural do Ceará) e o projeto FADA (Fundo de Apoio ao Desenvolvimento Agrícola). Estes contatos viriam a ser fundamentais na implantação da fábrica de redes, iniciada com recursos financeiros e tecnológicos oriundos desta articulação.

A presidente falou que nos iremos participar de todas as reuniões da EMATER-CE. (Ata da décima segunda reunião do grupo de jovens, 21 de julho de 1987).

A presidente falou do projeto FADA, falou que o povo não se preocupava com os problema da comunidade, os rapazes não participavam das reuniões, e que as mulheres se preocupava em se organizar (...) houve também a assinatura de quatro testemunhas para a doação do projeto FADA. (ata da décima nona reunião do grupo de jovens, 11 de outubro de 1987).

Em março de 1988, foi realizada a primeira reunião da fábrica de redes, momento em que se decidiu extinguir o grupo de jovens sediado na residência do Sr. Simplício Miguel, elegendo-se, por voto, a Sra. Rosa como presidenta.

Nesta mesma reunião, foram calculados os gastos do dinheiro recebido a fundo perdido do projeto FADA, no valor de C\$ 334.883,34 (trezentos e trinta e quatro milhões oitocentos e oitenta e três mil e trinta e quatro centavos de cruzados), sendo a quantia utilizada para a compra de quatro máquinas elétricas, adaptadas para uso de pedal, já que não havia energia. Foram também adquiridas agulhas, linhas, bastidores e tecido para confeccionar 18 redes.

Percebe-se a crescente profissionalização do grupo, que, diante da abertura de oportunidade oferecida por um membro externo da comunidade, passou a tratar, nas

reuniões do grupo de jovens sobre a fábrica, da produção de redes de dormir, contando com a presença dos mesmos integrantes.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas por Rosa e suas duas irmãs, por serem elas portadoras de atrofia dos membros inferiores e superiores, e por este motivo, ao se deslocarem, andarem de joelhos ou em cadeira de rodas, desde a adolescência, quando não receberam o devido acompanhamento médico, foi observado que elas jamais faltaram as reuniões da comunidade que se iniciaram em 1984.

Deve-se ressaltar, também, a importância da presença de Rosa em todas as reuniões, havendo registro de sua participação nas diversas discussões, inclusive por chamar a atenção dos faltosos, falando sobre as rifas, descrevendo as reuniões de que participava, nas comunidades vizinhas, e discutindo sobre as leituras bíblicas. O apoio de seu pai, na verdade, foi vital para o acontecimento de reuniões e início da fábrica de redes, através da cessão da sala de estar de sua casa para a instalação do maquinário.

Nos meses de março e setembro, de 1988, as reuniões giravam em torno de quatro itens: o lucro das vendas seria para a construção da sede; os associados virem a estar convictos da importância de serem responsáveis e cumprirem os deveres; a qualidade das redes e as estratégias de venda.

A presidente deu início falando para todos os sócios que queria que os mesmos cumprissem com os horários de trabalho estabelecidos, como foi dito na reunião passa será descontado 5% dos que não cumprirem. (ata da quinta reunião da fábrica de redes, 24 de maio de 1988).

A tesoureira perguntou aos sociais o que eles acham de alguém ir para Fortaleza vender redes. Todos pediram para amadurecer a idéia. (ata da sétima reunião da fábrica de redes, 20 de abril de 1988).

A tesoureira falou que as redes que estamos produzindo da para pagar o restante da construção do prédio. (ata oitava reunião dos fabricantes de redes, 12 de julho de 1988).

Nota-se, aqui, a importância do trabalho conjunto dos integrantes do grupo para a construção do prédio da fábrica de rede, já que todos concordaram, inicialmente, em ceder o lucro da confecção das redes para a construção da fábrica.

Em setembro de 1988, foi realizada a primeira reunião na sede da própria fábrica de redes, construída em terreno doado via escritura pública, pelo Sr. Simplício Miguel, pai de Rosa.

A presidente falou a todos que estão presentes que todos já estão vendo o prédio funcionando, pois agora cada sócio deve cumprir com seu horários. (ata da décima segunda reunião dos fabricantes de rede, 5 de setembro de 1988).

Nos meses seguintes, é citada, nas atas, a necessidade de formalizar a fábrica. Assim, em abril de 1989, assina-se o Estatuto da associação, que reunia as mulheres que já trabalhavam na fábrica de redes e os agricultores da comunidade.

O objetivo desta associação é trabalhar pelo progresso e melhoria da comunidade, divulgando e promovendo atividades desenvolvidas pela comunidade. (Ata da primeira reunião da associação, 2 de abril de 1989).

(...) reúnem-se com objetivo de constituir uma associação comunitária para fins de organizar os produtores da região rural, com vista a defesa de seus interesses e reivindicar junto dos poderes públicos a execução das medidas que lhes assegurem a satisfação de suas necessidades fundamentais de modo a garantir uma melhor qualidade de vida. (...) A presidente da fabrica usiu palavra falando que surge um novo caminho do trabalho associativo na comunidade, pois já temos um grupo de base como a fabrica de redes que vem atendendo as necessidades das mulheres da comunidade. (estatuto da associação do sitio Mocotó, 30 de maio de 1989).

Em votação secreta e por unanimidade, Rosa foi reeleita presidente da associação, ficando explícito que a fabrica seria administrada de forma independente da associação, sendo ela um beneficio para as mulheres da comunidade, mas havendo-se acordado que as reuniões seriam unificadas, com a Ata da associação e da fábrica de redes registradas simultaneamente.

Ao longo dos meses, a maior preocupação das integrantes da fábrica de rede residia em como elaborar os custos e vender a prazo, dado ao preço da matéria prima e da mão de obra se mostrarem instáveis. Para isto, alguns integrantes da fábrica participaram de cursos de gerenciamento.

Neste curso descobrimos que muitos empresaria estão tendo prejuízo com as vendas. Quando alguém vai comprar “fiado” não devemos colocar na caderneta o valor que a pessoa comprou e sim o produto, e quando a pessoa for pagar o preço valido é o do dia. (ata da décima sétima reunião dos fabricantes de rede, 05 de agosto de 1989).

Em agosto de 1992, a associação atravessou sérias dificuldades junto à comunidade, resolvendo-se entregar ao prefeito, ofício reivindicatório, em que se enfatizava falta de luz e a precária condição de vida dos agricultores.

A presidente deu abertura a reunião falando qual será a proposta dentro da nossa comunidade, que será levada ao nosso futuro prefeito de Varzea Alegre. O primeiro assunto proposto é a energia, que a comunidade a tempo vem com esse anseio que vem melhorar muito a vida da comunidade. Os agricultores deram sugestão de emprego (urgente) para o agricultores que não tem boas condições de vida(...) (ata da vigésima primeira reunião da associação, 24 de novembro de 1992).

O objetivo desta associação é trabalhar pelo progresso e melhoria da comunidade, divulgando e promovendo atividades desenvolvidas pela comunidade. (Ata da primeira reunião da associação, 2 de abril de 1989).

Até o ano de 1993, os produtos eram vendidos para amigos, comunidades vizinhas e eventuais idas à capital. A partir de 1994, a parceria com o SEBRAE se tornou fundamental para alavancar as vendas, obtendo-se vários convites para participar de feiras por todo o Estado. A parceria com o citado órgão também tornou-se importante na implantação de diversos cursos, como gerenciamento, relacionamento interpessoal e cursos técnicos.

A associação, em assembléia geral, decidiu então que o próximo passo seria levar energia elétrica à comunidade, benefício já prometido por políticos locais em três gestões consecutivas. Em 1998, recebendo o segundo empréstimo a fundo perdido, do projeto São José, em parceria com a EMATER-CE, foi procedida a distribuição de energia a todos os membros da comunidade.

A presidente parabenizou a associação e os agricultores da comunidade por mais uma vitória da associação pela compra do trator, que será muito útil para todos os associados. (Ata de reunião, 10 de fevereiro de 1999).

Outro passo relevante foi a compra de um trator equipado, em 1999, acumulado o terceiro investimento a fundo perdido do projeto São José, com o

intuito de arar as terras das famílias da localidade, antes obrigadas a terceirizar tratores, dispendendo como pagamento, quase o lucro integral obtido com a safra. Para a manutenção do trator, os agricultores pagavam as despesas em sacas de milho.

Observa-se a postura solidária existente na associação, focando, prioritariamente, com essa ação a qualidade de vida dos agricultores, sem se deter apenas na preocupação com o crescimento da fábrica de redes.

(...) a mesma falou que para o grupo um grupo funcionar bem tem que existir: respeito, cooperação, compreensão, companheirismo, autonomia e responsabilidade dos associados. A associação, sociedade civil sem fins lucrativos, que tem como finalidade representar e defender os interesses dos associados, bem como, estimular a melhoria técnica profissional e social dos associados. O planejamento deve ser participativo e nunca feito por uma só pessoa. (...) definir quem faz e o que faz, onde e quando fazer (distribuição de tarefas). É a força ativa que orienta, encoraja e movimenta o grupo a fim de que os seus objetivos sejam alcançados. (Ata de reunião, 08 de novembro de 2004).

Com seriedade e organização, a associação apresentou aos membros parceiros os projetos angariados com mais facilidades. Em seguida, partiu-se para a luta em prol do abastecimento de água na comunidade.

Destaca-se, em diversas ocasiões, a importância dos membros externos para a elaboração de muitas ações, sem desmerecer os esforços da associação em continuamente transmitir aos colaboradores transparência e organização.

A presidente e a tesoureira foram para Orós assinar o convenio de abastecimento de água. E quem vem fazer o abastecimento da água é o técnico da Sohida. (ata de reunião da associação, 15 de novembro de 2004).

A presidente pediu que cada família escolhesse um membro para ajudar na escavação para o abastecimento de água. (ata de reunião da associação, 15 de novembro de 2004).

Em setembro de 2004, foi assinado o convênio para o provimento de abastecimento de água, totalizando o quarto empréstimo a fundo perdido, elaborado pelo projeto São José. Para isso, a comunidade teria que participar com 10% do valor total do investimento e, com essa finalidade, organizar, em regime de mutirão, as escavações.

Foi discutido que cada família mandasse uma pessoa para trabalhar na escavação para colocar os canos d água. (ata de reunião da associação, 13 de novembro de 2004).

Daí por diante, é visível a evolução da associação; as atas de reuniões ficam cada vez mais extensas, devido à quantidade de decisões tomadas pelo grupo em um curto período de tempo (cursos, feiras nacionais, congressos, representações em assembléias, reuniões em secretarias, elaboração de palestras sobre a comunidade e reivindicações).

Mesmo com tantas decisões importantes a serem tomadas, os membros da associação discutem sobre temas referentes ao exercício da solidariedade, ao amor e leitura da Bíblia.

No final da reunião a senhora Andozina leu um texto de reflexão, com o tema: amar é estar disponível para atender sempre e imediatamente quando alguém precisa da gente [...] (ata da décima reunião da associação 09 de outubro de 2004).

Em tempo a presidente leu uma a mensagem, sonha que se sonha só é apenas um sonho, sonhos que se sonha junto é realidade. Maria Andozina leu também uma mensagem, Amizade união, é um pensar no outro e ajudar o outro.(ata da décima quinta reunião da associação, 16 de dezmbro de 2004).

Em março de 2007, foi assinado o projeto de ampliação da fábrica, sendo este também a fundo perdido, pelo projeto São José. Na Ata, é descrita a obrigação da comunidade em colaborar com 10% da verba. Desta vez foi planejado um revezamento entre os associados, no trabalho da construção do prédio.

Atualmente, a associação trabalha com quatro fontes de receitas:

- venda de redes;
- pagamento de 3,00 (três reais) por associado.
- acréscimo de um percentual da conta de luz para manter as instalações de água;
- entrega de 1 saco de milho a cada 15 colhidos, para manutenção do trator.

Além de manter as benfeitorias da comunidade em perfeito funcionamento, as receitas da associação são geridas de forma organizada.

A liderança central da associação ainda é exercida por Rosa e suas duas irmãs, Francisca, atual presidente, e Antonia, que, juntas, realizam uma gestão compartilhada da associação, cabendo a divulgação da associação à D. Rosinha, já tendo esta proferido palestras em Cuiabá, Brasília, Fortaleza e México, recebendo o 5º lugar, no Nordeste, na premiação Mulher Empreendedora, elaborada pelo SEBRAE. A comercialização, por seu lado, é realizada por dona Francisca, participando esta de feiras onde a associação é convidada. D. Antonia instrui, no ofício, os demais associados.

Percebe-se, ao longo desses 24 anos, um sentimento de partilha, na busca de soluções para problemas comuns da comunidade. O trabalho é construtivista e se dá através de um pensar e aprender coletivos, com o objetivo de garantir dias melhores para os moradores do Sítio Mocotó.

5.1.2 Análise de conteúdo

Apresenta-se, neste segmento, as ações retiradas das atas e categorizadas de acordo com os fatores determinantes do capital social, propostos por Neto e Froes (2002). São elas: solidariedade, participação, iniciativa, cooperação, organização e confiança. Por se tratar de uma análise de conteúdo com grade mista, a autora introduz novas categorias.

Para esta análise de dados, utilizou-se o software ATLAS/TI, no sentido de proporcionar uma melhor visualização e organização textual, permitindo, assim, a visualização das linhas mestras da construção teórica. Os dados foram coletados dos documentos primários extraídos das atas de reunião, divididas em três períodos a saber: 1984 e 1985; 1986 e 1987; 1988 e 1989.

São apresentados, a seguir, o network retirado do *software* Atlas/TI e, em seguida, as falas utilizadas para a elaboração do *network*.

5.1.2.1 Análise de conteúdo (1984/1985)



Figura 7 – Fatores determinantes para a formação do capital social, (1984/1985)
Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Neste período, as categorias de maior destaque foram as de suporte externo e iniciativa, com oito ações cada e, em seguida, as categorias solidariedade e organização, totalizando 5 ações cada. Por fim, as categorias cooperação e participação, com 3 ações.

| Categoria | Transcrição | Período |
|------------------|---|----------------|
| Iniciativa | “realizou-se a primeira reunião do grupo de jovens Unidos em Cristo foi realizado pelo senhor Antonio Gonçalves de Alencar e a presidente Rosa.” | 12/84 |
| Participação | “E também contando com a participação de vinte componentes do grupo de jovens unidos em cristo, recebemos a visita de três (3) componentes” | 12/84 |
| Suporte externo | “Recebemos a visita de três componentes que faz parte do grupo de várzea Alegre (...) Eles vieram prestar uma palestra ao nosso grupo de jovens unidos em cristo. Explicou como se forma um grupo de jovens religioso.” | 12/84 |
| Cooperação | “A presidente passou a palavra para o coordenador. O mesmo falou se todos concordavam de trabalhar para construir uma capela. Todos disseram sim. ” | 01/85 |
| Iniciativa | “A presidente perguntou a turma se era bom a gente programar um forró para o dia cinco?” | 01/85 |
| Suporte externo | Aos vinte do mês de janeiro de 1985 realizou-se a terceira reunião do grupo de jovens unidos em cristos no sitio Mocotó na residência do Senhor Simplicio Miguel. | 01/85 |
| Participação | “Então todos os componentes concordaram com um sim” | 01/85 |

| | | |
|-----------------------------|--|-------|
| Organização | “As três caminhadas rendeu cem mil cruzeiros. E a festa rendeu 300.460 mil cruzeiros. Tirando todas as despesas restou C\$ 231.300 mil cruzeiros” | 01/85 |
| Organização | “A presidente falou da caminhada que fizeram dia vinte e sete de janeiro que foi muito organizada” | 02/85 |
| Iniciativa | “a presidente passou a palavra para o coordenador, ele falou sobre a fundação do nosso grupo de jovens , que será dia 9 março” | 03/85 |
| Organização | “A presidente perguntou se todos concordassem para fazer um bolo para a nossa posse. E um jantar para o padre Mota e os convidados que vem de Varzea Alegre” | 03/85 |
| Organização | A renda bruta da gincana foi de C\$ 280.000,00 | 03/85 |
| Iniciativa | O coordenador falou também que nosso grupo esta tão falado pelas cidades vizinhas, e que nos somos as maiores autoridades da comunidade. | 03/85 |
| Cooperação | Aqui em nossa cidade as pessoas estão dando muito apoio. Falou que as pessoas da cidade tem que ser unidas em cristo | 03/85 |
| Solidariedade | Ela falou se todos do grupo concordassem para arranjar um pouco de legumes uma lata de manteiga, para doar para um jovem que é cego e deficiente | 03/85 |
| (formando) Solidariedade | Pois nos do grupo temos que ajudar essas pessoas carentes (...) | 03/85 |
| Suporte externo | As irmãs Carmelas perguntaram a vice presidente so o nosso grupo era religioso? Ela falou que sim, mas tinha muitos jovens que não tinha feito primeira comunhão | |
| Suporte externo | No dia 9 de março realizou-se a fundação do grupo de jovens na residência do senhor Simplício Miguel (...) | 04/85 |
| Suporte externo | (...) em uma missa de ação de graça celebrada pelo nosso vigário padre José Mota Mendes (...) | 04/85 |
| Iniciativa | (...) Depois da missa foi a abençoção da pedra fundamental da capela(...) | 04/85 |
| (formando) Solidariedade | A presidente falou das pessoas que quando verem uma pessoa na aflição ajude e der as mãos . | 03/85 |
| Organização | A vice presidente contou da caminhada de nossa senhora do mês de maio. Rendeu C\$ 66.500,00. Tirando as despesas da ata foi quase quinze mil cruzeiros. | 06/85 |
| Iniciativa | A presidente Falou da missa, leilão e do forró dia seis de julho. Forró homem pagava 3000 cruzeiros. Mulher paga nada. | 06/85 |
| Cooperação | A presidente dividiu a turma, as mulheres para preparar | 06/85 |

| | | |
|-----------------|---|-------|
| | as carne. Os homem para fazer a barraca quinta feira com o coordenador | |
| Suporte externo | Depois da leitura do evangelho o seminarista pediu que cada um falasse um pouco (...) O mesmo falou que o padre Mota falava muito bem do nosso grupo. | 08/85 |
| Iniciativa | A presidente perguntou se todos os aniversariantes deste final de ano concordassem doar o dinheiro do seu presente para três crianças que vão fazer a primeira comunhão e os pais não tem condições de comprar a roupa? (...) | 10/85 |
| Solidariedade | (...) Os componentes que estavam presentes a esta reunião disseram sim | 10/85 |
| Iniciativa | Esta reunião foi só para falar qual os problemas das nossas comunidades. | 12/85 |

Quadro 3 – Transcrições e categorias (84/85).
Fonte: Pesquisa de campo (2009).

No período em questão, a iniciativa da presidente Rosa foi de extrema importância para a fundação do grupo, em se tratando de incentivar os membros a participarem das ações. Percebe-se que a presidente trouxe apoio externo, para mostrar aos integrantes do grupo a importância das reuniões e proporcionar ao grupo uma estrutura física sólida e convincente.

É fato que os membros externos do grupo de jovens, no caso o padre e as freiras das cidades próximas, colegas de outros grupos e o pai da presidente, ocupam lugar de destaque nas atas de reuniões. Desse modo, a autora acrescentou a categoria “suporte externo”, por terem corroborado com a iniciativa da presidente para a fundação do grupo.

Estas duas categorias, iniciativa e suporte externos, trabalharam paralelamente, uma apoiando a outra.

A terceira e a quarta categoria a destacar foram a da solidariedade e da organização. Percebe-se a importância que o grupo dá aos problemas externos, sempre ressaltados na pauta de várias reuniões, mesmo que esses problemas não interfiram no andamento do grupo. A organização do grupo é eficiente, já que a tesoureira apresenta, na Ata, a devida prestação de contas, buscando sempre a transparência nas ações administrativas.

Por fim, vêm as categorias cooperação e participação, mostrando que ambas são fatores embrionários no grupo.

5.1.2.2 Análise de conteúdo (1986/1987)

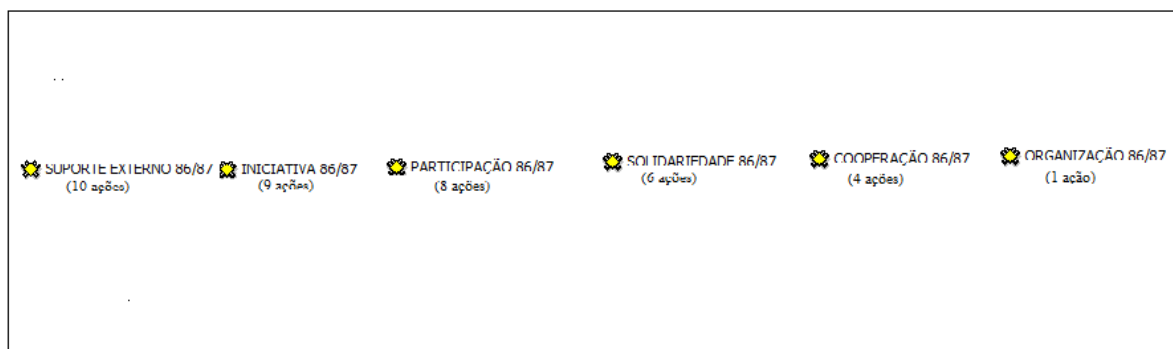


Figura 8 – Fatores determinantes (1986/1987)
Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Neste segundo período, a categoria suportes externos, apresenta dez ações e, juntamente com a da Iniciativa, com 9 ações, permanece em primeiro lugar. Em seguida, a da participação, com 8 ações; solidariedade com 6, cooperação com 4 e a da organização com apenas 1 ação.

| | | |
|-----------------|---|-------|
| Iniciativa | A presidente fez pergunta a todos que estavam presentes. Qual era a pessoa que gostaria de ficar com uma turma de crianças para catequizar | 01/86 |
| Suporte externo | Foi debatido nesta reunião problemas que estão acontecendo dentro do nosso grupo. Coordenador falou que o nosso grupo esta precisando de uma palavra dos vicentinos, uma palavra amiga, palavras de incentivo | 01/86 |
| Solidariedade | Fátima tomou uso da palavra e falou como devemos amar uns aos outros e também saber amar o próximo | 01/86 |
| Suporte externo | A presidente falou sobre o nosso encontro no dia 09 de março em Varzea Alegre com a turma dos Vicentinos. Se todos estão a dispor a ir a este encontro? | 01/86 |
| Participação | A turma concordaram, pois este dia é um lindo dia para que nos todos do grupo vai participar do aniversario, que o nosso grupo esta completando 01 ano de fundação | 01/86 |
| Participação | Todos disseram que responderiam na próxima reunião | 01/86 |

| | | |
|---------------------------------|---|-------|
| Suporte externo | Esteve presente nesta reunião a conferencia São Vicente de Paula e o grupo de jovens do sitio caiçara | 03/86 |
| Solidariedade | O coordenador tomou uso da palavra falando que as pessoas não devem ficar incomodando, deve participar batalhar e não se envergonhar com nada, o mesmo falou que o nosso grupo eram poucos membros mas estamos satisfeitos | 03/86 |
| Cooperação | A presidente perguntou o que vamos fazer para vender os restantes da rifa do radio. | 04/86 |
| Participação | A mesma fez pergunta aos que estavam presentes, como deveremos fazer a caminhada de nossa senhora? Cada um tomou uso da palavra debatendo muito este assunto. Um dos componentes falou que a santa não devia visitar outras comunidades e todos falaram que não | 04/86 |
| Suporte externo | A presidente pediu que o coordenador falasse novamente sobre o projeto São Vicente(...) O coordenador começou a falar como surgiu este projeto e como foi adquirido para nos | 05/86 |
| Cooperação | (...) Como a nossa comunidade não é muito habitada mas esta unida | 05/86 |
| Iniciativa | Nesta reunião debatemos muitos assuntos importantes | 05/86 |
| Iniciativa | A presidente pediu a palavra do nosso coordenador para falar sobre o projeto são Vicente e explicar como devemos fazer | 05/86 |
| Suporte externo | Pois o governo vai fornecer o que as dez famílias precisarem | 05/86 |
| Cooperação | Este projeto só é mais para esta comunidade que são mais unidas | 05/86 |
| Iniciativa(Formando cooperação) | Fatima, uma de nossas companheiras falou sobre a injustiça e a desunião. Se todos fossem unidos tudo era mais fácil para adquirir mais coisas para as comunidades | 05/86 |
| Iniciativa | A presidente perguntou se todos estavam de acordo para fazer os bolos que foi combinado? (...) | 06/86 |
| Participação | (...) Todos falaram que não eram mais de acordo. | 06/86 |
| Participação | A presidente falou sobre a encerração do mês de maio que será com o Padre Adreola e pediu se todos estão de acordo para fazer os bolos que foi combinado. Todos falaram que não era mais de acordo | 06/86 |
| Participação | Foi debatido neste reunião como devemos fazer com os dois componentes que faltam muitas reuniões. A turma combinou riscar o nome | 06/86 |
| Iniciativa | Hoje foi debatido assunto com o nosso grupo como | 07/86 |

| | | |
|--------------------------|---|-------|
| | deveríamos fazer para o nosso grupo ficar mais conhecido | |
| Organização | Mesmo sem vender todos no próximo domingo a Rifa estará correndo pelo programa Leo liderança | 08/86 |
| Solidariedade (Formando) | A presidente Tomou o uso da palavra falando que seria bom que toda comunidade estivesse presente para debater os problemas de sua casa (...) | 10/86 |
| Suporte externo | A presidente falou que o Bispo so visitou as comunidades que se reúnem pregando a palavra de Deus | 11/86 |
| Solidariedade (formando) | Hoje o debate foi sobre as dificuldades de nossa comunidade, sobre escolas e crianças que não participam de escolas (...) | 11/86 |
| Solidariedade (formando) | Nesta reunião todos falaram sobre o evangelho. Das desigualdades, da pobreza e como devemos receber uma pessoa pobre(...) | 11/86 |
| Iniciativa | A presidente perguntou como nos devemos fazer para nosso grupo ficar mais desenvolvido? | 11/86 |
| Participação | E cada pessoa que estava presente tomou o uso da palavra dando a sua sugestão sobre as comemorações das mães. | 04/87 |
| Iniciativa | Foi debatido nesta reunião como devemos fazer para arrecadar o dinheiro para terminar a construção da capela | 04/87 |
| Suporte externo | O mesmo falou que nos iremos participar de todas as reuniões da EMATECE | 07/87 |
| Solidariedade (formando) | A presidente começou a reunião falando sobre as comunidades de cada um para ver se amanhã ou depois melhorem os problemas mais difíceis das comunidades . | 10/87 |
| Iniciativa | O passeio de Rosa em Brasília ela conseguiu: C\$ 5.500 para a capela. | 10/87 |
| Participação | O que devemos fazer com os 5000 cruzados que estão no banco? Todos concordaram que tire este dinheiro para comprar a porta da capela | 10/87 |
| Cooperação | O coordenador tomou uso da palavra falando sobre as comunidades que trabalham em mutirão e também foi debatido sobre a reunião da EMATECE | 10/87 |
| Solidariedade (formando) | Uma das companheiras falou que as pessoas que organizam a comunidade, que se preocupam com os problemas da comunidade, estão cumprindo sua missão. | 11/87 |
| Suporte externo | A presidente Rosa falou que tinha recebido um telefonema de Brasília falando das pessoas que ficaram encarregadas de alguma ajuda em dinheiro para a | 11/87 |

| | | |
|--------------------------|---|-------|
| | comunidade . | |
| Suporte externo | A presidente falou do projeto fada. | 11/87 |
| Solidariedade (formando) | Falou que o povo não se preocupava com o problema da comunidade | 11/87 |
| Participação | O problema é que os rapazes não participam das reuniões, que só as mulheres que se preocupam em se organizar. | 11/87 |
| Solidariedade | O grupo debateu sobre os problemas das crianças que não iam a escola (...) Os companheiros que estavam presentes falaram que no ano que vem vão fazer reunião com todos para discutir este problema | 11/87 |
| Suporte externo | Houve também a assinatura de quatro testemunhas para a doação do projeto fada | 11/87 |

Quadro 4 – Transcrições e categorias (85/86)
 Fonte: Pesquisa de campo (2009).

A iniciativa e o suporte externos ainda são as categorias mais importantes, no período de maturação do grupo de jovens.

Percebe-se que a presidente, além de enfatizar a motivação do grupo, apresenta diversas propostas sobre possíveis projetos envolvendo verbas para as famílias da comunidade e para o próprio grupo. Conseqüentemente, os membros externos contribuem menos para a motivação do grupo passando a estar mais presentes através de propostas financeiras, envolvendo o Governo do Estado, o Banco Mundial e os projetos do município.

O grupo se torna mais participativo quando passa a contribuir com opiniões que respaldam as decisões finais, do interesse de todos. Mesmo presenciando mudanças no que se refere a projetos, o grupo não deixa de se preocupar com os problemas internos da comunidade. Percebe-se que a cooperação e a organização se encontram em estado embrionário, nessa etapa.

5.1.2.3 Análise de conteúdo (1988/1989).



Figura 9 – Fatores determinantes para a formação do capital social.(1988/1989)
Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Nesse período, o network se modifica por completo, passando a predominar a organização do grupo com dezenove ações, seguidas da categoria de participação, com 8 ações. O suporte externo permanece em destaque, com 6 ações, seguido da solidariedade, com quatro ações e da iniciativa e da cooperação com 3 e 2 ações, respectivamente.

| | | |
|-----------------|---|-------|
| Iniciativa | O coordenador tomou uso da palavra falando que cada pessoa procura-se se organizar, comunidade unida será mais fácil de adquirir recursos. | 01/88 |
| Solidariedade | A presidente fala que é necessário que nós seja firme, com a palavra de Deus, que cada um procure viver em comunhão, pedindo para ver se a nossa vida melhora na união da comunidade. | 01/88 |
| Participação | Foi discutido também como arranjar dinheiro para o grupo, uns deram sugestão de promover um bingo de três objetos. | 01/88 |
| organização | Esta reunião foi para declarar quem são as pessoas da diretoria e como vai funcionar a fábrica, e quantas pessoas vão participar (...) Presidente: Francisca Reinaldo (Ceilda) | 03/88 |
| Solidariedade | Então essa curso de agente de saúde, que cada uma das pessoas das comunidades, iram participar, é para ajudar em sua comunidade, como fazer o soro caseiro, como cuidar da limpeza da casa. | 03/88 |
| Cooperação | A Presidente dividiu as tarefas: tiramos três pessoas para bordar, uma para fazer franja, outra para empuar, e outra para tecer os cordões e doze para fazer as varandas | 04/88 |
| Suporte externo | A tesoureira prestou conta do dinheiro que recebemos, a fundo perdido do projeto FADA, vindo do Banco mundial, no valor de C\$ 334.883,34 | 04/88 |

| | | |
|-----------------|--|-------|
| Participação | A presidente pediu que cada um desse sua opinião a respeito da compra da maquina. Uma sócia falou que preciso que comprasse uma outra maquina para fazer os acabamentos. | 04/88 |
| Organização | A tesoureira prestou conta da primeira compra (...) | 04/88 |
| Organização | A tesoureira prestou conta de quantas redes produzimos no mês de maio, seis redes, seis pares de varanda, sete pares de franja. Compramos uma máquina de 23.000 cruzeiros. | 04/88 |
| Organização | A presidente deu inicio falando para todos os sócios que estavam presentes que queria que os mesmos não percam os seus horários de trabalho. | 05/88 |
| Iniciativa | Queira que quando eles chegassem não falássemos que temos o dinheiro no banco para a construção do prédio | 06/88 |
| Iniciativa | A presidente falou para os presentes que todos já podem ver que o prédio já está funcionando | 09/88 |
| Suporte externo | Recebemos das mãos do Governador Tasso Jereissati o valor de 500.000, oo cruzeiros | 10/88 |
| Organização | A tesoureira prestou contas sobre as vendas e compras do material para confecção de redes. | 12/88 |
| Suporte externo | Três representantes da IEAG, os quais residem na cidade do Crato vieram para discutir o problema sobre a Associação Comunitária e também sobre o registro da Fábrica | 01/89 |
| Solidariedade | Pois cada sócio deu a sua sugestão, porque não pensamos só em nós | 01/89 |
| Cooperação | Como é importante trabalhar em mutirão, que todos se preocupem com os trabalhos da comunidade | 01/89 |
| Participação | Aparecida falou que hoje esta vendo todos os produtores da comunidade presentes, e realmente já está sabendo que todos querem a Associação Comunitária | 01/89 |
| Organização | A mesma pediu a palavra para dizer que aqui na fabrica tem um regimento | 01/89 |
| Organização | A presidente prestou contas: produção, compras e despesas | 01/89 |
| Suporte externo | O representante do IEAG explicou que os sócios tem que seguir um regimento e não estão fazendo | 02/89 |
| Cooperação | A secretária falou que seria melhor que se formasse uma equipe em cada sítio | 03/89 |
| Organização | A secretaria falou que prestou contas da produção do mês de março | 03/89 |

| | | |
|-----------------|---|-------|
| Participação | Um representante do grupo dos produtores e outra representante da fábrica de redes São Pedro | 04/89 |
| Participação | Estiveram presentes 28 pessoas para debater assuntos de interesse da associação. Nesta reunião foi lido e explicado o estatuto da associação | 04/89 |
| Solidariedade | Os objetivos dessa associação e trabalhar pelo progresso e melhoria da comunidade, divulgando e promovendo atividades desenvolvidas na comunidade | 04/89 |
| Participação | Um representante da comunidade falou que só poderá ser sócio da associação se participar dos trabalhos ativos da comunidade | 04/89 |
| Organização | A tesoureira prestou contas a todos os presentes | 05/89 |
| Organização | A mesma prestou contas da produção do mês de maio | 06/89 |
| Participação | Estiveram presentes 18 componentes, 2 faltas e também 3 visitantes. O qual era o representante dos homens de nossa comunidade e os outros dois da cidade de catolé da rocha , Paraiba, os mesmos vieram conhecer o nosso trabalho | 06/89 |
| Organização | A mesma prestou conta da produção do mês de maio. De vendas, passagens, lucros, compras | 06/89 |
| | A reunião anterior discutimos que a comunidade entra com a contrapartida: calcular o orçamento dos tijolos, telhas, ripas. | 06/89 |
| Organização | (...) Em seguida veio a leitura da ata feita pela secretaria. | 07/89 |
| Organização | A secretaria vai prestar contas de produção, compras, vendas, lucros, passagens, lanche, telefone, comissão | 07/89 |
| Suporte externo | (...) A mesma convocou todos para debater um assunto muito importante. Neste mês de julho a venda foi muito fraca (...) A presidente deu um alerta para todos os sócios sobre a venda: se todos estiverem concordando para a feira da FENIC | 07/89 |
| Suporte externo | Foi discutido também sobre a feira do palácio da micro empresa | 07/89 |
| Organização | (...) A presidente usou da palavra falando que participou de um curso de gerenciamento, renovando aquele anterior que oito pessoas daquele mesmo grupo participou | |
| Organização | Em seguida veio a leitura da ata feita pela secretária | 07/89 |
| Organização | A secretária vai prestar contas de produção compras, vendas, lucros, passagens, lanche, telefone e comissão | 07/89 |

| | | |
|---------------|---|-------|
| Participação | Cada pessoa se responsabiliza por si mesmo, pois ninguém é mais criança | 08/89 |
| Solidariedade | O objetivo desta associação é trabalhar pelo progresso e melhoria da comunidade, divulgando e promovendo atividades desenvolvidas pela comunidade | |

Quadro 5 –. Transcrições e categorias (87/88)

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Nesse período, é notável a mudança de ordem dos fatores, apresentando-se em primeiro lugar a organização do grupo, que faz questão de ser transparente na prestação de contas à comunidade.

Seguidas da participação do grupo, cada vez mais presente nas tomadas de decisão e do suporte externo, que, apesar de não ser a categoria mais citada é, motivador de todas as outras. Dando seqüência, tem-se a solidariedade e a iniciativa.

5.1.2.4 Análise de conteúdo (três períodos)

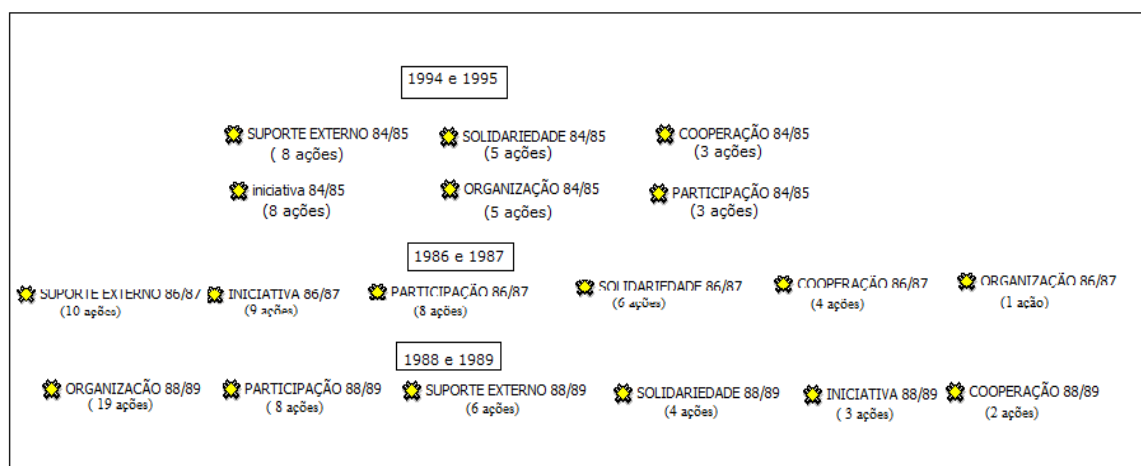


Figura 10 – Fatores determinantes para a formação do capital social.(1984/1989)

Fonte: Pesquisa de campo (2009).

Nesta etapa, conclui-se que a Iniciativa, de Rosa, as influenciar e motivar os integrantes do grupo a participarem das reuniões, que inicialmente tinham caráter unicamente religioso, foi fundamental para a fundação do grupo, juntamente com o

suporte externo, que, inicialmente, tinha caráter motivacional e depois passou a intervir com financiamento para a fundação da fábrica.

A interferência dos membros externos foi preponderante para alavancar a associação, já que esses parceiros efetuaram empréstimos a fundo perdido, proporcionaram cursos de aperfeiçoamento e alavancaram as vendas, viabilizando a solidariedade social, visto que o grupo tem como objetivo maior ajudar os membros da comunidade, como um todo.

A cooperação e a participação dos integrantes, que se organizaram e dividiram tarefas, são consideradas de extrema importância para a continuidade e amadurecimento do grupo.

Nota-se que, nesta análise das Atas, a categoria confiança não apresentou visíveis progressos, já que esta categoria, constituída por atitudes individuais, identificada por particulares, somente é percebida no cotidiano (DAVIS e SCHOORMAN, 2007). Com a finalidade de complementar esta afirmação, são analisadas, a seguir, entrevistas de profundidade com a atual Presidente da associação, Francisca, e também com a Sra. Rosa, considerada pelos associados fundadora do grupo. Posteriormente, discute-se as entrevistas semiestruturadas com associados.

5.2 Entrevista em profundidade

A seguir, expõe-se, neste estudo, a análise de conteúdo da entrevista de profundidade realizada com Francisca Reinaldo, atual presidente da associação e Rosa, considerada fundadora da associação, como já mencionado anteriormente.

As falas foram codificadas de acordo com o modelo teórico proposto por Neto e Froes (2002), que enlistam seis fatores determinantes para o capital social, analisando as falas das respondentes a partir das variáveis:

5.2.1 *Iniciativa*

Na época eu tinha 17 anos e dava aula de eucaristia a crianças, com o tempo essas crianças cresceram e passamos a discutir também sobre os problemas da comunidade e aí fundamos o grupo de jovens. (Rosa).

[...] Nessa época eu e minhas irmã já estávamos deficientes, por falta de acompanhamento médico, eu lutei pela associação, pois não queria que ninguém mais passasse pelo que eu passei, tudo na comunidade era muito precário e faltava emprego para nos jovens. (Rosa).

Nos éramos um grupo de jovens sem nem uma perspectiva de trabalho, muitas até sem freqüentar a escola, pois não havia estradas para nos levar a cidade mais próxima, onde tinha a escola. Aí resolvemos nos juntar pra buscar algo melhor, foi então que fizemos parcerias com o SEBRAE que foi tentar identificar o que a comunidade já sabia fazer, pra começarmos a fazer algo concreto (...) como nos já fazíamos crochê e vendíamos para uma associação próxima, acabamos nos aperfeiçoando nisso mesmo (Francisca).

Rosa, de acordo com a opinião do grupo, exerce reconhecida influência sobre os membros da organização, já que se dedica a dar aulas de Eucaristia, motivada pelas conseqüências sofridas com relação à sua saúde, devido à precária instrução dos pais, que não tinham acesso a hospitais e ou postos de atendimento médico.

Percebe-se que a falta de oportunidade, enfrentada pelos jovens moradores da comunidade, levou-os a freqüentar as reuniões, juntamente com o apoio do SEBRAE, no sentido de identificar a capacidade produtiva dos integrantes do grupo.

5.2.2 *Confiança*

Reputa-se a confiança como sendo outro elemento fundamental para o sucesso no trabalho, sendo este, segundo dona Francisca, um grande passo, o ponto de partida que alavanca todos os demais. Conforme avaliação das fundadoras, a confiança faz com que as pessoas acreditem no potencial empreendido.

Quando a gente montou a associação, lá na comunidade não tinha luz, água nem telefone... e todo ano de eleição os políticos vinham e nos prometiam que iam mandar colocar, ninguém acreditava mais nas promessas. Aí a associação resolveu ir atrás e conseguiu trazer luz. Foi aí que os moradores da comunidade começaram a acreditar na força da associação. (Francisca).

Acho que a confiança aumentou, por exemplo, a tesoureira é uma mulher muito honesta, se nos não confiássemos nela, não deixaríamos ela administrar o dinheiro da associação (Rosa).

Identifica-se aumento da confiança entre os associados, com relação ao trabalho em grupo, já que as tarefas são divididas e os membros têm que confiar uns nos outros.

Para Van Buren (1999), um importante aspecto da confiança é a associabilidade, que inclui a sociabilização, fazendo uso das habilidades dos atores quando se comunicam entre si. O desejo de um indivíduo que se relaciona coletivamente, transforma-se na realidade de um grupo bem sucedido.

A associação das pessoas em torno de um objetivo comum, acaba por conseguir, efetivamente, a implementação de pequenas e ou grandes conquistas, gerando no grupo, a confiança necessária para dar prosseguimento a novas reivindicações sociais.

5.2.3 Cooperação

A cooperação foi outro aspecto a pesar, consideravelmente, no trabalho associativo. Os membros da associação foram envolvidos, havendo a possibilidade de se capacitarem e melhorar o domínio de novas tecnologias para seu produto.

Recebemos do projeto São José na época 300 cruzeiros a fundo perdido, e compramos máquinas na época de pedal, pois ainda não tínhamos energia, colocamos tudo na varanda da minha casa, pois não tinha um local apropriado, ganhamos cursos do SEBRAE de gestão, costura e crochê, na minha casa era bom porque uma ensinava o que sabia pra outra. (Francisca).

A cooperação mostrou-se fundamental, para que o trabalho realizado pela liderança de D. Rosinha e suas irmãs se desenvolvesse de forma cada vez mais desafiadora, pois a cada nova conquista, abre-se o espaço inédito da oportunidade.

Os membros da associação contribui tempo para buscar a melhoria da comunidade e também para a associação, por exemplo, sempre nos reunimos para limpar o açude, encaixar as encomendas ou organizar a capela (Rosa).

Percebe-se que a cooperação envolve a todos, em prol de um objetivo maior e comum: o bem de todos. E, para que esse bem comum se desenvolvesse, houve a subordinação dos interesses individuais aos coletivos.

5.2.4 Organização

Ao indagar em como funciona o processo produtivo, percebe-se a inexistência de um bom nível de organização entre os associados e as comunidades vizinhas, a partir do aumento da produção.

“Começamos fazendo só a varanda. Como nossa produção ainda era pequena e não estávamos mais dando conta, começamos a terceirizar com as comunidades vizinhas. Umas que fazem o punho, outras a varanda e agente junta as partes da rede” (Francisca).

Organizam-se ainda, quanto à obtenção de matéria prima, o que facilita a execução dos trabalhos.

Damos a matéria prima e pagamos por produção. Tem varanda que precisa de quase um mês pra fazer, e temos umas 100 crocheteiras a nossa disposição (Francisca).

Adota-se uma estratégia de convocação para as reuniões de cunho muito peculiar à realidade local, tentando-se assim, assegurar a presença dos associados nas reuniões assembléias.

Nos dias de reunião, temos um menino aqui que passa de casa em casa, chamando as pessoas pras reuniões da associação, pois nós mesmas não podemos fazer. Algumas casa ficam distantes umas das outras (Francisca).

O ultimo investimento a fundo perdido que ganhamos foi para ampliar a fabrica, quando finalizou enviamos para os responsáveis a prestação de contas, na outra semana toda a papelada voltou, pois faltava prestar conta de R\$ 0,05 (cinco centavo) foi uma de cabeça, fomos verificar nota por nota, ate que achamos o problema, havia uma nota pequena de um parafuso que tínhamos esquecido de anexar (Rosa).

Nota-se transparência e organização no que diz respeito à prestação de contas com os parceiros, dando maior credibilidade à associação.

5.2.5 Solidariedade Social

Observa-se que a determinante solidariedade social resultou em uma comunhão de atitudes de iniciativa, desenvolvendo, no grupo, o escopo de uma unidade sólida, capaz de mobilizar esforços conjuntos para a superação das dificuldades surgidas.

Lá nós damos aula de reforço escolar, temos parcerias com os agentes de saúde (Francisca).

Nosso último associado não sabia assinar o nome. Lembro que no dia de sua filiação ele “assinou” a ficha de inscrição com o dedo. Algum tempo depois, começamos a dar aula pra ele. Hoje ele já assina o próprio nome na ata das reuniões. Procuramos oferecer um pouco de dignidade aos nossos associados, pois este é também o nosso papel (Francisca).

Nos mesma que dependemos muito das outras pessoa, pois somos deficientes, e não temos condições de fazermos muitas coisas sozinhas, mas basta da um gripo pela janela que sempre aparece alguém para ajudar (Rosa).

Corroboram Neto e Froes (2002) ao afirmarem que localidades que se destacam pela primazia de sua organização social, da educação de uma cultura solidária e práticas que aglutinam pessoas de forma associativa, mostram ser comunidades de elevado nível de capital social.

Demo (1987) afirma que a identidade cultural comunitária é muito complexa para caber numa única definição, porque não se trata de uma questão conceitual, mas de vivência, geradora de uma coesão social, uma envolvimento solidária.

5.2.6 Participação

A participação é outro elemento aglutinador de forças em torno dos objetivos da associação, propiciando ações decisórias para a vida da comunidade.

Agora estamos nos reunindo pra ver qual será nossa próxima luta, fazemos reuniões e o que a maioria decidir será feito (Francisca).

Todos participam e opinam nas reuniões, todas as decisões são tomadas pelo grupo (Rosa).

Para Demo (1987) “participação é o processo histórico de conquista da autopromoção. É a melhor obra de arte do Homem em sua História, porque a História que vale a pena é a participativa, ou seja, com o teor o menor possível de desigualdade, de exploração, de mercantilização, de opressão”.

Nota-se que, na comunidade estudada, houve um elevado nível de participação, inserindo-se muitas modificações na realidade local, fazendo com que as pessoas passassem a construir uma nova realidade, independentemente de ideologias e da política partidária.

5.3 Entrevistas semi-estruturadas

É apresentada, aqui, a análise das entrevistas em profundidade com os associados presentes desde a fundação do grupo. Serão utilizados como categoria os seis fatores determinantes do Capital Social, apresentados por Neto e Froes (2002).

| Qual motivo o levou a se associar? | |
|------------------------------------|---|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Iniciativa | <p>“Aqui na comunidade não tinha trabalho para os jovens, foi uma necessidade” (entrevistado 1)</p> <p>“imaginei que me associando as coisas seria mais fáceis” (entrevistado2)</p> <p>“Era uma forma de gerar emprego.” (entrevistado 3)</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>“Querida ver mudanças na comunidade, pois nasci aqui e era tudo muito precário.” (entrevistado 4)</p> <p>“Além da agricultura não havia mais nem um trabalho, então entrei atrás de gerar renda para minha família” (entrevistado 5)</p> <p>“Quando cheguei aqui na cidade e vi esse o trabalho era serio e resolvi me associar.” (entrevistado 6)</p> <p>“Na época todas as minhas amigas tinham se associado.” (entrevistado 7)</p> <p>“Essa comunidade antigamente não tinha qualidade de vida e nem emprego para nos, nos unir foi uma forma de lutar.” (Entrevistado 8)</p> |
|--|---|

Quadro 6 –. Que motivo o levou a se associar.

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Pode-se verificar, por meio da transcrição da resposta, que a motivação maior para aderir à associação foi a solidariedade, tendo como finalidade a de suprir as necessidades da comunidade, que, por falta de estrutura, vê diminuída a qualidade de vida dos seus moradores. É seguida pela confiança, que se pressupõe já existente entre os membros.

| Quem fundou a associação? | |
|----------------------------------|---|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Iniciativa | <p>As três meninas, principalmente a Rosa, elas sempre estavam atentas ao que acontecia fora da comunidade e motivava o restante.” (entrevistado 1)</p> <p>“As três meninas.” (entrevistado 2)</p> <p>“A rosa foi fundamental para o começo da associação, ela sempre estava em todas as reuniões apoiando agente.” (entrevistado 3)</p> <p>“Fomos nos mesmos, éramos uns vinte jovens, a Rosa sempre estava a frente, sempre motivando agente”.(entrevistado 4)</p> <p>“As três meninas, o pai delas e o Antônio Alencar que eram duas pessoas mais velhas que sempre apoiavam o grupo” (entrevistado 5)</p> <p>“Faz muito tempo não me lembro mais de detalhes, mas sei que foi a Rosa” (entrevistado 7)</p> <p>“todos do grupo, mas a Rosa seu pai e Antonio Alencar foram fundamentais na época” (entrevistado 8)</p> |

Quadro 7 –.Quem fundou a associação?

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

A totalidade dos entrevistados declarou que a iniciativa de Rosa foi essencial para a fundação da associação, contando-se com sua assídua presença nas reuniões e também com sua capacidade de comunicação, servindo como importante canal de informações para a comunidade. Em seguida, a cooperação dos adultos investindo na ajuda ao grupo de jovens.

| Qual a principal dificuldade encontrada no período inicial da construção da associação? | |
|--|--|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Organização | <p>“A venda, éramos um monte de jovens dispostos a produzir, mas com pouca venda” (entrevistado1)</p> <p>“Fazer com que as pessoas acreditasse no potencial da associação” (entrevistado2)</p> <p>“A motivação das pessoas, que inicialmente não davam importância” (entrevistado3)</p> <p>“Nos produzíamos mas não tínhamos como vender” (entrevistado4)</p> <p>“Sem duvidas as vendas” (entrevistado5)</p> <p>“Acho que as vendas” (entrevistado7)</p> <p>“A falta de energia, não podíamos trabalhar a noite” (entrevistado8)</p> |

Quadro 8 –.dificuldades encontradas no período inicial.

Fonte: Dados da pesquisa (2009)

A deficiência de organização dos canais de venda foi a principal dificuldade encontrada pelos associados, percebendo-se alto potencial de produção, mas pouca demanda. Destacou-se ausência de um planejamento mercadológico e dos conhecimentos de técnicas de marketing. Outra dificuldade foi a falta de confiança da associação, já que estava no início, levando os associados a não se motivarem à frequência das reuniões.

| De um modo geral, O senhor diria que a confiança entre as pessoas dessa comunidade aumentou ou diminuiu depois da associação? | |
|--|---|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Confiança | <p>“Aumentou” (entrevistado1)</p> <p>“Acho que ficou estável, já confiávamos muito uns nos outros” (entrevistado2)</p> <p>“Com certeza aumentou depois da associação” (entrevistado3)</p> <p>“Nos já confiávamos uns nos outros, mas agora existe uma sinergia,</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>tenho certeza que aumentou” (entrevistado4)</p> <p>“Aumentou claro, como iríamos dividir as tarefas sem confiança?” (entrevistado5)</p> <p>“” (entrevistado6)</p> <p>“ficou estável” (entrevistado7)</p> <p>“aumentou, exemplo vou um grupo agora vender em São Paulo, se eu não confiasse não entregaria meus produtos a eles.” (entrevistado8)</p> |
|--|---|

Quadro 9 –.Confiança entre os membros
Fonte: Dados da pesquisa (2009)

A maioria dos entrevistados acredita que já havia confiança entre os membros, mas, com a formação da associação, a confiança aumentou, já que um depende do outro, em muitos processos, da confecção das redes e até a venda dos produtos.

| O senhor prefere trabalhar individualmente ou em grupo? | |
|--|--|
| Componente | Evidência Empírica |
| Cooperação | <p>“com certeza em grupo, cada um tem uma idéia diferente que se complementam” (entrevistado1)</p> <p>“em grupo, uns incentivam os outros” (entrevistado2)</p> <p>“trabalhar em grupo é mais fácil” (entrevistado3)</p> <p>“Em grupo sem duvidas” (entrevistado4)</p> <p>“Sozinho as coisas ficam mais complicadas pra conquistar” (entrevistado5)</p> <p>“Em grupo” (entrevistado6)</p> <p>“certamente em grupo” (entrevistado7)</p> <p>“Em grupo, pois dividimos as tarefas e fica mais facil” (entrevistado8)</p> |

Quadro 10 –.preferência em trabalhar individualmente ou em grupo
Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Percebe-se que todos os entrevistados preferem trabalhar em grupo, tendo a cooperação como um ponto forte da comunidade. Dentre os motivos citaram, se sentir mais motivado trabalhando em grupo, facilidade em executar tarefas e diversidade de idéias e opiniões.

| Disponibilidade entre as pessoas da comunidade em gastar dinheiro ou tempo para objetivos de desenvolvimento comuns | |
|--|---|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Cooperação | <p>“Com certeza tempo.” (entrevistado1)</p> <p>“dinheiro ninguém tem, mas sempre que se precisa disponibilizamos tempo” (entrevistado2)</p> <p>“Tempo” (entrevistado3)</p> <p>“Nos sempre nos reunimos, e fazemos mutirões, por exemplo, uma vez por mês limamos a capela” (entrevistado4)</p> <p>“Apenas o tempo, infelizmente não temos dinheiro o suficiente para ajudar” (entrevistado5)</p> <p>“No meu caso tempo” (entrevistado6)</p> <p>“sem duvidas tempo” (entrevistado7)</p> <p>“Tempo” (entrevistado8)</p> |

Quadro 11 –.Disponibilidade em cooperar
 Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Pode-se verificar, por meio das respostas dos associados, que todos estão dispostos a contribuir, dedicando tempo ao alcance dos objetivos de desenvolvimento comuns à comunidade, o que se confirma pelo gráfico numero XX, relativo à solidariedade, cooperação e participação entre os membros do grupo.

Ressalta que nas atas de reunião, são destacados diversas vezes em que os associados deixavam de dividir o lucro em prol de um objetivo comum. Assim, mesmo sem que eles não lembrem dessas ações, houve participação em dinheiro.

| O senhor pode contar com os membros da associação na hora de uma necessidade? | |
|--|---|
| Componente | Evidência Empírica |
| Solidariedade social | <p>“sim. Não só da associação, mas com todos da comunidade” (entrevistado1)</p> <p>“Sim. Principalmente com os membros da diretoria que são mais engajados” (entrevistado2)</p> <p>“sim. Por exemplo, meu filho esta muito doente e eu não tinha estrutura para tira-lo do hospital e trazê-lo para casa, então um grupo se juntou para fazer as definidas adaptações em minha casa, para que meu filho pudesse vir, quando perguntei quando era ninguém me cobrou” (entrevistado3)</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>“sim” (entrevistado4)</p> <p>“Em situação de precisão sempre estão aqui para ajudar” (entrevistado5)</p> <p>“sim. Sempre que preciso posso contar com os socios” (entrevistado6)</p> <p>“todos aqui estão dispostos a ajudar, mas principalmente os associados” (entrevistado7)</p> <p>“sim” (entrevistado8)</p> |
|--|---|

Quadro 12 –. Solidariedade social
Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Como pode ser observado no quadro acima, os associados entrevistados têm opinião unânime quanto à confiança entre seus membros, podendo contar uns com os outros, nos momentos de necessidade. O círculo de solidariedade faz parte desta comunidade e serve de base para seu crescimento.

| Que benefícios advêm de se fazer parte desse grupo? | |
|--|---|
| Componente | Evidência Empírica |
| Participação | <p>“É sempre um prazer me encontrar com meus amigos, e mais ainda posder trabalhar com eles” (entrevistado1)</p> <p>“nos reunimos sempre e é muito animado, e por sermos amigos nos entendemos com mais facilidade.” (entrevistado2)</p> <p>“sempre buscamos melhorias para a comunidade através da associação” (entrevistado3)</p> <p>“Antes no éramos matutos, foi essa convivência que nos fez crescer e aprender a nos valorizar” (entervistado4)</p> <p>“Em uma situação de precisão sempre terei apoio” (entrevistado5)</p> <p>“paga menos pela água e pelo trator” (entrevistado6)</p> <p>“na associação me divirto bastante, mas o mais importante é a renda que adquiro” (entrevistado7)</p> <p>“melhorar minha renda” (entrevistado8)</p> |

Quadro 13 –benefícios em fazer parte do grupo.
Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Percebe-se, nas respostas em análise, a existência de um consenso entre elas, levando a uma conclusão bastante clara: os associados sentem-se motivados a participar do grupo pelo prazer de estarem entre amigos e pela animação do grupo, o que os leva a aumentar a auto estima do próprio grupo, seguida do apoio que os associados buscam e recebem na associação.

| Quando há alguma decisão a ser tomada no grupo, geralmente como isso acontece? | |
|--|--|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Participação | <p>“Sempre nos reunimos e fica a decisão da maioria” (entrevistado1)</p> <p>“A decisão parte de todos” (entrevistado2)</p> <p>“Alguém da uma idéia e todos decidem se vamos ao não executa-la” (entrevistado3)</p> <p>“A diretoria se reúne antes da reunião nos apresentam as propostas e decidimos” (entervistado4)</p> <p>“conversamos e juntos chegamos as melhores decisões para o grupo” (entrevistado5)</p> <p>“escutamos o que todos tem a dizer, e depois votamos nas melhores idéias” (entrevistado6)</p> <p>“todos tomamos as decisões” (entrevistado7)</p> <p>“as pessoas da diretoria mostram idéias e opiniões e o povo escolhe a melhor delas.” (entrevistado8)</p> |

Quadro 14 – Formas de tomada de decisão
 Fonte: Dados da pesquisa (2009)

O que se deduz das respostas acima destacadas é que existe um entrosamento muito grande entre os membros da associação. Todos se comportam de maneira democrática, sem atribuir as tomadas de decisão a um contexto individualista, ressaltando-se a iniciativa de alguns membros do grupo que sempre apresentam propostas para o grupo.

| Você sempre participa das reuniões? | |
|-------------------------------------|---|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Participação | <p>“Sim, gosto de saber o que esta acontecendo” (entrevistado1)</p> <p>“Sempre, só deixo de ir quando acontece algo muito sério” (entrevistado2)</p> <p>“Claro, quero sempre participar das decisões” (entrevistado3)</p> <p>“Sim, quando não vou, no outro dia quero logo saber de tudo o que aconteceu” (entervistado4)</p> <p>“Sim, acho importante” (entrevistado5)</p> <p>“Sim” (entrevistado6)</p> <p>“Sim, quando não vou mando uma carta justificando” (entrevistado7)</p> <p>“Sim, é lá que acontecem as decisões importantes” (entrevistado8)</p> |

Quadro 15 –Participação nas reuniões.
 Fonte: Dados da pesquisa (2009)

A totalidade dos entrevistados declarou que participa, de forma assídua, das reuniões, buscando estar sempre presente. Percebe-se que os membros da associação entendem a importância, para a coletividade, do que é decidido nessas reuniões, pois é nelas que são determinadas as diretrizes da associação.

| Acha que sua opinião é importante para os outros membros da associação? | |
|--|--|
| Componente | Evidencia Empírica |
| Participação | <p>“Sim acho, até porque eles pedem que a gente diga o que pensa” (entrevistado1)</p> <p>“Acho, com nossa opinião ajudamos a melhorar a vida de todos” (entrevistado2)</p> <p>“Sim, toda opinião é importante” (entrevistado3)</p> <p>“Se eles pedem, é porque é importante” (entrevistado4)</p> <p>“Sim, pois minha opinião não ajuda só a mim, ajuda a todos” (entrevistado5)</p> <p>“Minha opinião é importante sim, ajuda no crescimento na associação” (entrevistado6)</p> <p>“Sim, a opinião de todos é muito importante” (entrevistado7)</p> <p>“Toda opinião é bem vinda!” (entrevistado8)</p> |

Quadro 16 – importância da opinião para os outros membros
Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Percebe-se, destarte, haver um destaque especial para a forma em que o entrevistado se vê dentro da associação. Todos se sentem importantes e valorizados, acreditando, veementemente, que suas opiniões são determinantes na tomada de decisão. Evidencia-se, assim, forte participação entre os membros do grupo.

Neste tópico, conclui-se que a Iniciativa de Rosa foi fundamental para o início do grupo, já que todos os associados afirmam ter ela fundado a associação, motivada pela solidariedade social existente no grupo.

Percebe-se a importância da confiança na formação deste grupo; os associados acreditam na existência dela entre os membros do grupo, até mesmo antes de sua formação. É nítido o aumento dessa confiabilidade no decorrer dos anos.

A cooperação e a participação dos integrantes, que se organizaram e dividiram tarefas, soa como de extrema importância para a continuidade e amadurecimento do grupo.

6 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, procede-se à discussão dos resultados à luz do referencial teórico levantado.

Verificou-se que, com o transcorrer dos anos, que a evolução do capital social foi crescente, favorecendo a articulação da associação com parceiros e instituições, do que resultou a implementação de ações visando à geração de ocupação e renda na comunidade do sítio Mocotó,

Os projetos desenvolvidos na comunidade em estudo tiveram como objetivo comum a melhoria das condições de vida dos moradores do Sítio Mocotó. Mesmo com todas as dificuldades, a capacidade de auto-organização e gestão da associação parece advir de um constante processo de superação, da capacidade renovada do dialogo e da consecução de ações que impactam na qualidade de vida de seus moradores. A confiança atua como elemento fundamental neste trabalho associativo, gerando resultados expressivos nos atores sociais.

Neto e Froes (2002) creditam a formação do capital social à ação conjunta da confiança, iniciativa, cooperação, solidariedade social e participação, conforme demonstra a figura 11.

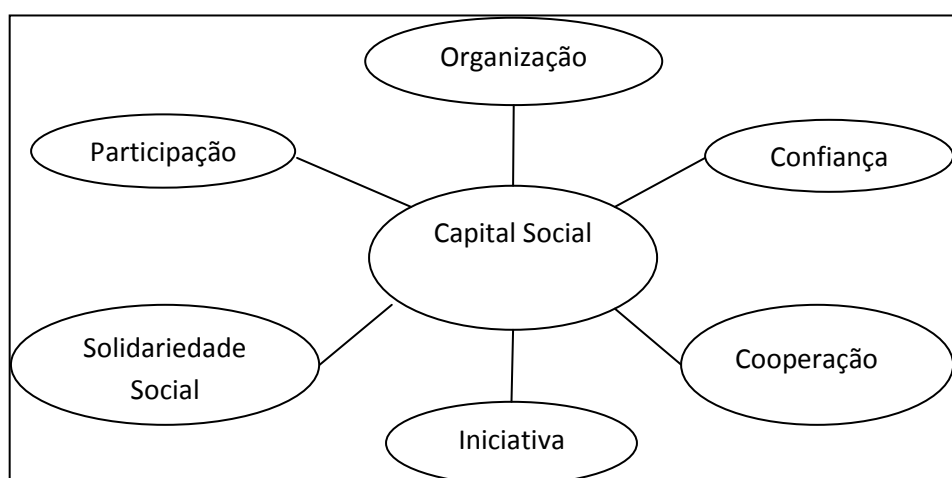


Figura 11 – Fatores determinantes do capital social. Fonte: Neto e Froes (2002).

Observa-se, na Comunidade do sítio Mocotó, que Rosa teve a iniciativa de arregimentar pessoas e instituições capazes de realizar um trabalho de natureza cooperativa. SEBRAE (2009) afirma que um indivíduo provido de iniciativa tem capacidade de criar novas oportunidades, em se antecipando aos fatos e desenvolvendo novos serviços e produtos, além de propor soluções criativas e inovadoras.

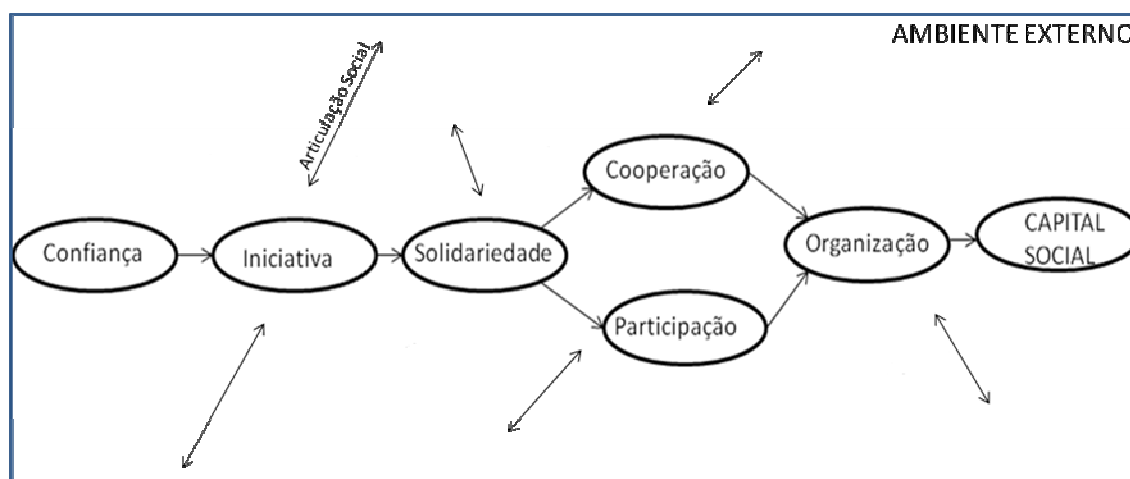


Figura 12 – Dinâmica de formação do capital social.
Fonte: Autora (2009)

Um importante fator em todas as etapas da construção do capital social traduz-se no apoio carreado pelos membros externos, vindo sob diferentes formas, como apresenta a tabela abaixo:

| AÇÃO | MEMBROS EXTERNOS |
|---|--|
| incentivar e motivar os integrantes do grupo; | Padre Mota, grupos religiosos de outras comunidades. |
| Oferecer cursos e palestras | SEBRAE, associações. |
| Angariar financiar a fundo perdido | Projeto são José, representando o banco Mundial; |
| Prover estrutura física para a associação; | Pai de Rosa |
| Dar apoio institucional | Prefeitura |
| Oferecer suporte nas vendas. | SEBRAE, CEART |

Quadro 17 – Ações elaboradas por membros externos.
Fonte: Dados da pesquisa (2009)

Optou-se em chamar esta categoria de “articulação social”, onde Woolcock (1999) considera uma dimensão do capital social as relações entre comunidade e instituições públicas e ou privadas, em que os representantes e líderes exercem um importante papel de natureza conectiva.

Antecedendo à iniciativa está a confiança, no caso específico, já existente entre os membros, uma vez que todos se conhecem desde a infância, tendo Rosa como professorar. Putnam (2005) afirma ser a confiança elemento promotor da cooperação, constituindo-se em uma espécie de contexto de relacionamento. Este fator é determinante na facilitação da ação social humana, por fortalecer as regras de reciprocidade.

Envolvendo todos os membros numa rede de solidariedade social, Bilgrien (1999) afirma que a solidariedade acontece quando os indivíduos se ajudam uns aos outros na solução de problemas e ou quando um indivíduo se coloca no lugar de outro.

Por sua vez, os membros da associação sentiram a necessidade premente de cooperar e de participar das decisões políticossociais e administrativas, buscando novos desafios.

No mercado de trabalho atual, a cooperação se mostra pela fusão de muitas forças, do que resulta uma força maior, originando-se disso uma força social comum, que produz resultado mais eficaz do que o advindo da força individual, dos trabalhadores, isoladamente. Dessa forma, a cooperação acaba por fortalecer aqueles que não conseguem, sozinhos, ter acesso à renda e à inclusão social (JESUS e TIBIRA, 1999).

Posteriormente, a organização foi vista de forma prioritária, posicionando-se em torno de objetivos comuns. Dornelas (1999) afirma que a organização é um conjunto de duas ou mais pessoas que realizam tarefas, seja em grupo e ou individualmente, mas de forma coordenada e controlada.

A dinâmica de desenvolvimento do Capital Social, na comunidade em estudo, não adota o modelo desenhado por Neto e Froes (2002).

CONCLUSÃO

Este estudo objetiva Analisar a dinâmica de formação do capital social, à luz do modelo de Neto e froes (2002).

No que se refere ao primeiro objetivo específico, buscou-se Investigar os fatores determinantes identificados por Neto e Froes (2002), no processo de formação do Capital Social em comunidade de baixa renda. Ficou evidenciado que a formação do capital social apresentou-se de forma diferente, com modificações aposta à estrutura proposta pelos autores, em desenho circular na qual todos os fatores atuam de forma conjunta. No caso investigado, constatou-se que seis fatores contribuem para a formação do capital social em uma dinâmica linear com assimetria. Identificando-se que a confiança entre os membro foi o ponto de partida neste processo. A iniciativa da Líder Rosa ensejou o desenvolvimento da comunidade em uma rede de solidariedade social, motivando os integrantes a cooperarem, participarem e se organizarem. Observou-se ainda uma sétima categoria, a “Articulação social” que se destacou influente em todo o processo da formação do capital social.

O segundo objetivo específico buscou avaliar a atuação destes fatores na formação do capital social da referida comunidade. A pesquisa identificou importantes ações que contribuíram para o desenvolvimento local da comunidade, partindo-se da organização de seus membros, destacando-se: o acesso a instalações elétricas; a compra de um trator para beneficiar os agricultores; (quatro empréstimo a fundo perdido), compra de equipamentos e matéria-prima para a associação, construção do galpão da fábrica, sua ampliação geral; aquisição do material relativo ao encanamento de água para a comunidade; acesso a consultas médicas, diminuição do índice de analfabetismo e geração de emprego e renda.

Nesse contexto, ressalta-se a importância do capital social em comunidades de baixa renda, defendida por diversos estudos da temática, como: Franco (2000), Banco Mundial (2000), Neto e Froes (2002) e Coleman (1989).

Os resultados deste estudo permitiram destacar as implicações gerenciais concernentes ao arranjo produtivo local pesquisado.

Destacam-se pontos positivos relativo à comunidade, a transparência na gestão financeira, gerando a credibilidade da associação com as instituições colaboradoras, notadamente: Banco Mundial, SEBRAE-CE e governo do estado; a presença de uma firme atuação de liderança e ainda o espírito cooperativo e solidário manifestado pelos membros da comunidade.

Por outro lado, foram identificadas falhas gerenciais na associação, notadamente no que se refere ao planejamento mercadológico e desconhecimento das técnicas de marketing. Embora seja conhecido internacionalmente, constituindo-se referência no Estado, no que tange a iniciativas exitosas em associativismo, não se observa um aproveitamento destas vantagens no que se relaciona à ampliação dos canais de venda, e extensão da linha de produtos.

Nesse sentido, sugere-se que a associação invista em uma marca logotípica para que seus produtos se tornem mais competitivos no mercado, utilize canais como a internet, para divulgação e venda; diversifique sua linha de produtos, buscando não vender apenas redes, por serem estes produtos de alto custo auto, e por fim, promova a integração em redes solidárias.

Este trabalho apresenta algumas limitações. Entre elas as que dizem respeito às entrevistas de campo, por não ter havido a possibilidade de entrevistar todos integrantes que compunham a fundação da associação. Os imprevistos surgidos quando da leitura das Atas de reuniões da entidade, por apresentarem falhas relacionais, como erro ortográfico e de concordância, que acabaram dificultando a interpretação das ações expostas no contexto documental.

Considerando as conclusões precedentes, torna-se possível levantar algumas recomendações de aprofundamento do tema em questão, visando a um maior

desenvolvimento tecnocientífico na área, em complementação ao presente trabalho, destacando-se os seguintes aspectos:

- o capital social em outras comunidades, visando a observação da dinâmica de formação;

- Análise da formação do capital social na comunidade em estudo buscando a visão de outros atores, na qualidade de membros externos.

Por fim, espera-se que este trabalho tenha contribuído para o avanço do conhecimento acerca do tema proposto, mediante ampliação das recentes pesquisas sobre a utilização do capital social como estratégia para novas opções de desenvolvimento.

Espera-se que o presente trabalho desperte o interesse das diversas instituições públicas e privadas, em focar, nas potencialidades da região, a possibilidade de multiplicação das ações até hoje desenvolvidas, tendo como propósito dilatar a abrangência dos procedimentos de um público ainda não contemplado.

REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S.; BRITO, J. **Arranjos produtivos locais**: uma nova estratégia de ação para o Sebrae. São Paulo: RedeSiste, 2002.

ALTENBURG, T.; MEYER, S. **How to promote clusters: Experiences from Latin América**. Great Britain: World Development, 1999.

AMARO, R. As Novas Oportunidades de Desenvolvimento Local. *in A Rede para o desenvolvimento local*, n.º 8, pp. 16-22, Faro: *In Loco*, 1993.

AMORIM, Mônica Alves; SCIPIÃO, Tatiana Teófilo. **O território e a organização da pequena**. Universidade Aberta do Nordeste, 2007.

AROCENA, J. **El Desarrollo Local**: Un Desafio Contemporaneo. Montevidéo: Nueva Sociedad, 1995.

ARAÚJO, Maria Arlete Duarte de; MOREIRA, Carlos Antônio de Lima. **Gerenciamento das Pessoas em uma Associação de Trabalho**: Novas Formas de Participação? Rio de Janeiro ENAMPAD, 2000.

ARRUDA, Marcos. **Humanizar lo Infra-Humano: La formación del ser humano integral: homo evolutivo, praxis y economía solidaria**. Barcelona: Icaria Editorial, 2005.

BANCO MUNDIAL. O Banco Mundial e a educação no Brasil. Disponível em: <<http://worldbank.org>>. Acesso em: 15 jan. 2009

BARDIN L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BANCO MUNDIAL. Disponível em: <<http://web.worldbank.org/WBSITE/EXTERNAL/TOPICS/EXTSOCIALDEVELOPMENT/EXTTSOCIALCAPITAL/0>>. Acesso em: 01 fev. de 2009

BEEL, Ademar. Limites e possibilidades de organização dos excluídos. Os projetos comunitários da Cáritas Brasileira. GAIGER, Luiz I. (org.) **Formas de combate e resistência à pobreza**. S. Leopoldo RS: Ed. Unisinos.1996.

BILGRIEN, Marie Vianney. **Solidarity. A principle, an attitude, a duty? Or the virtue for an interdependent world?** New York: editora: 1999.

BOISIER, S. Desarrollo (Local): *¿De qué estamos hablando?* In: BECKER, F., BANDEIRA, S. P. (Orgs). **Determinantes e desafios contemporâneos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

BOURDIEU, P. **Les trois états du capital culturel**. Local: Actes Rech. Sci. Soc., 1979.

BURGESS, Mirian Tereza. **Pintadas: Gestão Social em um Modelo Democrático-Participativo**. Salvador: NPGA/EAUFBA, 1997.

BRITO, S. **Structural Holes: The Social Structure of Competition**, Harvard University Press, Cambridge, MA, 1992.

CANÁRIO, R. Desenvolvimento Local e Educação não Formal. In **Educação e Ensino**, nº 11, pp. 31-34, Setúbal: AMDS, 1998.

CASSIOLATO J. E; LASTRES, M Helena. O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, M. Helena *et al* **Pequenas empresas: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

COLEMAN, J. S. *Social capital in the creation of human capital*. **Am. J. Sociol**, nº, 1988.

_____ *The realisation of effective norms*. In COLLINS, R. (org.) **Four Sociological Traditions: Selected Readings**. Nova Iorque: Oxford Univ. Press, 1994.

_____ **A History of political thought from ancient Greece to ealy cristianity**. Blackwell: Oxfort, 2000.

COLEMAN, Brett. *The impact of group lending in Northeast Thailand*. **Journal of Development Economics**, 1999.

COSTA, Ivani. **O capital social como instrumento para viabilização do desenvolvimento local e sustentável: um estudo comparativo entre localidades participantes do pacto "Novo Cariri" dentro do programa SEBRAE-PB / REDE DLIS**. João Pessoa: editora, 2007.

CRANT, J. M. *Proactive Behavior in Organizations*. **Journal of Management**, 2000.

CROCCO, M.A. LEMOS, M.B.; Competitividade e dinâmica comparativa das regiões metropolitanas brasileiras. In: Encontro Nacional de Economia. **Anais**. Campinas: ANPEC, 2000.

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

DE FRANCO, Augusto. O conceito de capital social e a procura de um índice sistêmico de desenvolvimento local integrado e sustentável. In SILVEIRA, Caio Márcio, 2001.

DIAS, M. M. **Glossário de termos utilizados no desenvolvimento rural**. Rio de Janeiro: Instituto Souza Cruz, 2006.

DOLABELA, F. **Oficina do Empreendedor**: a metodologia de ensino que ajuda a transformar conhecimento em riqueza. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

ESTEVA, G. Desenvolvimento. in SACHS, W. (ed.). **Dicionário do Desenvolvimento**. Guia para o Conhecimento como Poder. Petrópolis: Vozes. 2000.

FAFCHAMPS, M. *Social Capital and Development*. **Oxford University Department of Economics Discussion Paper Series**. Rio de Janeiro, dez. 2004.

FINE, Ben. **Social Capital versus Social Theory**. *Political Economy and Social Science at the Turn of the Millenium*. Londres: Routledge, 2001.

FERRAREZI, E. Capital Social: conceitos e contribuições às políticas públicas. **Revista do Serviço Social**, Brasília, a. 54, n.4, out/dez, 2003.

FISCHER, Fernando; NASCIMENTO, Antônio. **Projeto Redes Pintadas**. Bahia: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, 2002.

FRANCO, A. **Porque precisamos de desenvolvimento Local Integrado e sustentável**. Brasília: Instituto de Política, 2000.

_____, Augusto de. **Pobreza e desenvolvimento local**. São Paulo: A&D, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Porto: Afrontamento, 1975

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade e outros Escritos**. Lisboa: Moraes Editores, 1977.

FRIEDMANN, J. Empowerment. **Uma Política de Desenvolvimento Alternativo**. Oeiras: Celta, 1996

GOMES, M. A. O. *et all*. Diagnóstico rápido participativo (DRP) como mitigador de Arranjos produtivos locais e proposições de políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico impactos socioeconômicos negativos em empreendimentos agropecuários. In: **BROSE**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2001.

GOODE, W. J.; HATT, P. K. **Métodos em Pesquisa Social**. 3. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.

GRANT, N.D.C. *Some problems of identity and education: A comparative examination of multicultural education*. **Comparative Education**, nº 1, vol. 33, 2000.

GRANOVETTER, M.S. *Problems of explanation in ecologic sociology*. In nohri, N. and Eccles, R (eds). **Network and organization: structure, from and action**. Havard: Havard business school press, 1992.

HARPER, M. *Profit of the poor: cases in micro-finance*. London: ITDG Publishing, 2001.

HERMINE, G. *De Soto, Sabine Beddies, Ilir Gedeshi. Roma and Egyptians in Albania: From Social Exclusion to Social Inclusion*. Local, World Bank Publications, 2005.

HERMET, Guy. **Capital social et développement**. Colóquio“Lutte contre la pauvreté urbaine: quelles politiques?” Paris: UNESCO, 2001.

HARRISON, Jeffrey F. **Administração Estratégica de Recursos e Relacionamentos**. Local, Bookman, 2005.

HELAL, D. H.; NEVES, J. A. B.; FERNANDES, D. C. **Empregabilidade gerencial no Brasil: um estudo longitudinal**. Local, 2006.

INOJOSA, Rose Marie. Gestão social governamental: os novos paradigmas do setor público. *In: conferência internacional de gestão social*. Porto Alegre, 2004.

IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha. **Os arranjos e sistemas produtivos territoriais entre aprendizagem, inovação e cultura**. Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

JACOBS, J. **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

LANDES, D. **A riqueza e a pobreza das nações**. Porque são algumas tão Ricas e outras tão Pobres. Lisboa: Gradiva. 2002.

LASTRES, H.M.M., LEGEY, L.I. E ALBAGLI, S. Indicadores da Sociedade e Economia da Informação, do Conhecimento e do Aprendizado. *In: VIOTTI, E. E MACEDO, M. Indicadores de ciência, tecnologia e inovação*. Campinas: Unicamp, 2003.

LEMOS, C. **Notas preliminares do projeto arranjos locais e capacidade inovativa em contexto crescentemente globalizado**. Rio de Janeiro. IE/UFRJ, 1997.

LIN, Tamy Ymei. **Estudo de Modelos de Previsão de Demanda**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas e Publicações da FGV-EAESP, 1999.

YIN, Robert K. **Case Study Research: Design and methods**. USA: Sage Publications Inc., 1989.

LOCKE, R. M. **Building trust**. *Institute of Technology*. USA: Massachusetts, 2004.

MAIA, Lucia de Fátima R. Bezerra; OLIVEIRA, Joana d'Arc de. Imposto dos valores pessoais sobre o comportamento de cidadania organizacional dos funcionários do

serviço de farmácia do Hospital Universitário Walter Candido da Universidade Federal do Ceará. *In: encontro nacional de pós-graduação em administração*. Rio de Janeiro: ENAMPAD, 2007.

MARTINHO, Cássio. Algumas Palavras sobre Rede. *In* SILVEIRA, Caio Márcio; REIS, Liliane da Costa (orgs.). **Desenvolvimento local, dinâmicas e estratégias**. Rede DLIS/RITS, pp. 24-30, 2001.

MARSHALL, Alfred. **Princípios de economia**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

MAX-NEEF, M. Chamar desenvolvimento a um suicídio colectivo. *In: A Rede para o desenvolvimento local*. n.º 7, pp. 18-27. Faro: *In Loco*, 1992.

MILANI, Carlos. Teorias do capital social e desenvolvimento local: lições a partir da experiência de Pintadas (Bahia, Brasil). **Organização e Sociedade**. v. 11, Edição Especial. Salvador: EAUFBA, 2008.

MOLYNEUX, Maxine. *Gender and the Silences of Social Capital: Lessons from Latin America*. *In Development and Change*, 2002.

MOURA, Maria Suzana *et al.* **Gestão do desenvolvimento local, tempos e ritmos de construção**: o que sinalizam as práticas. Salvador: Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia, 2001.

MOREIRA, Maria Vilma Coelho; IPIRANGA, Ana Sílvia Rocha; AMORIM, Mônica Alves. **Tecnologia social para a mobilização dos arranjos produtivos locais (APLs)**: um enfoque na formação do capital social e promoção da governança. Êneo, 2004.

MALHOTRA, Naresh K. *et al.* **Introdução à pesquisa de marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 2005.

MEYER shamer, Eber. **Concentração de renda e desemprego na Região Metropolitana de Porto Alegre**: uma análise a partir das áreas de expansão de dados. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/metropole/03.pdf> Acesso em 20/02/2009.

MONJARDIM, Luís Alberto. São Paulo. Fundação Getúlio Vargas, 1996.

NAHAPIET, J.; GHOSHAL, S; **Social capital, intelectual capital and the organizational advantage**. *Academy of management review*, v 23, n.2, p242- 266, 1998.

NETO, Francisco de Paulo e FROES, César. **Empreendedorismo social**: a transição para a sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

OLIVEIRA, João Paulo; PORTO, geciane. **A Formação de Clusters no Setor de Equipamentos Médicos, Hospitalares e Odontológicos no Brasil**, 2004.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Desmascarando o latifúndio**. Brasília: Cartilha organizada pelo gabinete da Deputada Luci Choinack, 2000.

PAIVA, Caio Márcio e da COSTA REIS, Liliane (orgs.). **Desenvolvimento Local, dinâmicas e estratégias**. Rede DLIS/RITS, 2003.

PORTER, M. E. **Competição: Estratégias competitivas essenciais**. 6. Ed. São Paulo: Campus, 1999.

PORTES, Alejandro. *Social Capital: its origins and applications in modern sociology*. **Annual Review Sociology**, v. 24, n. 1, p. 1-24, 1998.

PORTES, A.; Sensenbrenner, J. *Embeddedness and Immigration: Notes on the social determinants of economic action*. In: **American Journal of Sociology**, vol. 98, 1993.

PUTNAM, Robert. *Bowling Alone: America's Declining Social Capital*. In **Journal of Democracy**, janeiro, volume 6, nº 1.1995.

_____. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

RÉGIS, Helder Pontes; DIAS, Sônia Maria Rodrigues Calado; BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. **Articulando cognição, redes e capital social: um estudo entre empresários participantes de incubadoras de empresas**. Anpad, 2007.

Robson, C. **Real World Research**. Oxford: Blackwell Publishers, 2002.

RUFINO, R., CASTILLA E., & MOORE.P. 2000. Social Capital at Work: Networks and Employment at a Phone Center. *American Journal of Sociology* 105(5): 1288–1356.

SCHIMITZ, Hubert. **Collective efficiency: growth path for small-scale industry**. Brighton: IDS, 1994.

SANTOS, G.A.G; DINIZ, E.J.; BARBOSA, E.K. **Arranjos produtivos locais e vantagens competitivas locais**. Fortaleza: BNDES, 2005.

SANTOS, Fabiana; CROCCO, Marco; SIMÕES, R. **Arranjos produtivos locais informais: uma análise de componentes principais para Nova Serrana e Ubá – Minas Gerais**. Porto Alegre: Ensaio FEE, 2003.

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEBRAE; disponível em: <http://www.busca.sebrae.com.br/search>; acessado em 5 de fevereiro de 2009.

SIRVEN, Nicolas. **Capital Social et Développement: Quelques Eléments d'Analyse**. Bordeaux: Université Montesquieu-Bordeaux IV, Centre d'Economie. 2001.

SINGER, P. Economia Solidária: um modo de Produção e distribuição. *In*: SINGER, P.; SOUZA, A.R. (Orgs). **A Economia Solidária no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2000.

SMITH, R. E., CORRADINI, C. MELONE, F. **Modeling infiltration for multistorm runoff events**. *Water Resources Research*, 1994

SILVEIRA, J.C.F. “Políticas Públicas no Vale do Jequitinhonha: A difícil construção da nova cultura política regionl”. / Joaquim Celso Freire Silva. Santo André, SP: Alpharrabio; São Caetano do Sul. SP: IMES, 2005

TONINI, hernanda; MACKE, Janaina. Confiança e capital social para desenvolvimento de comunidades rurais. O caso da Aprovale, RSGA. **Revista de gestão social e ambiental**, 2007.

TULL, D. S.; HAWKINS, D. I. **Marketing Research**: Meaning, Measurement and Method. London: Macmillan Publishing, 1976.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UAMBURE, T. Capital Social e Participação Política em Santa Cruz. *In*: CORREA, Silvio Marcus de Souza (Org). **Capital social e desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul (RS): Edunisc. 336 p.

UPHOFF, Norman; WIJAYARATNA, C. M. Beneficios demostrados del capital social a productividad de las organizaciones campesinas de Gal Oya, Sri Lanka. **World Development**, n. 11, v. 28, nov/2000.

VERGARA, Patrício. **Desenvolvimento endógeno**. Um novo paradigma para a gestão local e regional. Fortaleza: IADH, 2004.

WOOLCOCK, M. *Social capital and economic development: toward a theoretical synthesis and policy framework*. **Theory and Society**, 1998

ZOUAIN, Deborah Moraes; VIERA, Marcelo Milano. **Pesquisa qualitativa em administração**. 2. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

APÊNDICE

APÊNDICE

Questionário

INICIATIVA

9) Quais motivos o levou a se associar?

10) Quem fundou a associação?

11) “Me conte” como surgiu a idéia da associação (fotos geradores)?

12.a) Como foi fundada a associação?

12.b) Quais fatores foram determinantes para a criação desta associação? (marcar em ordem de importância. Interpretar a de acordo com a resposta da questão 12)

- A iniciativa da _____ (fundadora)
- A confiança que vocês tem uns pelos outros ou por alguém especial
- A ajuda de todos ou de um grupo para que a associação se desenvolva (cooperação)
- A forma como vocês dividem as tarefas e se organizam na associação (organização)
- Solidariedade entre vocês (quer dizer a bondade de uns com os outros)
- Participação do grupo ou de alguma pessoa.

Exemplifique

Destes fatores qual é o mais importante?

13) Quais foram as principais dificuldades encontradas no período inicial da fundação da associação?

CONFIANÇA

2) Que nível de confiança você tem por esta pessoa que fundou a associação?

- Não confio Confio Confio totalmente

Comente: _____

3) O que faz você confiar nessa pessoa?

4) Houve algum acontecimento ou atitude dessa pessoa que fez você confiar nela?
Qual? _____

5) De um modo geral, você diria que a confiança entre as pessoas desta comunidade aumentou ou diminuiu depois da criação da associação?

() Aumentou () diminuiu

Comente _____

6) De um modo geral você confia nos membros da associação?

() sim () não

Comente: _____

7) Nesta comunidade é preciso estar atento a alguém que pode tirar vantagem de você?

() sim () Não

Comente _____

8) A maioria das pessoas nesta comunidade estão dispostas a ajudar caso você precise?

() sim () Não

Comente _____

9) Agora eu quero perguntar a você o quanto você confia em diferente tipos de pessoas.

() Não confio () Confio () Confio totalmente

Membros do governo local? N ____

Comente _____

Polícia ? N ____

Comente _____

Professores? N ____

Comente _____

Lider da associação? N ____

Comente _____

Estranhos? N ____

Comente _____

10) Você acredita que esta associação tem capacidade de melhorar a qualidade de vida da comunidade? Comente.

11) O que motivou você confiar na associação?

COOPERAÇÃO

Hoje em dia, com que frequência você diria que as pessoas desta comunidade ajudam umas as outras?

() sempre ajudam () quase sempre ajudam

() algumas vezes ajudam () raramente ajudam () Nunca ajudam

12) Você considera que a associação contribui para melhorar a cooperação entre as pessoas nesta comunidade? De que forma? Dê exemplo?

13) Você considera que a maioria das pessoas nesta comunidade contribuem tempo ou dinheiro para objetivos de desenvolvimentos comuns?

Comente _____

14) Você prefere trabalhar individualmente ou em grupo? Pq?

ORGANIZAÇÃO

13) As tarefas da associação são divididas pelos membros?

14) As reuniões são devidamente documentadas?

15) Os objetivos elaborados nas reuniões da associação são alcançados?

16) As ações da associação causam algum bem à comunidade? Como? Causou ou já causaram algum mal?

SOLIDARIEDADE SOCIAL

17) A Associação ajuda você e a sua família a ter acesso a alguns dos seguintes serviços?

() Educação. De que forma?

() treinamento. De que forma?

() Serviços de saúde. De que forma?

() Abastecimento de água ou saneamento

() crédito ou poupança

() Insumos agrícolas. Quais? De que forma?

() tecnologia agrícola. De que tipo?

() Outros

32) Você pode contar com algum membro da comunidade na hora de uma necessidade? Quem? Dê exemplo de ajuda que recebeu?

PARTICIPAÇÃO

De que forma o você participa das reuniões da associação?

() apenas como ouvinte

() Da opinião quando solicitado

() é sempre ativo

33) Quais os benefícios de se fazer parte desse grupo?

melhorar renda atual do meu domicílio

melhorar o acesso a serviços. Quais?

É um bom apoio em situações de emergência. De que forma?

Ajudar a comunidade

Prazer na convivência e diversão

Auto- estima

Hoje tenho uma posição social melhor

PQ? _____

Destes benefícios cite o mais importante?

34) Quando há alguma decisão a ser tomada no grupo, geralmente como isso acontece?

a decisão é imposta de fora (governo, SEBRAE, outra associação)

o líder decide e informa aos outros membros do grupo

O líder pergunta aos outros membros do grupo o que eles acham e então decide

Os membros do grupo discutem o assunto e decidem em conjunto

A decisão é tomada de outra forma. Qual?

Explique:

35) Como são escolhidos os líderes desse grupo?

Por uma pessoa ou entidade de fora

O líder escolhe o seu sucessor

Por decisão de alguns membros

por decisão e voto de todos os membros

Explique: _____

36) Você sempre participa das reuniões?

() nunca

() as vezes

() sempre

PQ? _____

37) Acha que sua opinião é importante para os outros membros da associação?

38) Sua participação na associação causa algum bem a comunidade? De que forma? Dê exemplos. Pode causar ou já causou algum mal?

PERFIL DO ENTREVISTADO

1) Tempo de filiação à associação? _____

2) Nível de escolaridade? _____

3) Idade? _____

PERFIL DO ASSOCIADO

4) Praticava essa atividade antes de se filiar a associação?

() sim

() Não. Em qual atividade trabalhava?

5) Confecção de redes é sua atividade principal?

sim.

Não, Qual?

6) Renda obtida com redes?

ate 1 salário entre 2 e 3 salários

entre 4 e 5 salários acima de 6 salários

ANEXOS

ANEXO – A

Rendeira do Ceará fala sobre experiência de sucesso

Redação 24HorasNews

O Programa de Ação Social da Unimed Cuiabá (PróUnim) realiza, hoje (5), o 3º Fórum de Responsabilidade Social, no auditório da Cooperativa. Com o tema “Inclusão Social nas Empresas”, o evento destaca a importância da iniciativa privada na inclusão e melhoria de vida dos portadores de necessidades especiais. Dentre os palestrantes, destaca-se Maria Miguel de Oliveira, a Rosinha, fundadora da Associação de Moradores do Sítio Mocotó, no município de Várzea Alegre (CE).

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. A afirmação de Euclides da Cunha tem a dimensão exata de como se pode qualificar Rosinha. Portadora de atrofia nos membros superiores e inferiores, assim como duas das irmãs, Rosinha encontrou no artesanato, grande expoente da riqueza cultural que permeia o país, a possibilidade de alcançar os objetivos. Ainda menina, com mais irmãs, começou a trabalhar, juntamente com outras 10 crianças.

Vivendo no Sítio Mocotó, propriedade localizada às margens da Rodovia CE-060, no município de Várzea Alegre (CE), juntamente com mais 23 famílias, a artesã vivenciou a decadência da agropecuária, então a principal vocação da região. Sem nenhum tipo de infra-estrutura básica, como

água, energia elétrica e acesso à saúde e educação, a situação era agravada todos os anos, com a seca.

Porém, em 1988, a situação destas famílias começou a mudar. Uma das poucas pessoas da comunidade a estudar na cidade e participar de movimentos religiosos, Rosinha capitaneou, como questão de sobrevivência, a discussão e elaboração de uma agenda para o desenvolvimento local. Todas as reuniões resultaram na priorização da instalação, em Mocotó, de um empreendimento coletivo que gerasse renda.

Após analisar várias possibilidades, o grupo optou pela implantação de uma fábrica comunitária que produziria redes para dormir. O produto foi escolhido para aproveitar a qualificação das mulheres para os serviços artesanais de bordado, uma instituição na região. O projeto previu, inclusive, a adaptação dos equipamentos para Rosinha e as irmãs. Antes de produzir, as mulheres participaram de diversos cursos que englobavam a gestão, o empreendedorismo e o aperfeiçoamento profissional. As primeiras peças foram produzidas na sala principal da casa de Rosinha.

O resultado da produção elevou a comunidade a possuir maior destaque regional e nacional. Em maio de 1989, Rosinha fundou a Associação de Moradores do Sítio Mocotó, com 15 associados e conseguiu empréstimo, na época, de trezentos cruzados, para montar no local a Mini Fábrica Comunitária de Redes São Pedro. O capital conseguido serviu para a compra de insumos e máquinas que serviram para aperfeiçoar o trabalho.

Hoje, o empreendimento atende 200 famílias e gera renda para cerca de 500 pessoas. Produzindo 120 redes por mês, a Associação já conquista o mercado europeu. O trabalho gera, para cada uma das 37 famílias que participam diretamente do projeto produtivo comunitário, entre um e dois salários mensais.

<http://www.24horasnews.com.br/index.php?mat=272411>

ANEXO – B

ASSOCIATIVISMO

PROJETO SÃO JOSÉ GARANTE AUTO-SUSTENTAÇÃO - À COMUNIDADE DE MOCOTÓ



O prefeito Zé Helder, o governador Cid Gomes e o Padre José Mota Mendes descerraram a fita inaugurativa da nova sede da "Associação dos Fabricantes de Redes de Dormir São Pedro", situada no sítio Mocotó.

(26/08/2007) - Localizada na Sede Rural do município de Várzea Alegre, a comunidade de Mocotó é um exemplo no Estado Ceará, de que como o associativismo pode transformar a vida das pessoas.

Com trabalho, organização, credibilidade e espírito comunitário a Associação de Mocotó foi fundada em 30 de maio de 1989, pela família Miguel, sob a liderança de Francisca Miguel de Oliveira (Rosinha) e Francisca Reinaldo de Oliveira (Ceilda). A comunidade, em 18 anos de existência da Associação, se transformou.

O caminho escolhido pela Associação de Mocotó, foi o de, primeiro, fortalecer a economia da comunidade que não tinha água, energia e era pobre de infra-estrutura. Naquela época, quando o movimento associativista ganhou força, muitas associações priorizaram em seus projetos eletrificação entre outros, deixando em segundo plano, projetos de geração de renda.

A comunidade de Mocotó, em 1988, recebia da Secretaria de Planejamento do Estado (SEPLAN), através da entidade gestora, Sindicato dos Trabalhadores Rurais CZ\$ 119.517,00, para a implantação da fábrica de redes de dormir a máquinas manuais. Logo a rede produzida na

comunidade ganhou mercado.

Já organizada e com experiência de gerenciamento de projetos, em 1998 foi contemplada com a eletrificação da comunidade, obra orçada em R\$ 32.396,00. Os agricultores não ficaram de fora das conquistas da associação. Em 2000, o governo liberou pelo projeto São José, R\$ 53.117,54, para aquisição de um trator com implementos agrícolas.

Fortalecida e não havendo êxodo rural, a comunidade entrou com o projeto de abastecimento d'água, que foi liberado em 2004, com valor de R\$ 79.168,94.



o governador do estado, Cid Gomes, e o prefeito de Várzea Alegre, Zé Helder, enfatizaram, em seus discursos, a importância do associativismo como ferramenta dinamizadora do desenvolvimento sustentável local.

Agora, no governo Cid Gomes (PSB), que focalizará os projetos produtivos, a Associação de Mocotó, foi beneficiada com a reforma e ampliação da Fábrica da Redes de Dormir São Pedro, obra que teve investimento de R\$ 49.233,66.

As novas instalações da fábrica foram inauguradas pelo governador Cid Gomes, neste dia 27 de agosto, por ocasião do programa "Governo do Estado em Minha Cidade" (para conferir a reportagem

fotográfica completa.

O prefeito Zé Helder (PMDB), que em seu governo tem priorizado o associativismo, compareceu à solenidade onde discursou falando do exemplo que tem sido a Associação Comunitária de Mocotó.



A presidente da associação, Ceilda Miguel, agradeceu o apoio prestado pelo governo do estado às iniciativas produtivas implementadas sob o regime associativista.

A presidente da associação, Ceilda, na oportunidade agradeceu em nome da comunidade pela reforma e ampliação da fábrica de redes e se mostrou orgulhosa com a visita do governador ao Mocotó, parabenizando o Governo do Estado pelo novo modelo de gestão do projeto São José que prioriza os projetos produtivos, o que incentiva a comunidade a buscar novas conquistas nessa área.

<http://www.varzeaalegre.ce.gov.br/mat223.htm>

ANEXO – C

Case de superação no III Fórum de Responsabilidade Social PróUnim

05 November, 2008 12:57:00 Bpw Brasil



Rosinha palestrante principal

Acontece nesta quarta-feira, 5 de novembro, em Cuiabá, o III Fórum de Responsabilidade Social PróUnim, com o tema: Inclusão Social nas Empresas. O evento é gratuito e será aberto, às 14 horas para credenciamento. A abertura será feita por Kamil Fares, presidente da Unimed Cuiabá e Ivana Piagtto Fares, presidente da PróUnim. ocorrerão duas palestras, uma das 15h30, às 16h00 com o Supermercado Big Lar, representado por Maria Alaide Bruno Teixeira. A palestra principal será das 16 às 17h30, com Maria Miguel de Oliveira (Rosinha), vice-presidente da Associação Comunitária do Sítio Mocotó- Várzea Alegre - Ceará, que tem um grande case de superação. No final das palestras haverá apresentação com o Coral do mestre Albertino e happy-hour.

A BPW Brasil tem articulado junto a diversas organizações a palestra de Rosinha, que vem sempre acompanhada da past-president da BPW Fortaleza, Jovina Albuquerque.

Mais do que um case de sucesso, um testemunho de vida. Maria Miguel de Oliveira (Rosinha), vice-presidente da Associação de Moradores do Sítio Mocotó, em Várzea Alegre-CE, é um exemplo de superação que deveria ser visto por pessoas de todo o país e do mundo. Tem uma história que não é comum e serve de exemplo para o Brasil e para o mundo. Em suas palestras ela tem se destacado, contando sua trajetória marcada pela garra e determinação. Sofre de um problema de atrofiamento nos membros superiores e inferiores, devido a uma doença na infância, é órfã de pai e mãe. Reside numa localidade muito pobre. Tinha tudo para ser um caso de exclusão, mas sua deficiência não a impediu de buscar uma carreira, primeiro como professora e depois como artesã.

A artesã exerce forte liderança local: em maio de 1989 fundou a Associação de Moradores do Sítio Mocotó, que atualmente é presidida por sua irmã Ceilda, que também sofre de atrofiamento físico. Desde então tem dado importante contribuição para a organização produtiva local de pequenos negócios e ao desenvolvimento dos territórios rurais brasileiros. Na época ela conseguiu recursos

para montar na associação, a mini-fábrica Comunitária de Redes São Pedro. Com os recursos financeiros que captou, foram comprados tecidos, linhas, máquinas de madeiras e teares (adaptados para as necessidades físicas dela e de suas duas irmãs, Ceilda e Cileide que também têm a mesma deficiência. Hoje as redes que confecciona, bordadas e de crochê, conquistaram mercado até na Europa, a exemplo da França. A produção média mensal da fábrica de redes é de 120 unidades. Isso garante uma renda que varia entre um e dois salários mínimos para cada associada.

Ivana Fares, presidente da Prounin disse que Rosinha é portadora de necessidades especiais, mas não passa por nenhum momento um quadro de vida negativo e de exclusão, pelo contrário. É uma pessoa confiante e muito positiva em relação à vida. Felizmente, a deformidade congênita, que lhe atrofiou membros superiores e inferiores não impediu seu crescimento como empreendedora, só trouxe-lhe dificuldades para locomoção, mas isso ela também supera. Vale destacar que ao invés de andar de cadeiras de rodas, ela optou por se locomover usando uma bota ortopédica no joelho, que ela mesmo desenvolveu o protótipo. Isso, a artesã, lhe dá mais independência e agilidade.

A comunidade de Mocotó, através do trabalho iniciado por Rosinha tornou-se mais organizada e experiente em gerenciamento de projetos, sendo contemplada com a eletrificação, abastecimento de água e aquisição de um trator com implementos agrícolas. Hoje a comunidade, devido a uma forte liderança, também está fortalecida e não se registra no local o êxodo rural, tendo infra-estrutura, para trabalho e renda, importantes para o seu potencial sócio-econômico. O projeto de rede comunitária atende cerca de 50 famílias diretamente, além de beneficiar as comunidades do entorno, atingindo mais de quinhentas pessoas indiretamente.

Rosinha atribui o desempenho do grupo de artesãos de Mocotó ao trabalho de consultoria, cursos, rodadas de negócios e feiras promovidos pelo Sebrae/CE, os quais foi possível ela e demais participantes a adquirir conhecimento e formação para continuar o trabalho empreendedor.

A jornalista e empreendedora social, Sueli Batista, primeira vice-presidente da Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais- BPW Brasil, desde que conheceu a artesã, em 2006, tem promovido as palestras da artesã, e tornando pública sua história em diversas partes do país, dentro de um processo socialmente responsável, da organização. Ela diz que “superação além dos limites físicos, resistência para enfrentar os obstáculos e muita perseverança, ainda é pouco para definir o perfil de Rosinha. Ela lembrou das palavras ditas recentemente no Congresso Nacional, pela deputada federal Gorete Pereira, do Ceará, “nossos problemas ficam pequenos diante da força e da coragem da Rosinha”.

No evento do Prounim, Rosinha estará acompanhada da past-presidente da Associação de Mulheres de Negócios e Profissionais de Fortaleza- BPW Fortaleza, Jovina Albuquerque. A artesã, já veio à Mato Grosso, em 2006, à convite da BPW Brasil, quando participou da sua convenção nacional, que ocorreu no Pantanal. Neste ano, ela veio em março na cidade de Rondonópolis, a convite da Associação Comercial e Industrial - Acir, e em julho, retornou a convite do Sebrae/MT, quando participou da Feira do Empreendedor e Circuito Empreendedor do Vale do Guaporé, que ocorreu no município de Pontes e Lacerda.

Dentre os destaques da trajetória de Rosinha, vale dizer que é vencedora da etapa estadual do prêmio Sebrae Mulher de Negócios, 2006, no Ceará, ganhou em 2007 o Prêmio do Banco Mundial de Cidadania. Em fevereiro deste ano, Rosinha representou o Brasil no Encontro da Rede Nacional de Mulheres, no México, e no mês de março deste ano, recebeu o Diploma Mulher-Cidadã CarlotaPereira de Queirós, conferido para apenas cinco mulheres no Brasil, pela Câmara dos Deputados.

<http://www.bpwbrasil.org/noticias/locais/61.html>

19/3/2006 - Cases prometem emocionar participantes da 18ª Confam

Cases prometem emocionar participantes da 18ª Confam

Durante a 18ª Confam - Convenção da Federação das Associações de Mulheres de Negócios e Profissionais, evento da BPW Brasil, que ocorrerá em Cuiabá-MT, com a co-participação da BPW Cuiabá, três cases de sucesso, um em nível local e dois nacionais, focados no empreendedorismo feminino serão apresentados. Os relatos de experiências prometem emocionar e conscientizar que as portas no mundo dos negócios nem sempre se abrem de uma só vez e que não existem limites entre o querer e o poder. O evento ocorrerá na capital mato-grossense e no Pantanal, no período de 2 a 6 de setembro e reunirá mulheres de todas as regiões do país e de várias localidades do exterior, a exemplo da Tailândia, de onde virá a presidente da BPW Internacional, Chonchanock Viravan.

Três empreendedoras de sucesso participam do evento. Joice Roncaglio, empresária, da Padaria Queijo & Cia, de Foz do Iguaçu-PR, vencedora da primeira edição do Prêmio Sebrae Mulher Empreendedora, pela região sul. Também focada no prêmio virá a artesã Maria Miguel de Oliveira (Rosinha), vice-presidente da Associação Comunitária de Mocotó, Várzea Alegre- CE, que conquistou a segunda edição do Prêmio Sebrae Mulher Empreendedora, fase estadual, pelo Ceará, na categoria Núcleo de Produção Formal. Vale destacar que a premiação é um incentivo ao empreendedorismo feminino criado em parceria com a BPW Brasil e a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres-SPM, em 2004. A terceira convidada, é a empresária Ana Virgínia Ferraz de Matos, diretora da Matos & Matos, franquia O Boticário de Cuiabá e Várzea Grande.

Dentre os três relatos, a presidente da Comissão Organizadora da 18ª Confam, Sueli Batista, destaca que um deles, o da Rosinha, é mais do que um case de sucesso, mas sim, o mais lindo testemunho de vida que já ouviu e que vale a pena ser compartilhado, e é isso que ela está fazendo. Seu contato com a artesã se deu quando foi proferir palestra, na capital cearense, em março deste ano, sobre mulher e empreendedorismo social, a convite da BPW Fortaleza, e do Sebrae Ceará, durante a entrega do Prêmio Mulher Empreendedora.

“Superação além dos limites físicos, resistência para enfrentar os obstáculos e muita perseverança, isto ainda é pouco para definir o perfil de Rosinha”, disse Sueli. Afinal, ela é portadora de necessidades especiais, nasceu com deformidade congênita, que lhe atrofiou membros superiores e inferiores que impediu seu crescimento e trouxe-lhe dificuldades para locomoção. Se isso não bastasse, ficou órfã de pai e mãe ainda criança, numa família de 15 irmãos. Com todo este quadro aparentemente negativo para o seu sucesso, ela não se limitou e foi a luta de forma surpreendente por seus objetivos, sem sair da comunidade em que nasceu o Sítio Mocotó, zona rural da cidade de Várzea Alegre-CE.

O case de rosinha

Ainda menina, Rosinha e mais cinco irmãs, duas que tem o mesmo problema de atrofiamento, começaram a trabalhar, juntamente com outras 10 crianças. Mostrou desde a infância uma grande vontade de vencer e encontrou no artesanato uma forma de progredir, alcançando assim seus objetivos de tornar-se uma mulher empreendedora. No percurso desta caminhada bem sucedida, seu sonho começou a se tornar realidade a partir de 1988, através de capacitação profissional com técnicos do Sebrae/CE.

Exercendo forte liderança local, em maio de 1989 fundou a Associação de Moradores do Sítio Mocotó, com 15 associados e conseguiu empréstimo, na época, de trezentos cruzados, para montar no local a mine Fábrica Comunitária de Redes São Pedro. Com o recurso financeiro foram comprados tecidos, linhas, máquinas de madeiras e tear, três adaptados para as necessidades físicas dela e de suas duas irmãs.

Para se ter uma idéia do resultado da iniciativa, vale destacar que o empreendimento atende duzentas famílias e gera emprego e renda para 500 pessoas, além de atuar em outras quatro localidades do entorno. O produto confeccionado na fábrica tem design competitivo e já conquistou o mercado europeu, sendo comercializando entre outros países, para a França.

Rosinha atribui o desempenho do grupo de artesãos de Mocotó ao trabalho de consultoria, cursos, rodadas de negócios e feiras promovidos pelo Sebrae/CE, os quais foi possível adquirir conhecimento e formação para continuar o trabalho empreendedor.

“A história de Rosinha não é comum e serve de exemplo para o Brasil e para o mundo, e é isto que tenho mostrado, depois de tê-la conhecido, nas palestras que tenho realizado em diversas partes do país”, disse Sueli. A vinda da artesã a Cuiabá foi resultado de um convite seu, durante a palestra que proferiu, para que Rosinha participasse da 18ª Confam. O diretor técnico, Sérgio Sousa Alcântara de imediato comunicou a presidente da BPW Fortaleza, Jovina Albuquerque, que o convite estava aceito. O que mostrou sensibilidade e compromisso com a responsabilidade social.

<http://www.bpwcuiba.org.br/mostrar-noticias.asp?id=275>

ANEXO – E

A comunidade de Mocotó é formada por 37 famílias de produtores rurais, que tiveram suas vidas modificadas após a implantação do projeto produtivo da fábrica de redes com máquinas manuais. Percebendo a vocação dos moradores da comunidade para o trabalho artesanal, o Governo do Estado do Ceará, por meio do Projeto São José, em parceria com o Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA), promoveu a organização dos produtores da região, através de cursos de gestão, associativismo e empreendedorismo rural.

Artesanato

Segundo dados do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o artesanato é fonte de emprego e renda para 8,5 milhões de brasileiros, e responsável pela movimentação anual de R\$ 28 bilhões no País.

São muitas famílias e pequenos empreendedores ligados a essa atividade que, além do grande valor econômico, possui importante valor cultural e social, promovendo a preservação de costumes centenários e a consciência ecológica das novas gerações por meio da reciclagem de materiais. O potencial criativo expresso nos trabalhos artesanais é ilimitado e, em especial no Brasil, reflete a diversidade e a riqueza cultural da população. Na produção de artesanato podem estar envolvidas populações rurais ou urbanas, além de indivíduos de várias faixas etárias. Nesse sentido, o incentivo a empreendedores nesse setor é de importância vital em um país que, como o Brasil, luta contra a pobreza e a favor da preservação da identidade cultural.

Mas os obstáculos são grandes e o processo de implantação do artesanato como uma atividade regular e economicamente viável encerra muitos desafios.

Vencendo a pobreza rural

O município de Várzea Alegre localiza-se no Cariri, Ceará e enfrenta problemas muito comuns da região Nordeste.

Durante muito tempo, a pecuária bovina e a agricultura, especialmente as culturas do algodão arbóreo e herbáceo, do feijão, do milho e do arroz, foram a base da economia do município. Essas atividades garantiam uma economia forte e geradora de emprego e renda. Com a falta de incentivos para o desenvolvimento da agropecuária, e sua conseqüente decadência, a comunidade dependia da agricultura familiar de subsistência. As famílias viviam

com dificuldade e a situação se tornava crítica nos períodos de seca. Os produtores locais precisavam encontrar novas alternativas econômicas.

Sítio Mocotó

Localizado às margens da Rodovia CE 060, que liga os municípios de Várzea Alegre e Granjeiro, a comunidade do Sítio Mocotó pode ser descrita hoje, em

2008, como Marisa Monte canta em uma de suas músicas: *Há um vilarejo ali, onde areja um vento bom, na varanda, quem descansa, vê o horizonte deitar no chão. Lá o mundo tem razão, terra de heróis, lares de mãe, paraíso se mudou para lá. Por cima das casas, cal, frutas em qualquer quintal, peitos fartos, filhos fortes, sonho semeando o mundo real. Lá o tempo espera, lá é primavera, portas janelas ficam sempre abertas pra sorte entrar. Em todas as mesas, pão. Flores enfeitando, os caminhos, os destinos...* Na década de 1980, esta não era a realidade das 23 famílias, constituídas de pequenos produtores rurais, que moravam no Sítio Mocotó. Sem infraestrutura básica como energia elétrica, água potável, transportes, estradas, escolas e assistência médica, a cada seca a situação se agravava, intensificando o êxodo rural. Porém, os que permaneciam no Sítio, como a agricultora Rosinha e sua família, precisavam

pensar em alternativas para sua sobrevivência. Mas o que fazer se a vocação agrícola da região precisava de apoio? Como identificar uma vocação? Não havia tempo a perder, por isso Rosinha teve oportunidade de estudar na cidade e de participar de movimentos religiosos.

Em 1983, após a realização de um diagnóstico das potencialidades dos pequenos negócios no município de Várzea Alegre, constatou-se que na comunidade do Sítio Mocotó, existiam pessoas que trabalhavam confeccionando toalhas de crochê bordadas. O grupo de mulheres decidiu realizar uma série de reuniões para discutir a solução dos problemas da comunidade.

A ação priorizada foi a instalação, em Mocotó, de um empreendimento coletivo que gerasse renda. Após a análise de várias oportunidades de investimento, decidiu-se pela implantação de uma fábrica comunitária de redes de dormir, tendo em vista a qualificação das mulheres para os serviços de bordado, crochê e o acabamento do processo produtivo da rede. O projeto da fábrica foi elaborado de forma participativa e previu, inclusive, a adaptação dos equipamentos para uso das irmãs portadoras de necessidades especiais.

Antecedendo o início da produção, foram realizados cursos de gestão, associativismo empreendedorismo rural, aperfeiçoamento em crochê, bordado e *design*.

“A fábrica começou na sala principal da minha casa. Trabalhar em conjunto foi muito importante para fortalecer ainda mais o espírito de cooperativismo e união do grupo”, lembra Rosinha. O trabalho não foi em vão. Com a confecção das redes, a comunidade passou a ter um maior destaque no mercado local e regional. Exercendo forte liderança local, em maio de 1989, Rosinha fundou a Associação de Moradores do Sítio Mocotó, com 15 associados e conseguiu empréstimo, na época, de trezentos cruzados, para montar no local a mini Fábrica Comunitária de Redes São Pedro. Com o recurso financeiro foram comprados tecidos, linhas, máquinas de madeiras e tear. Hoje, segundo Rosinha, o empreendimento atende duzentas famílias e gera emprego e renda para 500 pessoas, além de atuar em outras quatro localidades do entorno. O produto confeccionado na fábrica tem *design* competitivo e já conquistou o mercado europeu, sendo comercializado entre outros países, na França.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)